

DANÇANDO COM A ALMA

DIÁLOGOS SOBRE DANÇA ESPÍRITA



Educere
editora



Associação Brasileira de Artistas Espíritos
ABRARTE



DANÇANDO COM A ALMA

DIÁLOGOS SOBRE DANÇA ESPÍRITA



Organização:

Associação Brasileira de Artistas Espíritas - Abrarte

DANÇANDO COM A ALMA

DIÁLOGOS SOBRE DANÇA ESPÍRITA

Autores:

Daniela Luciana P. Soares
Denize Moura Dias de Lucena
Eneida Gomes Nalini de Oliveira
Mariângela Damiani Gonçalves
Paula Salles
Paulo César Silva

Belo Horizonte



2012



Produção Editorial:

Editora Educere

R. Timbiras, 1940 / 712 - CEP 30140-061 - Belo Horizonte - MG

Tel.: + 55 31 3327-7774

contato@editoraeducere.com.br

www.editoraeducere.com.br

ABRARTE

Associação Brasileira de Artistas Espíritas

Av. Mauro Ramos, 458 – Centro – CEP 88020-300 – Florianópolis/SC

www.abrarte.org.br

Tiragem: 1.000 exemplares

Revisão Ortográfica: Gláucio V. Cardoso

Imagens gentilmente cedidas por: Abraão Gomes Soares Jr.

Capa, projeto gráfico e diagramação: Walter Santos

Dançando com a alma - Diálogos sobre dança espírita / Daniela Luciana

P. Soares [et al.] - 1a ed

Editora Educere: Belo Horizonte, MG, 2012

160pp. 14x21 cm

ISBN 978-85-65641-01-2

1.Espiritismo. I.Abrarte. II.Título

CDD 133.9

CDU 133.9

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO.....	7
I ESPIRITISMO NA DANÇA <i>Daniela L. Pereira Soares</i>	9
II DANÇA CONTEMPORÂNEA E ESPIRITISMO: CAMINHOS PARA O CONHECIMENTO <i>Paula Salles</i>	17
III DANÇA ESPÍRITA - O QUE SABEMOS? <i>Denize de Lucena</i>	25
IV A DANÇA NA EDUCAÇÃO DO ESPÍRITO <i>Paulo César da Silva</i>	35
V INFÂNCIA E ARTE OU ONDE SE INICIA A FORMAÇÃO DO ARTISTA ESPÍRITA <i>Daniela L. Pereira Soares</i>	47
VI DANÇA ESPÍRITA ALGUMAS RELAÇÕES ENTRE A DANÇA E A RELIGIÃO <i>Paulo César da Silva</i>	61
VII A DANÇA COMO EXPRESSÃO DO ESPÍRITO <i>Eneida Gomes Nalini de Oliveira</i>	83
VIII DANÇA É ARTE? <i>Mariângela Damiani Gonçalves</i>	89
IX COMO NASCEM AS COREOGRAFIAS? <i>Denize de Lucena</i>	95
X TÉCNICA E MENSAGEM NA DANÇA ESPÍRITA: A BUSCA DO EQUILÍBRIO PERFEITO <i>Daniela L. Pereira Soares</i>	109
XI A DANÇA NA CASA ESPÍRITA: BUSCANDO CAMINHOS POSSÍVEIS <i>Daniela L. Pereira Soares</i>	123
XII ARTE NA CASA ESPÍRITA: EDUCAÇÃO DO ESPÍRITO <i>Denize de Lucena</i>	135
XIII A SENSIBILIZAÇÃO DOS SENTIDOS <i>Mariângela Damiani Gonçalves</i>	149
APÊNDICE – SOBRE OS AUTORES	157

APRESENTAÇÃO

Dentro de sua proposta institucional de fomentar o desenvolvimento da Arte Espírita, é com alegria que a Abrarte apresenta ao leitor a presente obra.

Trata-se de uma coletânea de artigos de companheiros há muito tempo comprometidos com o desenvolvimento da atividade artística, mais especificamente a Dança, perante o saber espírita.

Dançando com a Alma não traz fórmulas prontas, nem pretende dar a palavra final sobre o assunto. Antes, propõe-se a trazer reflexões sobre esta importante manifestação cultural da humanidade – tão antiga quanto as demais expressões artísticas – sob as luzes do Consolador prometido pelo Cristo.

Agradecemos aos autores pelo empenho e dedicação demonstrados na produção deste livro.

Diretoria da Abrarte
(Gestão 2011-2013)

* Esta publicação têm por objetivo proporcionar o debate e a reflexão em torno dos assuntos tratados. Os artigos são de responsabilidade de seus autores e não necessariamente refletem o posicionamento da diretoria da Abrarte.



ESPIRITISMO NA DANÇA

Daniela L. Pereira Soares

(...) Cada vez que penso em dança / Meu corpo ganha uma vida exuberante / Um brilho que nenhum ser humano tem / Minhas mãos falam várias línguas / Que todos conseguem entender / Meus pés ganham vida como se dançassem sós / Meu corpo grita / Todas as palavras do meu espírito / Como se eu nunca tivesse falado (...).

Mayra Santos

Se apurarmos o nosso olhar no movimento de arte espírita, mais precisamente nas diferentes linguagens artísticas presentes no movimento, veremos que enquanto os grupos de música, os corais, os grupos teatrais representam centenas no movimento espírita, a dança ainda se move timidamente nestes cenários. Os motivos são inúmeros. Vão desde o preconceito para com esta forma de arte, geralmente vinculada à sensualidade e temas menos dignos veiculados pela mídia, até a falta de pessoas preparadas para trabalhar com um grupo de interessados, já que exige uma formação técnica. Nosso intuito não é o de fazer comparações, nem

quantificarmos qual linguagem artística têm mais adesões no movimento espírita, apenas aguçarmos mais o nosso olhar para enxergarmos a dança no contexto do movimento de arte espírita. Apesar de se verificar um crescimento no número de grupos espíritas de dança, sua representatividade ainda é pequena em relação às demais formas artísticas.

Além de contextualizar a dança no movimento espírita, nosso objetivo é refletir sobre sua especificidade e os benefícios de sua prática de forma sucinta, baseando nossa fala na experiência de dez anos no trabalho de difusão do espiritismo na dança, do nosso contato com grupos espíritas de dança por meio da Mostra Espírita de Dança “Oficina do Espírito”¹ e do embasamento teórico de pesquisadores da dança e de autores da nossa vasta literatura como Léon Denis.

Entendemos aqui por grupo espírita de dança, um conjunto de pessoas, sejam jovens, adultos ou crianças, que se reúnem regularmente para aprimorarem técnicas de dança, estudarem e montarem coreografias à luz do espiritismo, bem como realizarem apresentações.

(...) Sim, certamente o Espiritismo abre à arte um campo novo, imenso e ainda inexplorado; e quando o artista reproduzir o mundo espírita com convicção, haurirá nessa

1 A I Mostra Espírita de Dança “Oficina do Espírito”, aconteceu em 5 de Outubro de 2001 no Instituto de Difusão Espírita, na cidade de Araras/SP. Ela foi criada e idealizada pelos integrantes do Grupo Espírita de Dança Evolução, com o intuito de: divulgar e valorizar a dança como forma de expressão artística dentro do movimento espírita, propiciando espaço para que ela se desenvolva; promover a integração e a troca de experiências entre diferentes grupos espíritas de dança; estimular criação coreográfica embasada nos ensinamentos espíritas (nas obras básicas da codificação); propiciar o estudo e reflexão acerca da arte espírita. Em sua 1ª edição contou com as seguintes participações: Grupo JECAL, Grupo FEH, Grupo Graça e Luz e Casas André Luiz (São Paulo/SP), Grupo Sáfhyra (Recife/PE), Grupo Arte Vidinha (Franca/SP), Grupo de Dança Apae e Grupo Espírita de Dança Evolução (Araras/SP). Realizou-se a 2ª. Mostra em dezembro de 2002, contando com a participação dos grupos já citados, e mais os grupos de Leme, Pirassununga e de participantes de Campinas, Araraquara e São Carlos. Em 2010, a Mostra completou sua 9ª edição.

fonte as mais sublimes inspirações, e o seu nome viverá nos séculos futuros, porque às preocupações materiais e efêmeras da vida presente, substituirá o estudo da vida futura e eterna da alma.(KARDEC, 1955 [1890]: 157)

Há tempos temos observado que grande parte dos centros espíritas conta com um ou mais trabalhos de música, seja ele coral ou um grupo/banda de música. São muitos os grupos que lançam CD's e fazem apresentações para público espírita e não espírita. Além disso, existem vários festivais onde se estuda e se aprimora tecnicamente o trabalho vocal e tudo o que envolve a produção artística nessa área. O mesmo acontece na área da dramaturgia. Não podemos afirmar que toda casa espírita conta com um grupo de teatro, mas existe uma grande quantidade de grupos e festivais/encontros relativos a essa modalidade artística. Já a dança é muito menos comum. Suas aparições se limitam a apresentações de fim de ano, onde um grupo se organiza e monta uma coreografia, geralmente turmas da evangelização infantil, às vezes aparece dentro de uma peça teatral onde há uma rápida *performance* ou numa apresentação de um grupo musical, onde algumas pessoas desenvolvem movimentos referentes à letra da música, ou nem isto, apenas movimentam-se seguindo o ritmo. Como dissemos anteriormente, menos comum que os grupos teatrais e musicais, existem grupos espíritas de dança que trabalham especificamente esta linguagem artística, fazendo uso de técnicas e desenvolvendo um trabalho sério, mas em relação às demais linguagens artísticas seu número é muito reduzido.

Buscando motivos para entender, para contextualizar, tentaremos listar alguns itens que podem explicar o porquê:

- **Preconceito** – essa palavra é um tanto quanto forte, mas buscando a ajuda de um dicionário vemos que “preconceito é um conceito antecipado; opinião formada sem reflexão, superstição, prejuízo”. Acreditamos que essa palavra cabe aqui em nossa discussão. A dança, diferente de outras linguagens, sofre com o preconceito. Geralmente quando se fala em dança, a maioria das pessoas a liga à sensualidade, à sexualidade, a imagens estereotipadas passadas pela mídia. Segundo OSSONA (1984), a dança, que muitos historiadores apontaram como a mais antiga das artes, é paradoxalmente – em sua forma culta – a de mais recente aparição entre nós. Somado a isso, temos o pouco acesso que a maioria das pessoas tem a espetáculos de dança, contribuindo para que seja criado um preconceito, já que o modelo mais próximo é o passado pelos veículos de comunicação ou referente à própria cultura regional em que o sujeito está inserido. Essa questão é muito interessante, porque estudando a dança em outras correntes religiosas verificamos o mesmo conflito, a mesma dificuldade nesta linguagem artística.
- Outro fator está relacionado com a sua própria **especificidade**. A música e a dramaturgia têm a palavra a seu favor, o que facilita o entendimento da mensagem que se queira transmitir. Já na dança, é preciso criar um movimento sem o uso da palavra, o que nem sempre é tão fácil. A coreografia é criada sem um roteiro pronto que se encontre numa obra, mas num roteiro que se constrói da interação do estudo da doutrina com a criação de movimentos relacionados com a mensagem que se queira transmitir ou fazer sentir. Daí encontrarmos muitas pessoas com

formação técnica na dança nos fazendo a clássica pergunta: Espiritismo na dança, como fazer?

- **A ausência de pessoas com formação técnica na área e que tenha conhecimento da doutrina** às vezes representa um empecilho, principalmente para os grupos que estão começando, pois apesar de terem um respaldo técnico de um profissional da área, a montagem da coreografia se torna encargo do grupo, já que exige estudo e conhecimento da doutrina espírita.

O objetivo de listarmos esses itens, não foi de qualquer forma o de fazermos um levantamento das dificuldades encontradas, mas de tentarmos entender porque a dança ainda aparece tímida no movimento de arte espírita enquanto as demais modalidades aparecem de forma mais expressiva.

O panorama da dança no movimento de arte espírita vem se ampliando. Muitos grupos têm sido criados e os já existentes buscam aprimoramento técnico e doutrinário. O objetivo maior é a união dos grupos para que se ajudem mutuamente compartilhando experiências, produzindo materiais, organizando mostras, enfim, crescendo juntos.

Usa a criatividade e a beleza da Arte para modelar o protótipo ideal do “homem novo” que será aquele que hoje se apresenta à tua frente como Espírito sedento de educação com amor. (Autor desconhecido)

Segundo ACHCAR (1980), a dança em sua forma elementar é uma necessidade natural e instintiva do homem exaurir, pela movimentação, um estado emocional. É a arte do movimento e da expressão, onde a estética e a musicalidade prevalecem.

A dança, como as demais formas de arte, acompanha o homem no seu processo evolutivo, evoluindo com ele.

Como há evolução nos seres, há evolução nas artes. Têm-se os primitivos nas artes da mesma forma que nas ações e nas virtudes, porém a centelha sempre brilha nas condições nas quais pode manifestar-se para afirmar a grandeza de Deus. (DENIS, 1994: 77)

Isto se torna claro se voltarmos nosso olhar ao homem primitivo e suas manifestações ainda desordenadas e instintivas e caminharmos com ele e sua dança pelo Egito, Assíria, Pérsia, Índia, China, Grécia, Roma e Europa Ocidental, prosseguindo pela Idade Média, Renascença até nossos dias.

A prática da dança permite ao homem enriquecer tanto qualidades físicas, como as psíquicas e espirituais. No que diz respeito às primeiras podemos citar: a beleza corporal, a visão, a precisão, a coordenação, a flexibilidade, a tenacidade, a imaginação, a expressão, o trabalho em grupo, a cooperação, entre tantos outros benefícios. Mas é no campo espiritual que entendemos toda a sua extensão:

Assim como a música trabalha com os movimentos interiores da alma, a dança exterioriza os movimentos do seu mundo interior. Dançando, o homem transcende o ser físico, adentrando na harmonia com o ser espiritual que há em si mesmo e exterioriza esse ser espiritual em vibrações harmônicas nos movimentos de seu corpo. A emoção vibra em seu coração e se exterioriza nos movimentos harmônicos do corpo, que representam os movimentos interiores da alma. O artista abre espaço no próprio espaço para a sua vibração que se expande além do visual e atinge o expectador que pode captar, não só pelos olhos e pelos ouvidos, mas entrando em sintonia com essa vibração. (ALVES, 2000: 206)

Daí a importância fundamental da reforma íntima, o grande diferencial que transforma nossa arte e nos transforma. O objetivo primeiro de todo grupo espírita de dança: modificar-se.

Finalizando nosso artigo, acreditamos que muito há o que ser estudado e pesquisado acerca da dança no espiritismo, estamos no limiar de um processo, mas o futuro depende do nosso trabalho no hoje.

Sabemos que há um longo caminho pela frente, cheio de pedras e às vezes espinhos, mas as flores e as alegrias nos esperam na medida do nosso esforço por renovarmo-nos. Assim, num equilíbrio perfeito, o que deve nos mover é a busca pela técnica para que o nosso instrumento de expressão se torne cada vez melhor e a busca pela melhoria interior, para que sintonizados com o Alto possamos expressar pela dança nossa essência divina que emana de Deus.

Referências bibliográficas:

- ACHCAR, Dalal. *Balé - uma arte*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Ediouro, 1998.
- ALVES, Walter Oliveira. *Introdução ao estudo da pedagogia espírita: teoria e prática*. Araras/São Paulo: IDE, 2000.
- DENIS, Léon. *O Espiritismo na Arte (Le Spiritisme dans l'Art)*. Trad. De Márcia Jotha. 2ª ed. Niterói: Publicações Lachâtre, 1994.
- KARDEC, Allan. *Obras póstumas. (Euvres Posthumes)*. Trad. de Salvadors Gentile. 3ª ed. Araras/São Paulo: IDE, 1995.
- OSSONA, Paulina. *A educação pela dança*. São Paulo: Summus, 1988.
- ROCHA, Ruth. *Minidicionário*. São Paulo: Scipione, 1995.



DANÇA CONTEMPORÂNEA E ESPIRITISMO: CAMINHOS PARA O CONHECIMENTO.

Paula Salles

A dança é um ato litúrgico do cosmo quando parteja. O que nasce, dança. O que vive, dança. E o que morre permuta outro campo de movimento ... inicia novo círculo de expressão com nova significação!

Ananda (Espírito)¹

Gostaria de compartilhar neste texto conceitos que, acredito, aproximam a linguagem da dança contemporânea e o Espiritismo. Portanto, achei conveniente relatar um pouco da minha trajetória pessoal entre estes dois universos, a fim de que possamos entender de onde surgiram estes possíveis diálogos e juntos busquemos outras proximidades.

Sou bailarina e espírita. Atuo como coreógrafa, professora e pesquisadora de dança contemporânea. Graduada

1 Mensagem recebida na Casa de Oração Fé e Amor, em 2003.

pela Universidade Estadual de Campinas e especialista em estudos contemporâneos da dança pela Universidade Federal da Bahia, em parceria com a Faculdade Angel Vianna, no Rio de Janeiro. Integro o Grupo das Excaravelhas de dança contemporânea em Campinas. Escolhi trabalhar como arte-educadora ou artista-docente como define Isabel Marques².

Há mais ou menos sete anos tornei-me adepta do Espiritismo, o que causou uma significativa transformação no meu modo de perceber e conceber a vida. A Doutrina Espírita revelou-me a riqueza do evangelho de Jesus através do conhecimento amplo que Ele possui sobre o amor e o amar. A Doutrina Espírita me revelou ainda, na sua filosofia, a crença na vida após a morte, a possibilidade de comunicação entre encarnados e desencarnados e a reencarnação.

O maior aprendizado que obtenho na Doutrina Espírita é exatamente que todos nós um dia encontraremos a Deus e que para isso é necessário que superemos as nossas imperfeições representadas no Espiritismo pelo tripé da vaidade, do orgulho e do egoísmo. Mas, como superar as nossas imperfeições? Conhecendo-nos a nos mesmos. Esta é a grande chave que nos é ofertada por Santo Agostinho em *O Livro dos Espíritos*:

919 – Qual o meio prático mais eficaz para se melhorar nesta vida e resistir aos arrastamentos do mal?

Um sábio da Antiguidade vos disse: “Conhece-te a ti mesmo”.

919-a – Concebemos toda sabedoria desse ensinamento, mas a dificuldade está precisamente em conhecer-se a si mesmo; qual é o meio de conseguir isso?

2 Profª Drª Isabel Marques, fundadora e diretora da Caleidos Cia de Dança. Vide o livro *o Ensino da Dança Hoje: textos e contextos* (1999).

Fazei o que eu fazia quando estava na Terra: no fim do dia, interrogava minha consciência, passava em revista o que havia feito e me perguntava se não havia faltado com o dever, se ninguém tinha do que se queixar de mim. Foi assim que consegui me conhecer e ver o que havia reformado em mim. Aquele que, a cada noite, se lembrasse de todas as suas ações do dia e se perguntasse o que fez de bom ou de mau, orando a Deus e ao seu anjo de guarda para esclarecê-lo, adquiriria uma grande força para se aperfeiçoar porque, acreditai em mim, Deus o assistiria. Interrogai-vos sobre essas questões e perguntai o que fizestes e com que objetivo agistes em determinada circunstância, se fizestes qualquer coisa que censurariéis em outras pessoas, se fizestes uma ação que não ousariéis confessar.

Perguntai-vos ainda isso: se agradasse a Deus me chamar nesse momento, teria eu, ao entrar no mundo dos Espíritos, onde nada é oculto, o que temer diante de alguém? Examinai o que podeis ter feito contra Deus, depois contra vosso próximo e, por fim, contra vós mesmos. As respostas serão um repouso para vossa consciência ou a indicação de um mal que é preciso curar.

O conhecimento de si mesmo é, portanto, a chave do melhoramento Individual...

Durante todos estes anos de atuação com a dança, e portanto com a arte, venho justamente procurando compreender de que maneira a dança me ajuda a construir conhecimento sobre o mundo e sobre mim mesma. Tive oportunidade de me apropriar de algumas técnicas da dança moderna e de algumas linguagens de danças brasileiras, passando pela capoeira, congos, maculelê, samba de roda e outras manifestações da cultura popular brasileira.

No entanto, foi na dança contemporânea que encontrei sentido para prosseguir construindo conhecimento. O motivo maior desta escolha está relacionado aos princípios históricos a que ela se atrela.

Na década de 60, período em que a dança contemporânea efervescia nos Estados Unidos, o palco italiano deixava de ser o lugar exclusivo da dança, que passa a invadir os espaços públicos. Coincidentemente foi em uma igreja em Nova York, a Judson Memorial Church, que um grupo de bailarinos realizou uma variedade de experimentações, questionando o que poderia ser nomeado como dança e em quais espaços essa arte poderia ocupar e se expor. (SALLES, 2006: 31)

A proposta era encurtar as distâncias entre artista e público, tanto por meio dos espaços ocupados, como da movimentação utilizada nas criações, nas quais foram introduzidas gestuais comuns ao cotidiano popular. Outra possibilidade aberta nesta proposta foi o diálogo entre diferentes estilos de dança e práticas corporais, buscando encontrar nas diferenças as congruências de sentidos e significados.

Este pensamento ideológico possibilitou uma diversificação da linguagem da dança, no sentido em que ela pôde acolher diferentes meios de manifestação pelo movimento. Caem por terra verdades absolutas de corpos específicos adequados à dança, de artistas superiores a espectadores, de apenas uma forma de dança adequada a simbolizar leveza, tristezas, amores, morte, assim como a ideia de que a dança sempre é uma manifestação de alegria e beleza.

Luciana Veras no artigo “Quem tem medo da arte contemporânea” da *Revista Continuum*, nº 19, do Itaú Cultural, cita as considerações do crítico e curador Fernando Cocchiarale, sobre esta ideologia da arte contemporânea:

(...) habituamo-nos a pensar que a arte é uma coisa muito diferente da vida, dela separada pela moldura e pelo pedestal e, aliás, a arte foi mesmo isso durante a maior parte de sua história. Assim foi no Renascimento, no século XVIII, e também até meados do século XX, antes

de o planeta assistir ao ocaso de sua própria ideia de mundo com guerras e novas tecnologias de produção e comunicação.

complementa Veras e continua com a citação de Cocchiarale:

(...) a ideia de uma arte que se confunda com a vida é difícil de assimilar porque os nosso repertório ainda é informado por muitos traços conservadores. (...) De um ponto de vista consagrado em termos historiográficos, é a arte feita a partir do início da década de 1960, quando as certezas e utopias que definiam o projeto da arte moderna se esgotam, e outras possibilidades (arte pop, minimalismo, arte conceitual) se impõem como alternativas. É razoável, ainda, defini-la como a arte que se debruça sobre as questões de seu tempo e que problematiza o mundo em que vivemos, sustenta o pesquisador, crítico e curador Moacir dos Anjos. (2009: 7)

finaliza Luciana Veras a definição sobre arte contemporânea com a citação de outro intelectual.

As relações e experiências humanas são consideradas pela dança contemporânea como um recurso de criação essencial, pois estas experiências revelam-se nos relacionamentos como um conhecimento sobre o indivíduo e deste sobre o mundo. Uma vez que ela não possui um código pré-estabelecido de movimentos, como encontramos na dança clássica, por exemplo, a dança contemporânea permite ao seu intérprete-criador elaborar e construir os seus próprios códigos de movimentos de acordo com o conhecimento e os sentimentos que possui, tanto no aspecto técnico da dança como no aspecto moral. Dançar é sua forma pessoal de interpretar o mundo. É o seu caminho pessoal com Deus.

Ao criarmos e elaborarmos códigos de movimentos, encontrarmos representações na linguagem da dança para nossos sentimentos ou percepções do mundo, consequentemente reelaboramos ideias e conceitos de nós mesmos ou

da sociedade na qual estamos inseridos. Além de revermos conceitos, temos a possibilidade de criarmos, através da arte, universos imaginários onde a poesia pode substituir a apatia. Ou seja, abrimos espaços para a transformação da nossa realidade, sem nos perdermos dela.

Os organizadores do livro *Arte e Cultura pelo reencantamento do mundo*, Hamilton Faria, Pedro Garcia e Dan Baron, expressam com maior clareza como a arte é articuladora de sentidos:

Através da criação, da arte, talvez se propicie novamente esse encontro do homem com a linguagem. Neste sentido é importante reafirmar que arte e criação não se encontram apenas nesta figura recentemente criada, o artista, mas no homem em sua plenitude. Para isto, é necessário virar o mundo de cabeça para baixo. Inverter a proposição de que ser é ter. Buscar o lúdico no cotidiano. Olhar o mundo com espanto. O espanto de estar vivo, tão misterioso quanto o não ser. (2009: 23)

O ato de criar é, portanto, um ato de construção de conhecimento e de transformação do ser humano. Uma vez que para sonhar com um novo homem e uma nova sociedade é preciso primeiramente tomar a consciência do nosso atual estado evolutivo, sabendo que ele é temporário e passageiro e assim aspirar a condições mais elevadas.

É justamente neste aspecto que a dança contemporânea e a Doutrina Espírita se aproximam, em minha opinião, partindo do princípio de que expressamos exatamente aquilo que somos e pensamos, mas não estamos presos a estas formas. Mais precisamente, que estas características de personalidades estão em constante construção e transformações. Deus nos possibilitou a capacidade de modificá-las por meio do nosso esforço próprio, do modo como enfrentamos nossas vicissitudes e do nosso aprendizado.

Entretanto todas estas etapas de construção de conhecimento só terão sentido quando o maior deles for adquirido. A de que Deus rege todas as coisas do universo e que, portanto, sendo eu parte do universo, também sou regida por Deus.

O caminho desta mudança, no entanto, é percorrido num tempo indeterminado e em espaços variados onde o Espírito pode habitar. Assim, tal qual na dança, é o movimento, o tempo, o espaço, que estimula o surgimento da beleza, do novo, em detrimento do velho.

Uma vez que somos Espíritos eternos e que sabemos que a nossa evolução ocorre na terra, assim como em outros planetas, à medida que nos transformamos vamos modificando também nossos códigos de movimentos e nossas expressões. Vamos modificando as nossas formas de dançar, de representar a nós mesmo e ao mundo. Eis aqui mais um diálogo possível da linguagem da dança contemporânea com o Espiritismo, pois ela representa o estágio evolutivo do nosso Espírito.

Em suma; chegar a Deus no estágio que nos encontramos é um percurso composto de muitas vicissitudes e dos vícios que trazemos desta e de outras encarnações. O processo de criação da dança contemporânea, sob a luz do Espiritismo, nos permite encontrar a beleza apesar das sombras. Ou seja, ela não mascara as nossas imperfeições e as nossas dificuldades, mas ela aponta caminhos por meio da arte do movimento de transformamos esta realidade em uma nova realidade com Jesus que nos ensina a amar buscando o verdadeiro sentimento de humanidade:

Amar a Deus sobre todas as coisas e ao próximo como a si mesmo (Mateus 22:37-39)

Nascer, Morrer, renascer ainda e Progredir sem cessar, tal é a lei.³

O que vive, dança. E o que morre permuta outro campo de movimento...inicia novo círculo de expressão com nova significação!⁴

Referências bibliográficas:

BANES, S. *Terpsichore in sneakers*. Connecticut/Wesleyan: University Press, 1987.

BOUCIER, Paul. *História da dança no ocidente* (Histoire de La danse en occident). Trad. de Marina Appenzeller. 3ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

BREMSEMER, Martha & SANDERS, Lorna. *Fifty contemporary choreographers*. New York: Routledge, 1999.

CORTES, Gustavo Pereira. *Dança, Brasil: festas e danças populares*. Belo Horizonte/MG: Ed. Leitura, 2000.

FARIA, H., GARCIA, P., FONTELES, B. e BARON, D. (Orgs.). *Arte e cultura pelo reencantamento do mundo. Cadernos de Proposições para o século XXI*. São Paulo: Instituto Polis, 2009.

GOLBERG, Roselee. *Performance – live art since the 60'*. London: Thames & Hudson, 2004.

HAY, Débora. "Wavelengths or Telephone Wires". *The Drama Review*. s/l, Spring 1992

KARDEC, Allan. *O evangelho segundo o espiritismo de estudos* (L'Évangile Selon le Spiritisme). Trad. de Francisco Maugeri. Campinas: Cáritas, 2004 [1864].

_____. *O livro dos espíritos de estudos* (Le livre des esprits). Trad. de Francisco Maugeri. Campinas: Cáritas, 2007 [1857].

MARQUES, Isabel. *Ensino de dança hoje: textos e contextos*. São Paulo: Editora Cortez, 1999.

PORTINARI, Maribel. *História da dança*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1989.

SALLES, Paula. *Dançando o sagrado na contemporaneidade*. Monografia de conclusão do curso de Especialização em Estudos Contemporâneos de Dança pela UFBA e pela Faculdade Angel Vianna. 2006

VERAS, Luciana. (2009). "Quem tem medo da arte contemporânea?". In: *Revista Continuum*, nº 19. Itaú Cultural. Disponível em: <http://www.itaucultural.org.br/bcodemidias/001124.pdf>

3 Frase escrita no título de Kardec.

4 Vide introdução do texto.

DANÇA ESPÍRITA - O QUE SABEMOS?

Denize de Lucena

Esperançosos de que também a dança se faça colaboradora deste sublime momento de ascensão da arte divinizada, como bem previu o insigne codificador¹, iniciamos nosso diálogo sobre esta linguagem cujo arcabouço tanto nos encanta.

Antes de polir a pedra e construir abrigos, os homens já se movimentavam ritmicamente para se aquecer e comunicar.

Considerada a mais antiga das artes, a dança é também a única que dispensa materiais e ferramentas. (...) As danças coletivas também aparecem na origem da civilização e sua função associava-se à adoração das forças superiores ou dos espíritos para obter êxito em expedições guerreiras ou de caça ou ainda para solicitar bom tempo e chuva. (...) No antigo Egito, 20 séculos antes da era cristã, já se realizavam

¹ “(...) em breve, vereis os primeiros esboços da arte espírita, que mais tarde ocupará o lugar que lhe compete.” (KARDEC, 1995 [1890]: 327)

as chamadas danças astroteológicas em homenagem ao deus Osíris. O caráter religioso foi comum às danças clássicas dos povos asiáticos. (ANDRADE, 2000)

Ligada ao homem e ao sagrado, a dança não raro está presente nas manifestações ritualísticas de quase todas as civilizações antigas e se mantém viva em muitos agrupamentos religiosos da contemporaneidade.

Desde o aparecimento do próprio homem, há registros de sua presença nas pinturas rupestres e nas primeiras grandes civilizações como Grécia, Índia e Egito.

De caráter mágico, logo passou a ser conduzida por iniciados e sacerdotes, sendo geralmente circular e coletiva.

(...) na medida em que a arqueologia consegue traduzir as inscrições dos “povos pré-históricos”, ela nos indica a existência da dança como parte integrante de cerimônias religiosas, nos permitindo considerar a possibilidade de que a dança tenha nascido a partir ou de forma concomitante ao nascimento da religião. (MOURA, 2007)

Percebemos assim que a ligação estreita entre a dança e a religiosidade se perde nas dobras do tempo, tendo passado por um afastamento durante a chamada Idade Média e desta apenas guardando os resquícios.

Resgatada pelas cortes da Itália renascentista, no entanto, a dança deixa seu período de isolamento e proibições, para almejar um caráter de virtuose, passando a ser executada em pares, numa crescente lapidação e exigência técnica que culminará com a origem do *ballet* clássico e à profissionalização desta arte.

Iniciado na Itália, desenvolvido em França e aprimorado na Rússia, o *ballet* clássico devolveu à mulher a possibilidade de participar da dança, dando-lhe agora o tom sublime, leve e puro da mulher-princesa, da mulher-divina,

da mulher-amada que irá permear o chamado *ballet* de repertório².

As mudanças ocorridas no século 20, em especial na sua segunda metade, causaram transformações em vários setores da sociedade, inclusive o da dança, surgindo assim, diversas categorias e técnicas. Nomes como Isadora Duncan, George Balanchine, Pina Bausch, Martha Graham e Rudolf Laban, dentre muitos outros, irão colaborar para o desenvolvimento e a profissionalização da arte da dança.

Feito o panorama geral, a fim de melhor nos orientar no estudo do nosso objeto em questão – a dança espírita – faz-se necessário situarmos o conceito empregado nestas linhas.

Como a definição comum de adjetivo é palavra que qualifica o substantivo, podemos entender aqui, que o termo “espírita” agrega qualidade à dança. Assim, vamos defini-la como a dança pensada e executada com objetivos ligados à Doutrina Espírita.

Embora Kardec não tenha frisado em suas obras referência expressa à dança, ressalvadas umas poucas passagens na *Revista Espírita*³, podemos e iremos certamente tomar para esta tudo o que foi dito a respeito da arte e da inesgotável fonte de inspiração que lhe se tornará o mundo material e espiritual, sob a ótica Espírita.

Sem dúvida, o Espiritismo abre à arte um campo inteiramente novo, imenso e ainda inexplorado. Quando o artista houver de reproduzir com convicção o mundo espírita, haurirá nessa fonte as mais sublimes inspirações e seu nome viverá nos séculos vindouros (...). (KARDEC, 1995[1890]: 159)

2 Histórias compostas para ballet. Ex.: *O quebra-nozes*, *A bela adormecida* e *O lago dos cisnes*, de Tchaikovsky; *Coppélia*, de Léo Delibes; *Gisele*, de Adolphe Adam; *Romeu e Julieta*, de Prokofiev; dentre outros.

3 KARDEC, Allan. *Revista Espírita* (Revue Spirite). Fevereiro de 1860; outubro de 1864; 1865; janeiro, março e agosto de 1868.

As páginas da literatura espírita referentes à dança são esparsas, mas valorosas, como os bailados graciosos que espargiam feixes de luzes multicores, descritos por Camilo Castelo Branco na obra de referência de Yvonne do Amaral Pereira, *Memórias de um suicida* (p. 552-4) e a dança emocionante de Isadora Duncan (espírito), relatada de maneira empolgante pelo jornalista e dramaturgo Silveira Sampaio, na obra *Pare de Sofrer* (p. 94-7), de Zíbia Gasparetto.⁴

Pinceladas de atuações da dança no plano espiritual, que nos revelam a utilização desta linguagem como instrumento para manipulação de energias e seu emprego com finalidade terapêutica.

A sala escureceu e o silêncio se fez. A pesada cortina desapareceu e em meio à escuridão do palco surgiu uma névoa prateada que foi crescendo e aos poucos tomando uma forma de mulher. (...)

Formas coloridas de pessoas com seus instrumentos dançavam no ar (...).

Ela começou a dançar e dela emanavam luzes coloridas (...), expressando sentimentos de luz e beleza tão elevados que energias coloridas e luminosas nos atingiam e emocionavam sensibilizando-nos a alma.

(...)

Quando terminou e ela curvando-se acenou adeus, da plateia silenciosa e extasiada saiu uma energia de um rosa brilhante misturada ao lilás suave, que a abraçou com carinho. (...) pude ver que nos olhos dela, brilhantes de emoção, duas lágrimas rolaram qual pérolas de gratidão e de amor. (GASPARETTO, 2002: 96-7)

4 Atualmente podemos acrescentar como referenciais da literatura espírita e imprescindíveis para o estudo da dança espírita os livros:
 ARNAUT, Luís Márcio. *Herdeiros*. Pelo espírito V. Limeira/SP: Editora do Conhecimento, 2011. pp. 159-66.
 PINHEIRO, Robson. *Faz parte do meu show*. Pelo espírito Ângelo Inácio. 2ª. Ed. Contagem/MG: 2010. pp. 86; 88; 93.
 RANIERE, R. A. *Materializações luminosas*. Segunda parte, cap. XIX. pp. 74-79. Disponível em: http://www.irthomas.com.br/pdf_arquivos/materializacoes_luminosas.pdf acesso em: 05/07/2012.

Quem já passou pela experiência da dança, sabe o quanto de energia se consegue perceber e emanar daquele que dança. Distante da razão da arte dramática e mais próxima da subjetividade da música, a dança materializa as energias e as faz movimentar, potencializando-as com as energias provenientes do próprio ser e dialogadas com as daqueles que o observam.

Ele (o perispírito) vibra aos menores impulsos do espírito e transmite ao corpo físico as vibrações forçosamente reduzidas. (...) A correlação entre os dois envoltórios: físico e perispiritual, diz respeito a uma lei única, a das vibrações. (DENIS, 1994: 96-7)

O dançarino espírita, consciente desta lei, desenvolve seus movimentos como um maestro que rege a orquestra da natureza. Não são apenas sinestésicos, mas energéticos. Iniciam-se nos seus próprios centros de força, irradiam-se entre si, potencializando-se e ampliam-se, ocupando os espaços da apresentação em um diálogo vibracional entre palco e plateia, influenciando e sendo influenciados pela psicofera do ambiente.⁵

Nas reentrâncias e ligações sutis dessa túnica eletromagnética de que o homem se entreja, circula o pensamento, colorindo-a com as vibrações e imagens de que se constitui, aí exibindo, em primeira mão, as solicitações e os quadros que improvisa, antes de irradiá-los no rumo dos objetos e das metas que demanda. (XAVIER, 1981: 129)

5 As obras de André Luiz trazem à lume questões ligadas ao corpo (material e espiritual) de grande relevância e que devem ser estudadas a fundo. Sugerimos, em especial, a leitura de *Evolução em dois mundos*, com atenção particular para a descrição às páginas 127 a 129.

Ao dançar, o dançarino espírita pinta no ar com tintas de luzes coloridas de fluidos, que mobilizam os sentimentos que escolheu e lapidou durante os ensaios. A música o auxilia na materialização destas forças que envolvem a si e à plateia. Daí o cuidado que se deve ter na escolha do repertório musical.

Aqui uma posição pessoal: a música espírita não é, sem dúvida, a única opção, mas, certamente, facilita a criação do coreógrafo e a execução dos dançarinos espíritas, pois que, de igual objetivo, já traz em si a temática e a vibração adequadas à visão espírita. Outra razão para a preferência pela música espírita é a sua quantidade e qualidade cada vez maior, além de estarmos também colaborando com a sua divulgação. Como nos diz a equipe de dança do site Evangelizar:

Se nós que somos artistas espíritas, se nós que somos bailarinos e coreógrafos espíritas, não falarmos de temas espíritas em nossas coreografias, quem falará por nós?⁶

Multiplicam-se músicos, intérpretes e grupos⁷ com CDs lançados ou não, com músicas mediúnicas ou não, que podem e devem ser utilizadas pelos grupos e solistas da dança espírita, somando assim para um verdadeiro trabalho de socialização da arte espírita.

Outro aspecto que gostaríamos de abordar sobre a dança (mas também presente nas demais linguagens da

6 <http://www.evangelizar.org.br>

7 Podemos sugerir ainda os sites http://www.cvdee.org.br/ev_musica.asp <http://www.acervo-espirita.com.br/> e <http://www.musicaespirita.net/> onde podem ser encontradas várias músicas espíritas. Uma busca no youtube.com e no Google.com também leva a vários arquivos de áudio e vídeo, sem dificuldades.

arte espírita) é o trabalho atuante da espiritualidade com os encarnados e desencarnados durante as apresentações.⁸

Espetáculos, sinfonias, apresentações são utilizados assim como instrumentos cirúrgicos a repararem simultaneamente os corpos etéreos daqueles que ali se encontram, arrebatando do fundo de suas almas, o reconhecimento da filiação divina a que têm vínculo e herança. (BENTO, 2002)

Ao dançar⁹, fazemos do nosso corpo o instrumento para as notas da espiritualidade. E porque não há espaço para racionalizar, nos fazemos instrumentos quase perfeitos, espécies de refletores de energias que nos envolvem e envolvem a todos no ambiente.

Todas as atividades desenvolvidas pelos agrupamentos espíritas são utilizadas pela espiritualidade para desenvolver ações educativas, reconfortadoras e/ou terapêuticas.

A música, já utilizada em algumas de nossas casas para ambientação nos momentos de prece, meditação, de preparação para o passe ou para os trabalhos mediúnicos é um dos muitos exemplos que podemos citar da utilização das energias potencializadas pela atividade artística e empregadas pelos benfeitores espirituais.

Algumas casas já utilizam oficinas de artes simultaneamente às atividades mediúnicas, por orientação da própria espiritualidade, como forma de terapêutica espiritual. Além da utilização da arte junto às atividades da infância e juventude pela maioria de nossas instituições.

Quando o homem houver desligado-se das imagens e sensações terrenas, através do intercâmbio e das visões do

8 Ver questões 459, e 565 a 567, incluindo o comentário de Kardec, de *O Livro dos Espíritos*.

9 É claro que me refiro aqui a uma dança específica, a uma dança que busca a beleza e a elevação.

mundo espiritual, das esferas onde a alegria, a harmonia e a paz reinam, refletirá em seu corpo espiritual e este imprimirá no soma as energias divinas e harmônicas do Universo.

A dança será então, como já o é em esferas sutilizadas, um cântico de louvação fisicalizado em luzes e formas, emitindo irradiações salutares e terapêuticas, unindo almas em sintonia com os benfeitores e elevando o ser ainda mais, a planos de sutilíssimas harmonias. (ARIEL, 2003)

A dança espírita, como qualquer outra atividade em nossas instituições, exige comprometimento e dedicação, companheirismo e estudo, harmonia e autoeducação.

Não está limitada àqueles que possuem conhecimentos técnicos e corpos virtuosos, mas sem dúvida, é de grande importância ter pelo menos a orientação de alguém que conheça um pouco os elementos básicos desta linguagem e noções de composição coreográfica para que se dê a qualidade mínima para um trabalho que se pretende seja respeitado e apoiado pelos companheiros espíritas.

A continuidade, já nos dizia Kardec (2007 [1857]: 25), é característica de um estudo sério. Assim também deve ser com o trabalho da arte dentro das lides espíritas. Deve se ter claros os objetivos, ter um programa de pelo menos médio prazo, com regularidade de encontros, exercícios de preparação corporal que possam dar sintonia e sincronismo entre os elementos do grupo, proporcionar instantes de estudo da linguagem sempre buscando as conexões com as bases doutrinárias, avaliações frequentes do trabalho do grupo, mas também do crescimento e amadurecimento dos seus componentes na linguagem e na Doutrina.

Dançar se dança em qualquer lugar; para fazer aulas de dança e se apresentar, há uma centena de academias e escolas em qualquer cidade deste país, não é necessário estar

em um centro espírita. Mas se a minha escolha consciente é reunir as possibilidades da dança com o conhecimento que a Doutrina Espírita despertou em mim, e fazer desta união a minha atividade na seara do Cristo, aí sim eu vou participar de um grupo de dança espírita.

Ah... minha bailarina
Seu desafio é crescer
Antes do que você pensa
A luz mais intensa virá de você¹⁰
(César Tucci)

Deixamos aqui o convite para que possamos estimular o fazer e o pensar a dança espírita em nossas instituições, eventos e atividades, no intuito de incentivar grupos e companheiros no envolvimento com a dança, revestida das sutilezas da nossa Doutrina, aproveitando toda a sua potencialidade no desenvolvimento do homem novo que tanto aguardamos.

É necessário que aqueles que ainda timidamente atuam nesta área possam trocar experiências, somando e multiplicando para que possamos ver com maior frequência a dança espírita no nosso meio e além.

E se perguntarem por onde começar, a resposta será simples: pelo começo. Reunir aqueles cujo interesse pela dança espírita seja ponto em comum é um excelente iniciar.

O que dançar, como dançar, quando dançar, onde dançar, com quem dançar e todas as demais questões que por ventura possam estar acolhidas nos corações espalhados pelo Brasil, são questões que se autorresponderão quando a ação do QUERER DANÇAR for o móvel dos nossos encontros.

10 Trecho da música "bailarina" de César Tucci. (tucci@francanet.com.br)

Abrir espaços dentro e fora de nós é de hora o mais que suficiente. Utilizar todos os veículos, a Internet, as listas, grupos, orkut, msn, produzir e divulgar vídeos, artigos, diários com as experiências já realizadas e as inquietações presentes, promover e estimular a realização de mostras, encontros e festivais que possibilitem a troca e a qualificação dos que fazem ou querem fazer dança espírita, são caminhos que necessitam ser multiplicados em nossas cidades, Estados e em todo o país.

Precisamos buscar palcos que abriguem nossos ideais e fazer da dança espírita mais uma bandeira para a construção da nova era.

Quem me dá a honra desta contradança?!

Referências bibliográficas:

ANDRADE, Dyone. *Quem dança é mais feliz – A história da dança*. Disponível em <http://br.geocities.com/quemdancamaisfeliz/interna1.html>. Acesso: 16/06/2008

COMUNIDADE ARTE E PAZ (Arquivo). “Caridade, arte e beleza”. Pelo espírito Bento. Salvador: 2002.

_____. “Dança, vibração da alma”. Pelo espírito Ariel. Salvador: 2003.

DENIS, Léon. *O Espiritismo na Arte (Le Spiritisme dans l’Art)*. Trad. De Márcia Jotha. 2ª ed. Niterói: Publicações Lachâtre, 1994.

GASPARETTO, Zibia. *Pare de sofrer*. Pelo espírito Silveira Sampaio. 12ª ed. São Paulo: Vida e Consciência, 2002.

KARDEC, Allan. *O livro dos espíritos (Le livre des esprits)*. Trad. de Salvador Gentile. 169ª ed. Araras/SP: IDE, 2007.

_____. *Obras Póstumas (Euvres Posthumes)*. Trad. de Guillon Ribeiro. 27ª ed. Rio de Janeiro: FEB, 1995.

MOURA, Prof. Dr. Manoel Oriosvaldo de (Org.) - Faculdade de Educação – USP. *Metodologia do ensino de matemática - História da dança*. Disponível em: <http://www.passosecompassos.com.br/matedanca/historiadanca.htm>. Acesso: 16/06/2008

XAVIER, Francisco Cândido e VIEIRA, Waldo. *Evolução em dois mundos*. Pelo espírito André Luiz. 6ª ed. Rio de Janeiro: FEB, 1981.

A DANÇA NA EDUCAÇÃO DO ESPÍRITO

*Paulo César da Silva*¹

“Em síntese, a educação tem como objetivo auxiliar a evolução do espírito.”

Walter Oliveira Alves

Assim como todas as artes, a dança vem se expandindo no meio espírita como mais um instrumento de educação do espírito por meio do autoconhecimento, da interação com o próximo, da aproximação com o Criador e da prática do Evangelho do Cristo mediante as apresentações artísticas. Devemos entender educação no sentido de aprimoramento moral, podendo ser substituída por evangelização sem descharacterizar sua atuação.

1 Com a colaboração de Renata Bueno.

Mas para que a dança seja um instrumento de evolução do espírito, é necessário conhecer como se dá a educação e a evolução do espírito:

Compreender o mecanismo da evolução auxiliará a compreender o próprio mecanismo da aprendizagem e do desenvolvimento em seu amplo sentido. O princípio espiritual, desde o momento da criação caminha sem detenção para frente. Embora contando sempre com o apoio das inteligências superiores que oferecem os estímulos necessários à marcha evolutiva e também com a assistência amorável dos benfeitores espirituais, cada Espírito evolui através do esforço próprio, com o trabalho de si mesmo. (ALVES, 2000: 28)

Considerando que a evolução ocorre por meio da ação e da vivência física e espiritual, o espírito deve buscar se desenvolver moralmente utilizando quando encarnado de seu instrumento físico e perispiritual para progredir e edificar as virtudes a caminho da perfeição, lapidando as vicissitudes que se encontram arraigadas em seu íntimo. O trabalho com a dança possibilita auxiliar no desenvolvimento moral do espírito ou bailarino encarnado. Mediante as atividades de dança (aulas, ensaios e apresentações artísticas) propicia-se ao espírito encarnado um processo constante de interação entre corpo e espírito auxiliando em seu autoconhecimento, auxiliando-o a refletir mediante suas relações com o meio, propiciando um contato maior com seu íntimo, com o próximo e com o Criador.

Segundo Alves,

O mecanismo da evolução ocorre através da ação, da atividade e da vivência, somos espíritos em evolução e evoluímos pela atividade, pela ação, pela vivência. (2000: 29)

Esta ação ocorre em todo o processo evolutivo dos espíritos desde o germe – ação presente em todas as etapas do trabalho com a dança, que não deve ocorrer somente no desenvolvimento artístico das diferentes técnicas de dança e modalidades artísticas, mas também, com foco na espiritualização do ser. Ação, atividade e vivência são processos constantes na dança, não apenas da prática do movimento que deve visar à expressão, à comunicação e ao estético; mas, o bailarino espírito encarnado deve buscar expressar e comunicar-se através de uma estética e beleza moral elevadas. Todas as posturas diárias devem visar à espiritualização do ser, em um constante movimento de aprendizagem, aprimoramento.

O espírito evolui, pois, pelo esforço próprio, interagindo com o meio, através de experiências múltiplas. Não se trata, contudo, de experiências meramente acumulativas, mas de transformação interior, criando estruturas novas em níveis cada vez mais elevados, na medida em que o espírito interage com o meio, física e espiritualmente falando. (ALVES, 2000:29)

A dança unida ao trabalho de evangelização ou educação do espírito tem um campo inesgotável de investigação do impulso criador, seja por meio das aulas de modalidades específicas de dança, nas atividades específicas de criação e nos instantes de improvisação; além do estudo e da reflexão que são aspectos pouco trabalhados, pois, o ato de dançar envolve o trabalho integrado do corpo, mente e espírito, que devem ser realizados mediante um processo uno e equilibrados dentro de todo trabalho artístico, em específico na dança.

Existe, em todos os seres, um impulso criador que os leva a agir. Filhos de Deus-Criador trazemos essa herança divina que nos impulsiona para frente e para cima, criando e recriando, construindo a nós mesmos, num esforço evolutivo constante. Esse impulso criador está presente em todos os seres que, impulsionados pelas necessidades naturais, são levados a agir, criando e recriando as bases de sua própria evolução. (ALVES, 2000: 29)

Esse trabalho visa não somente a busca pelo homem, pela arte e pela vida em sociedade, mas pelo desenvolvimento da perfectibilidade do espírito a caminho da ascensão espiritual – pois, somos herdeiros de um potencial infinito, que nos impulsiona para o Pai.

O trabalho com a dança permite uma permuta, uma troca de energias espirituais (além das físicas) que ocorre pela convivência com outros bailarinos, entre alunos e professores, com o público que aprecia os espetáculos, com os espíritos desencarnados presentes nas aulas e nos espetáculos e que sintonizam com cada espírito encarnado – o espírito não evolui sozinho.

A dança permite a interação entre espíritos, por meio da convivência com o próximo, o espírito age e é impulsionado a desenvolver ao longo das atividades um senso de cooperação de grupo, que se estende na convivência social e espiritual. Deve-se recordar que este senso de cooperação e de convivência com o próximo deve respeitar as diferenças, as potencialidades e as vicissitudes de cada um.

As atividades em dança devem incluir também as relações de convivência, que devem ser trabalhadas, incentivadas e orientadas, pois o espírito traz dentro de si tendências que se manifestam, dificultando o relacionamento com o próximo e consigo mesmo:

A cooperação e a ajuda mútua surgem já nos reinos inferiores, como base da evolução e desenvolvimento dos princípios da inteligência e do sentimento. (ALVES, 2000: 30)

Em sua escalada evolutiva o Espírito está desenvolvendo tanto o aspecto intelectual quanto o moral, qual pássaro que para voar necessita de duas asas.

Há duas espécies de progresso que, embora apoiando-se mutuamente, não marcham lado a lado: o progresso intelectual e o progresso moral. (KARDEC, 2010 [1857]: 478)².

A dança, mediante um diálogo com a Doutrina Espírita, surge como mais um instrumento moralizante para a evolução do espírito, atuando no aspecto intelectual e moral, por meio do estímulo e despertar da vontade em direção ao belo que se externa nos movimentos, nas expressões, nos sentimentos físicos e espirituais.

A Dança em sua diversificada aplicação viabiliza uma diversidade de conhecimentos: sobre a história do homem, da religião e da arte, conhecimentos do corpo e do movimento, noções musicais, habilidades expressivas e interpretativas, plástica corporal e habilidades técnicas da dança e conhecimentos da Doutrina Espírita: perispírito e espírito, influências da mediunidade, sintonia e vibração mental.

As práticas e os estudos são essenciais no decorrer de todo trabalho com Dança Espírita, pois estes interferem na qualidade do trabalho, possibilitando maior repercussão sobre o ambiente material e espiritual, aspectos que devem ser considerados na elaboração e no decorrer das apresentações artísticas. Acima do estudo, é essencial a prática e a vivência destes.

2 Comentário à questão 785 de *O livro dos espíritos*.

Temos que a Dança propicia o estímulo da vontade, para que por meio do impulso criador e da energia criadora o espírito manifeste além da sua criatividade também as potencialidades muitas vezes adormecidas, despertando o interesse e a busca por atividades edificantes.

Por meio da ação, do trabalho e da vivência constroem-se mudanças intrínsecas que se exteriorizam na vivência moral e intelectual, permitindo desenvolver e ampliar o campo do sentimento e da sabedoria do espírito, desenvolvendo as duas asas da escalada evolutiva mediante o estímulo da vontade: sabedoria e amor.

O amor e a sabedoria serão conquistados pelo esforço próprio movido pela alavanca da vontade, uma vez que o Espírito detém o livre-arbítrio de seus atos e deverá, por força da Lei Divina, avançar pelo trabalho de si mesmo. (...) Mas a mola mestra do processo evolutivo é a vontade, que mobiliza as energias interiores para essa ou aquela direção. (ALVES, 2000: 31)

Os conhecimentos espíritas estão presentes nas diversas obras publicadas desde o advento da Doutrina Espírita, o seu estudo e prática devem estar pautados no Evangelho do Cristo, concedido há mais de dois mil anos à humanidade:

O conhecimento doutrinário levará o espírito a compreender o mecanismo da evolução, as leis divinas que regem os mundos e os seres, auxiliando-o a atingir a autonomia moral e intelectual como ser que pensa, sente e age. (ALVES, 2000: 35)

Para que nossa mente prossiga na direção do Alto, é indispensável se equilibre, valendo-se das conquistas passadas, para orientar os serviços presentes, e amparando-se, ao mesmo tempo, na esperança que flui, cristalina e bela, da fonte superior do idealismo elevado; através dessa fonte

pode captar do plano divino as energias restauradoras, assim construindo o futuro santificante. (XAVIER, 1977: 31-2)

Com o estudo do livro *No mundo maior*, de Chico Xavier, se deve considerar que os bailarinos espíritas (artistas em geral) como espíritos eternos, em sua maioria, não estão entrando em contato com a arte e com a dança pela primeira vez, trazem experiências do passado que se manifestam no presente e que devem traçar o caminho futuro sob um ideal superior e nobre. Trabalham com sua bagagem interior, construída no passado, a qual, perante os estímulos oferecidos hoje pela dança integrada e/ou associada à casa espírita, oferece uma visão ampla dos caminhos que o espírito pode escolher e seguir em sua escalada evolutiva.

Traz à tona a compreensão de que o compromisso do espírito em trabalhar com arte, em específico a dança, vai além das manifestações corporais vazias de intenção que são encontradas em grande número na sociedade. Uma responsabilidade maior perante o conhecimento que possui e que deve estar presente em suas coreografias e em sua vida.

É primordial ao bailarino espírita a sua educação moral, pois quando o mesmo se apresenta no palco está diante de si mesmo, de sua evolução moral, evolução que se manifesta mediante seu trabalho artístico que reflete o seu estado íntimo, ou seja, sua evolução espiritual no momento atual. O bailarino espírita deve ser verdadeiro em suas manifestações artísticas, deve primar sempre pela busca de seu aperfeiçoamento espiritual em primeiro lugar e por consequência o aprimoramento de seu instrumento de trabalho, o corpo encarnado.

Frisando que todo esforço a caminho do Pai, se apresenta perante o Criador, como um trabalho de lapidação íntima. Considerando que, algumas manifestações artísticas

do Movimento de Dança Espírita que não apresentam um grande aprimoramento técnico/estético merecem respeito e atenção, pois os artistas que se apresentam no palco viveram e estão vivenciando os caminhos da construção e edificação do espírito desde as aulas, ensaios e nas apresentações artísticas. O bailarino está em constante busca, edificando com seu movimento corporal e espiritual a(s) coreografia(s) com as quais irá contar a história da dignificação do ser – do seu self/espírito.

Através da ação no presente, o espírito trabalha com suas conquistas do passado, para construir seu próprio futuro. (...) Os estímulos exteriores vão acordando gradativamente as potências já desenvolvidas no passado, que servirão de base para a construção do futuro. (...) oferecendo-lhe os estímulos necessários para 'despertar' gradualmente o potencial temporariamente 'adormecido', corrigir impulsos e avançar pelos caminhos do superconsciente, desenvolvendo as potências da alma, rumo à perfeição. (ALVES, 2000: 44)

A dança trabalha com estímulos de aprendizagem técnica artística, como a criatividade, expressividade, ritmo, espaço, sincronia e outros, em que o bailarino deve buscar adquirir valores estéticos e expressivos para serem utilizados como recursos artísticos pelo corpo, recursos que serão utilizados pelo coreógrafo e pelo próprio bailarino nos processos de montagem coreográfica e de apresentação artística em palco. Os valores e habilidades adquiridos são utilizados para transmitir um tema, emoção, sentimento, estado físico, psíquico e outras possibilidades expressivas/estéticas em contato com o espectador.

Durante todo o trabalho com a dança há constante interação entre os dois planos da vida; o estado íntimo, a vibração e a sintonia do bailarino/coreógrafo, assim como

suas necessidades e ideais conscientes/inconscientes, medos, anseios e desejos sofrem influências e influenciam os espíritos presentes (encarnados e desencarnados). Esta permuta entre o plano material e espiritual repercute tanto sobre o trabalho artístico nas aulas, ensaios e montagens artísticas, quanto nas apresentações artísticas.

Os sentimentos e as emoções de cada bailarino caracterizam e dão forma às vibrações e emanações mentais do espírito (tanto encarnado quanto desencarnado). Estas emanações e vibrações refletem e interferem sobre a mensagem textual construída e apresentada de forma artística; toda obra de arte está impregnada destas impressões de cada artista, do grupo e dos espíritos que influenciaram estes no decorrer de todo trabalho, impressões estas que também podem ser registradas pelo público (encarnado e desencarnado) afetando e influenciando estes.

É importante refletir sobre este aspecto doutrinário, pois a influência espiritual é fator de grande relevância dentro de todo trabalho artístico, já que as emanações e vibrações podem surtir maior impacto que a própria mensagem ou coreografia apresentadas.

Considere-se que o conteúdo/mensagem deve atuar e auxiliar no crescimento e desenvolvimento espiritual do público, sensibilizando e incentivando um processo de aprendizagem e modificação íntima a partir do envolvimento com o tema abordado e com a vibração emanada pelos artistas e espíritos desencarnados envolvidos com o trabalho.

A educação do espírito por meio da dança ocorre a partir do momento em que há mudança de posturas do educando no decorrer das aulas de dança, mas em especial no cotidiano, nos diferentes ambientes sociais. O comportamento moral elevado proposto pelos estudos da Doutrina deve ser transformado em expressividade

corporal mediante a Dança; desta forma nos processos criativos em dança (montagem das coreografias) o espírito (bailarino encarnado) é levado a defrontar com seu real estado evolutivo e com suas dificuldades morais; que são constantemente colocadas a 'prova' em cada apresentação artística de acordo com os temas a serem representados.

Quando o indivíduo age, dois aspectos se interagem: a inteligência e o sentimento. (...) Em todo procedimento o indivíduo utiliza as estruturas mentais que já possui, que reagirá com o procedimento presente formando nova estrutura. Toda nova estrutura é construída pela interação da ação presente (sentimento e inteligência) com as estruturas já existentes, ou seja, já construídas anteriormente. (ALVES, 2000: 46)

A dança, trabalhando com a liberdade expressiva do corpo e dos sentimentos que fluem do bailarino, permitindo que o mesmo busque atingir e colocar em prática suas metas e objetivos artísticos em consenso com os espirituais, passando pelo crivo da razão e dos conhecimentos evangélicos e doutrinário. Com o domínio do corpo e de suas capacidades artísticas, auxilia o espírito a traçar os caminhos que deve prosseguir em sua manifestação artística, ampliando o seu autoconhecimento.

Todas as faculdades existem no homem, em estado rudimentar ou latente. Elas se desenvolvem conforme as circunstâncias lhes são mais ou menos favoráveis. (KARDEC, 2010 [1857]: 463)³

Cabe a quem trabalha com artistas espíritas, ou não, o constante incentivo, para que busquem o aprimoramento

3 Comentário à questão 754 de *O livro dos espíritos*.

técnico e moral, mediante novas metas, projetos, estudos, técnicas, apresentações, dentre outras formas de dança e de arte que possibilitem o estímulo ao trabalho que gere o aprimoramento assim como a constante edificação do espírito.

Cabe ao professor desenvolver e aplicar junto aos alunos e grupo de dança atividades, dinâmicas, aulas, projetos e coreografias que estimulem o educando (espírito), direcionando sua atenção e ações para atividades enobrecedoras que o desafiem e que possibilitem ao mesmo aprimorar e edificar-se moralmente – atividades e vivências que despertem nos artistas suas tendências vivenciadas no passado e que, hoje, perante os estímulos oferecidos pelo trabalho com Dança Espírita, possibilitam aos educandos modificar suas tendências, aprimorar virtudes e construir o futuro espiritualizado. Desenvolver e vivenciar no trabalho a constante interação entre o sentimento e a inteligência, propiciando um trabalho consciente de edificação evolutiva do próprio espírito.

Existe em todo ser, filho de Deus, uma força superior que nos impulsiona para frente e para cima, para níveis superiores de inteligência e sentimento. É a força de atração que o Criador exerce sobre a criatura. (ALVES, 2000:98)

O ideal é a força que direciona esta energia criadora para os caminhos superiores da evolução. (idem: 103)

Dançar é um constante contato do homem com seu interior, por meio da interação com o próximo e com a Criação Divina, permitindo ao homem se aproximar de Deus, num movimento cíclico do espírito em manifestar, através do corpo, os dons herdados do Pai.

Referências bibliográficas:

ALVES, Walter Oliveira. *Introdução ao estudo da pedagogia espírita*. Araras: IDE, 2000.

KARDEC, Allan. *O livro dos espíritos* (Le livre des esprits). Trad. de Evandro Noleto Bezerra. 2ª. Ed. Rio de Janeiro: FEB, 2010 [1857].

XAVIER, Francisco Cândido. *No mundo maior*. Pelo espírito André Luiz. Rio de Janeiro: FEB, 1977.



INFÂNCIA E ARTE OU ONDE SE INICIA A FORMAÇÃO DO ARTISTA ESPÍRITA

Daniela L. Pereira Soares

Creio que a arte deve ser praticada para ser apreciada, e ensinada em aprendizado íntimo. Creio que o mestre não deve ser menos ativo que o aluno. Pois a arte não pode ser aprendida por preceito, por uma instrução verbal qualquer. Ela é, falando com propriedade, um contágio, e se transmite como o fogo de espírito para espírito.

Herbert Read

Em 1998 tive a oportunidade de participar pela primeira vez do FECEF – Festival da Canção e Arte Espírita de Franca/SP. Não era o primeiro encontro de artes que participaria, no entanto, aquele seria o que me impressionaria mais, durante todos esses anos.

Os estudos, as oficinas, o festival, o contato com diferentes artistas, tudo fora muito significativo, mas também bastante parecido com outros encontros que já havia participado anteriormente. No entanto, o que mais me chamou a atenção foram os bastidores de toda essa ação, o que colocava toda a engrenagem em funcionamento e fazia o encontro acontecer. Ali se viam crianças e adolescentes de todas as idades participando ativamente junto com seus pais (artistas-trabalhadores) em atuações artísticas, em serviços diversos que o evento exigia ou simplesmente participando indiretamente, pois a presença de seus familiares ali naquele local assim o exigia.

Pensei comigo: uma criança que cresce vendo o pai, a mãe, cantando, interpretando, estudando arte, tomará isso como algo comum e naturalmente irá se engajando em alguma atividade artística desde a infância e se não se tornar um futuro artista, crescerá sob o estímulo da beleza, de uma estética que fará diferença em sua vida adulta.

Até então só conhecia grupos de teatro/música onde a maioria eram adolescentes ou jovens iniciando a fase adulta. Mas ali pude ver concretamente famílias inteiras engajadas em diferentes linguagens artísticas. Foi o exemplo que mais me marcou, a imagem mais bonita que trago comigo da vivência em arte espírita até os dias de hoje.

Cito os companheiros de Franca, mas sei que existem trabalhos belíssimos realizados em outras localidades envolvendo a infância, a juventude e a maturidade em atividades conjuntas que conjugam a arte e a Doutrina Espírita, realizando, com toda certeza, mais um encontro de “espíritos” com objetivos afins do que um agregado de diferentes faixas etárias para uma atividade comum.

Ó espíritas! compreendei hoje o grande papel da humanidade; compreendei que quando produzis um corpo, a alma que nele se encarna vem do espaço para progredir; sabei vossos deveres e colocai todo o vosso amor em aproximar essa alma de Deus. (KARDEC, 2003 [1864]: 193)

Indo direto ao ponto, gostaria de refletir um pouco sobre a arte, a educação e a infância na casa espírita.

Vemos anualmente surgirem vários grupos de arte espírita onde os protagonistas são jovens e adultos, inúmeras discussões em torno da qualidade técnica dos espetáculos, do público alvo, as diversas maneiras de se atingir a mídia e expandir a difusão de uma arte espiritualizada, no entanto, poucas vezes se erguem para discutir o fazer arte de qualidade para crianças, a formação e valorização de grupos de arte espírita infantis visando o preparo estético e moral dos artistas do porvir.

Em *O livro dos espíritos*, os espíritos nos chamam a atenção para a importância e a finalidade da infância:

(...) os Espíritos não entram na vida corporal senão para se aperfeiçoar, se melhorar; a fraqueza da pouca idade os torna flexíveis, acessíveis aos conselhos da experiência e daqueles que os devem fazer progredir. É quando se pode reformar seu caráter e reprimir-lhes as más inclinações; tal é o dever que Deus confiou aos pais, a missão sagrada pela qual deverão responder. Por isso a infância não é somente útil, necessária, indispensável, mais ainda ela é a consequência natural das leis que Deus estabeleceu e que regem o Universo. (KARDEC, 2009 [1857]: 385)

Como a própria Doutrina Espírita nos adverte, é sobre os pais que repousa a maior responsabilidade de educação e formação integral da criança, no entanto, por que não aproveitar esse momento tão importante na vida do espírito

para lançar as bases de uma arte voltada ao aprimoramento e elevação dos seres?

Em *O evangelho segundo o espiritismo*, capítulo VIII, os Espíritos nos afirmam que a partir do nascimento as ideias, tendências e impulsos que o indivíduo traz de existências pregressas, começam a se manifestar gradualmente, de acordo com o desenvolvimento dos órgãos, o que torna plausível a afirmativa de que:

(...) durante os primeiros anos, o Espírito é verdadeiramente criança, porque as ideias que formam o fundo do seu caráter estão ainda adormecidas. Durante o tempo em que seus instintos dormitam, ele é mais flexível e, por isso mesmo, mais acessível às impressões que podem modificar sua natureza e fazê-lo progredir... (KARDEC, 2003 [1864]: 114)

Segundo Walter Oliveira Alves (1997: 67), as experiências por que passa nesta existência, desde os primeiros meses, e mesmo durante a gestação, as vibrações que sente, os exemplos que observa, os livros que lê, enfim, tudo o que acontece à sua volta vai influenciar a criança, positiva ou negativamente.

Dessa forma, temos na infância o período mais propício para a educação em seu sentido integral e, por conseguinte, o momento mais importante para colocar a criança diretamente sob o estímulo da beleza, do bem e do belo...

(...) já que neste período está mais acessível às impressões que recebe e que podem ajudar o seu adiantamento, para o qual devem contribuir aqueles que estão encarregados da sua educação." (KARDEC, 2009 [1857])¹

1 Questão 383 de *O livro dos espíritos*.

Antes de iniciarmos nossas reflexões sobre educação e arte, faz-se necessário definir as concepções de educação e de arte que irão nortear as ideias aqui esboçadas.

Ao falarmos em educação, nos referimos à formação integral do indivíduo, que abrange os seus aspectos biopsi-cosocial-espiritual, ou seja, o desenvolvimento da inteligência, sentimento, vontade.

Educar para a arte, com arte, pela arte, é, pois, colocar o indivíduo em contato com as forças mais profundas de sua alma – é trabalhar com camadas do inconsciente, é buscar o fio condutor que nos leva à essência de cada um. (INCONTRI, 2009: 125)

Esta ideia de educação se refere não apenas a educação formal, mas também e mais fortemente a educação ou evangelização espírita, alicerçada na Doutrina Espírita que se assenta nos aspectos científico, filosófico e religioso maravilhosamente integrados.

O Espiritismo deverá reformular os padrões da Educação humana (...).

(...)O Espiritismo confere à ação educativa a meta espiritual. Desfazem-se os objetivos educacionais puramente terrenos, esses que pretendem fazer do homem uma pessoa bem ajustada aos padrões da sociedade vigente. Projetam-se objetivos para o infinito. Trata-se de formar homens bem ajustados às Leis de Deus – eternas e cósmicas – muito superiores e muito mais importantes ao Espírito do que as leis e os costumes humanos, passageiros e sujeitos às decepções da marcha do progresso. (INCONTRI, 1997: 216)

Compartilhando as ideias de Alves (2000: 24) acreditamos que o movimento de evangelização infantil não pode definir seus objetivos somente como o desenvolvimento

moral do indivíduo, pois isso seria apenas parte do processo, deixando de lado a outra asa da evolução humana – a razão. Em consonância com o Espiritismo e as concepções de educação apresentadas por Walter Oliveira Alves, em seu livro *Introdução ao Estudo da Pedagogia Espírita*, entendemos que em “síntese, a educação tem como objetivo auxiliar a evolução do Espírito”.

Estas ideias de educação como formação integral do ser, embasadas na Pedagogia Espírita, parecem vir ao encontro do pensamento esboçado por Platão, como nos afirma Alberto B. Sousa:

Esta educação holística, que parece ter sido inicialmente tentada por Pitágoras na sua escola de Crotona, terá recebido de Sócrates a perspectiva da formação através do autoconhecimento, influenciando ambos as posições platônicas de uma educação voltada para a formação da pessoa no seu todo, objetivada para sua evolução. (SOUSA, 2003: 11)

Platão afirmava ainda a importância de uma educação artística no seu sentido mais amplo e suas ideias em relação ao estado da latência da razão no período da infância vêm na mesma direção do que afirma a Doutrina Espírita:

(...) quando ele (espírito) é criança, é natural que os órgãos da inteligência, não estando desenvolvidos, não podem dar-lhe a intuição de um adulto. Ele tem, com efeito, a inteligência muito limitada enquanto a idade faz amadurecer sua razão (...) (KARDEC, 2009 [1857])².

Uma (educação artística) é a única que dá harmonia ao corpo e enobrece a alma... devemos fazer Educação com base na arte logo desde muito cedo, porque ela pode

2 Questão 380 de *O livro dos espíritos*.

operar na infância durante o sono da razão. E quando a razão surge, a Arte terá preparado o caminho para ela. Então ela será bem vinda, como um amigo cujas feições essenciais têm sido há muito familiares. (PLATÃO, *apud* SOUSA, 2003: 22)

Essa relação entre Educação e Arte, que como pudemos observar vem desde a Grécia Antiga, berço da cultura Ocidental, vem se desenvolvendo e acompanhando o avanço do pensamento de alguns teóricos da educação, da psicologia e da arte ao longo dos tempos. Dentre estes pensadores, destacamos as ideias de Herbert Read³, cuja obra *Education Through Art* (1942), exerceu grande influência não apenas no campo da educação artística, como da educação de forma geral. SOUSA (2003), citando Read, nos diz que, retomando as ideias de Platão, de que a arte deveria ser à base de toda a educação, H. Read clarifica conceitos como os de educação e de arte, analisando a sua união indissolúvel e a sua importância em todos os níveis do desenvolvimento da pessoa.

Quando se refere ao papel da arte na educação geral do homem, H. Read não se refere ao campo limitado do “ensino das artes” nem apenas ao campo exclusivo das artes visuo-plásticas. Ele refere-se muito nitidamente a algo muito mais vasto, a uma “educação estética” como uma educação englobando todos os modos de expressão individual: musical, dançada, dramática, plástica, verbal, literária e poética. Uma educação estética em que se

3 Sir **Herbert Edward Read** (1893-1968) foi um poeta anarquista, crítico de arte e de literatura britânico. A infância e a guerra foram temas frequentes nas poesias que publicou a partir da sua estréia com *Guerreiros nus*, em 1919. Crítico dos mais conceituados entre as décadas de 1930 e 1950, e expoente do movimento de educação pela arte, Herbert Read impôs-se por seu espírito democrático e humanístico, tanto no campo da estética quanto em pedagogia, sociologia e filosofia política. Escreveu mais de mil obras sobre diferentes áreas do pensamento. Entre seus ensaios, destacam-se *O significado da arte* (1931), *A forma na poesia moderna* (1932) e *Educação pela arte* (1943).

realize, no seu pleno sentido, a relação harmoniosa do ser humano com o mundo exterior, para se poder chegar a construir uma personalidade integrada, ou seja, ligada a situações e a valores que obrigam o indivíduo a tomar com independência as suas próprias resoluções. (READ, apud SOUSA, 2003: 25)

Concordando com este pensamento, numa ótica mais contemporânea da educação, temos J. F. Duarte (2000), afirmando que:

(...) o desenvolvimento de uma consciência estética no indivíduo tem um significado muito mais amplo do que a simples apreciação da arte. Ela compreende justamente uma atitude mais harmoniosa e equilibrada perante o mundo, em que os sentimentos, a razão e a imaginação se integram; em que os sentidos e valores dados à vida são assumidos no agir cotidiano. (DUARTE, 2000: 115)

Não queremos, com os pensamentos esboçados ao longo de nosso texto, dizer que a arte não tem importância em si mesma, isso seria negar o que acreditamos e as próprias idéias trazidas pelo Espírito de Massenet em *O Espiritismo na Arte*, de Léon Denis. Mas desejamos também pensar a arte como atividade estética, o que a alia perfeitamente com a educação, sem de forma alguma ferir os conceitos de arte expressos pelas obras espíritas, mas reafirmá-los, trazendo da mesma forma, novas concepções de arte às propostas educacionais espíritas.

Além disso, buscando apoio em estudiosos da Arte e Educação, citamos outros benefícios que a arte oferece as nossas crianças:

Eisner entende que, ao realizarem atividades artísticas, as crianças desenvolvem autoestima e autonomia, sentimento de empatia, capacidade de simbolizar, analisar, avaliar e fazer julgamentos e um pensamento flexível; também

desenvolvem o senso estético e as habilidades específicas da área artística, tornam-se capazes de expressar melhor ideias e sentimentos, passam a compreender as relações entre partes e todo e a entender que as artes são uma forma diferente de conhecer e interpretar o mundo. (ALMEIDA, 2001: 14).

A Pedagogia Espírita, dentro do pensamento de ALVES, vai além destas assertivas, ultrapassando os cinco sentidos, levantando a outras vivências que a arte pode oferecer à criança:

A arte é forte elemento de interação vertical, onde a alma interage com as energias espirituais superiores, propiciando à criança o desenvolvimento de seu potencial anímico e ampliando sua faixa vibratória; estimula a capacidade criativa, traçando ao mesmo tempo canais para sua expressão; é uma forma de crescimento interior e desenvolvimento das potências da alma; representa forte elemento de estímulo à energia criadora do Espírito, que é uma das maiores forças que impulsiona a evolução; sensibiliza e oferece estímulo à vontade direcionada para os ideais superiores; pode liberar energias bloqueadas, canalizando-as para níveis superiores e estimulando essa energia a vibrar de forma superior; pode ser usada como terapia, liberando bloqueios, causas profundas de estados depressivos; propicia a vivência de estados vibratórios ou sentimentos que o intelecto apenas, por si só, não atingiria. (2000: 193)

A arte vem ganhando espaço dentro das instituições espíritas, mas ainda há muito caminho pela frente para que ela ocupe o lugar e a importância que merece, em especial na evangelização espírita infantil. Concordando com Ana Mae Barbosa (1975), pelos próprios conteúdos afetivos que mobiliza, a arte pode ser um poderoso auxiliar para o enriquecimento de outros conteúdos, em nosso caso, do ensino da Doutrina Espírita aos pequeninos, e são

firmemente aceitos os objetivos relacionados com ênfase dessa função na arte-educação. No entanto, ligar a arte a outros assuntos mediante mera proposição temática a torna algo secundário, desempenhando apenas papel ilustrativo ou meramente concretizador de conteúdos predominantemente intelectuais, o que a nosso ver não comporta a proposta grandiosa que a arte reserva a todo ser humano.

Se o ser humano desde o nascimento estiver preso a um ideal, podemos calcular os novos tesouros que a ele se prenderão. A arte ideal é uma forma de prece, seu pensamento atrairá amigos invisíveis bastante elevados e para estes será fácil realçar o brilho da chama acesa anteriormente, e da alma do artista brotarão obras inspiradas pelo belo e pelo divino. (DENIS, 1994: 30)

Falar da formação do artista espírita parece algo pretensioso, mas nossa proposta é apenas lançar algumas reflexões a partir dos pensamentos já pontuadas no início deste artigo.

Como pudemos verificar, de acordo com a Codificação Kardequiana, na infância temos o período mais propício à educação do ser humano, Espírito eterno que retorna às lides terrenas para nova etapa evolutiva.

Da mesma forma, associando a arte à educação, no sentido de formação integral do ser, temos instrumento capaz de propiciar avanço e progresso ao Espírito reencarnado, semeando desde cedo em sua alma, elementos que lhe propiciem um desenvolvimento mais harmonioso ou estimulando o desabrochar de um futuro artista, cujas tendências sejam direcionadas desde o primeiro instante à busca do bem, do belo e da perfeição em si e em suas obras. Eis um trabalho delicado nos afirma Pestalozzi, através da mediunidade de Dora Incontri:

(...) pois é preciso alimentar essas almas que voltam, com ideais muito nobres, para que esse poder criador se torne impulso de construção e ascensão e não de perturbação e queda". (INCONTRI, 2009: 125)

Por que então, não intensificar ações em torno de uma educação artística voltada à criança, tendo em vista tanto sua dimensão humana quanto sua formação enquanto futuro artista propriamente dito?

Deixai que as crianças bebam nas fontes mais puras da Arte terrestre... Que elas possam exercitar a sua sensibilidade, ouvindo as melodias mais doces jamais feitas; olhando as cores e as luzes mais sutis já tecidas; declamando os poemas mais elevados jamais compostos; sentindo as produções mais próximas da divindade que o homem já atingiu. Fazei isso com todas elas e se não tiverdes no futuro todos os homens literalmente artistas, tê-lo-eis moralmente melhores e mais criativos. (INCONTRI, 1997: 215)

Longe de menosprezar os numerosos grupos formados por jovens e adultos, que envergam tamanha importância dentro do movimento espírita brasileiro, espargindo a mensagem espírita-cristã envolvida em ideais de beleza, harmonia e perfeição, que projetam do esforço pela própria melhoria íntima, vemos na criança a semente do amanhã.

Quantos esforços temos visto em nossos irmãos de ideal em torno da implantação da arte nas casas espíritas, como atividade séria e tão importante quanto as demais atividades. Quanto ainda há de se fazer neste sentido e como já sonhamos com um futuro envolto nas claridades advindas da música, da dança, do teatro, das artes plásticas, da literatura espiritualizadas e conduzindo os seres ao altar da perfeição e da busca de Deus.

Impossível não ver na criança o germe deste futuro que nasce da educação e do direcionamento que lhe outorgamos hoje.

Quantas reflexões sobre o que é e como fazer arte espírita tem nos incitado a mudanças, quantas transformações nossos grupos de arte espírita tem forjado em nós mesmos através dos ideais que esposamos, da busca incessante pela vivência daquilo que propagamos com nossa arte?

Por que não acendermos essa chama nos mais pequeninos que ainda se encontram mais flexíveis e mais propensos às impressões que lhes poderão servir de adiantamento?

Acendei luzes de beleza aos olhos e aos ouvidos das crianças. Mostrai-lhes imagens elevadas, cantai com elas canções harmoniosas, com substância estética! Não penseis poder vos contrapor à enxurrada de lixo em vosso mundo com hinos ingênuos, com odores de incenso e com tolices moralizantes! Deveis ofertar o melhor, o elevado de um Bach, o literário das histórias bem escritas, a poesia dos poetas que souberam ser geniais e sensíveis. Mas sobretudo, tende para com as crianças o exemplo vivo da busca de beleza moral e de estatura existencial, para que possais semear em seus corações o desejo de perfeição!... (INCONTRI, 2009: 121)

Longe de abranger toda a extensão que este assunto encerra, finalizamos deixando o convite para que possamos fazer mais arte voltada à criança e com a criança.

Não nos esqueçamos de que já fomos crianças um dia e de que amanhã, em novo porvir, estaremos aqui de novo, à espera de braços que nos acolham e de mãos que nos conduzam a novos horizontes através da arte enobrecida que nos edifica e eleva à ascensão a que todos fomos predestinados.

Referências bibliográficas:

ALMEIDA, C.M.C. “Concepções e práticas artísticas na escola”. In: FERREIRA, S. (Org.). *O ensino das artes: construindo caminhos*. Campinas: Papirus, 2001.

ALVES, Walter Oliveira. *A educação do espírito*. Araras: IDE, 1997.

_____. *Introdução ao estudo da pedagogia espírita: teoria e prática*. Araras: IDE, 2000.

BARBOSA, Ana Mae. *Teoria e prática da educação artística*. São Paulo: Cultrix, 1975.

DENIS, Leon. *Espiritismo na arte*. (Le Spiritisme dans l’Art). Trad. De Márcia Jotha. 2ª ed. Niterói, RJ: Lachâtre, 1994.

DUARTE, J. F. *Fundamentos estéticos da educação*. 6ª ed. São Paulo: Papirus, 2000.

INCONTRI, Dora. *A educação segundo o espiritismo*. São Paulo: Edições FEESP, 1997.

_____. *Meditações J. H. Pestalozzi. Pelo espírito Pestalozzi*. Bragança Paulista: Comenius, 2009.

KARDEC, Allan. *O evangelho segundo o espiritismo*. (L’Evangile Selon le Spiritisme). Trad. de Salvador Gentile. 284ª ed. Araras: IDE, 2003.

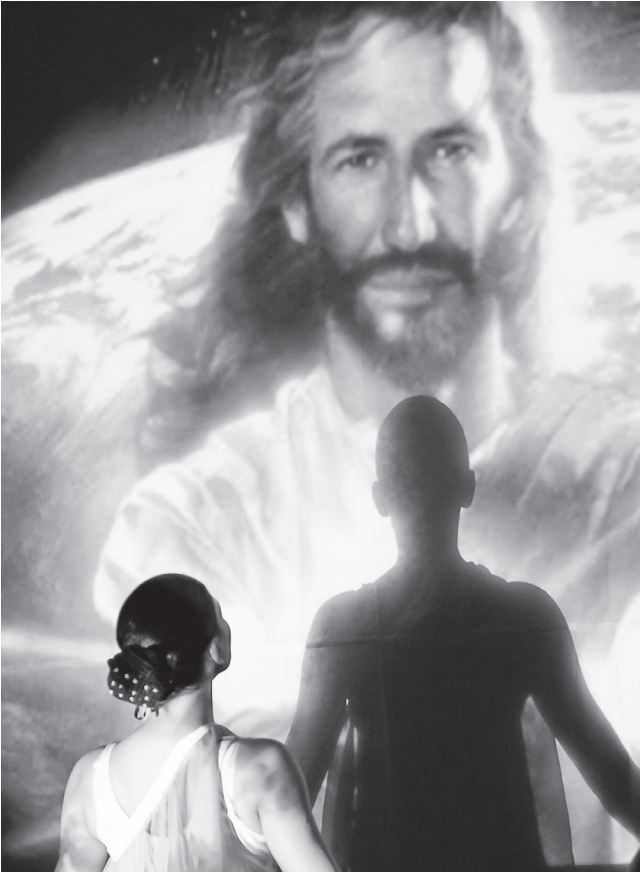
_____. *O livro dos espíritos*. (Le livre des esprits). Trad. de Guillon Ribeiro. 114ª ed. de bolso. Rio de Janeiro: FEB, 2009.

PLATÃO. *A República*. (Republic). Trad. de Pietro Nassetti. São Paulo: Martin Claret, 2002.

READ, Herbert E. *A educação pela arte*. (Education through art). Trad. de Valter Lellis Siqueira. 3ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1958.

_____. disponível em: http://pt.wikipedia.org/wiki/Herbert_Read

SOUSA, Alberto B. *Educação pela arte e artes na educação: bases psicopedagógicas*. Lisboa: Instituto Piaget, 2003.



DANÇA ESPÍRITA

ALGUMAS RELAÇÕES ENTRE A DANÇA E A RELIGIÃO

Paulo César da Silva

Este artigo pretende analisar um pouco do processo de relação entre dança e religião, em específico na Dança Espírita, pontuando um pouco desta relação na história da sociedade, se aprofundando nas relações existentes entre o processo educativo do homem e do espírito, em diálogo com os livros de Walter Alves. Farei esta abordagem através de um relato pessoal, quando participei de um projeto social que aplicava as propostas deste autor.

Para contextualizar as relações entre dança e religião na Doutrina Espírita farei um paralelo entre a religião e a dança a partir de algumas experiências vivenciadas no Grupo Espírita de Dança Evolução¹ (GEDE), com o intuito

1 Criado no Instituto de difusão Espírita em 1995 em Araras/São Paulo e atuante até hoje.

de trazer à tona algumas reflexões pertinentes à atuação de outros bailarinos e grupos espíritas de dança, visando contribuir para os processos de educação e evolução espiritual, individual e coletiva. Reflexão pautada na minha experiência de 10 anos como bailarino do GEDE, somada ao estudo e à prática em diferentes setores da casa e do movimento Espírita. O contato com a dança e com a Doutrina Espírita foi fundamental para a minha escolha profissional: a Dança. Atualmente (2009) estou cursando o sétimo período do Curso de Graduação e Licenciatura em Dança na Universidade Federal de Viçosa, além de atuar como bailarino de um grupo profissional. Tenho priorizado como área de pesquisa nestes anos de graduação a composição coreográfica, buscando relacionar os conhecimentos adquiridos na graduação com as experiências anteriores no grupo de Dança Espírita e na Doutrina Espírita.

Foi realizada uma pesquisa de natureza exploratória e descritiva, com uma análise das relações que ocorrem nesta prática (Dança Espírita) com intuito de propiciar e refletir sobre os conhecimentos religioso, artístico, de dança e do homem sobre um prisma holístico (biopsicossocial e espiritual). O primeiro ponto no qual refleti foram as expressões e relações entre dança e religião na história da humanidade, em que todos os autores afirmam que ambas possuem vínculos e interdependências dentro das ações sociais desde o princípio da expressão humana.

A dança está presente na história da humanidade desde o princípio da comunicação e expressão do homem por meio do movimento e do gesto, quando o homem utilizou o corpo e o movimento como instrumento de expressão e comunicação com o meio e com o outro. O movimento e, por consequência, a dança, como todas as artes, foi fruto da necessidade de expressão do homem, sendo considerada parte

de sua natureza, tão antiga quanto o próprio homem, ou até mesmo anterior à sua existência.

Temos como característica da natureza humana a necessidade de expressar e trabalhar com o desconhecido, as forças da natureza, a vida e a morte, tendo o homem diante de si forças superiores além de sua compreensão e domínio, sendo que personifica este desconhecido como algo superior, “um deus”, surgindo então a representação dos deuses e do divino. Neste princípio em comum temos a relação primeva da Dança, a origem da expressão surge da necessidade íntima de entender o mundo, o próximo e a si mesmo – por consequência a Deus.

E com a representação dos deuses se desenvolve o culto, o rito e a religião e segundo Blackham :

A religião se refere aos deuses, mas nem todo pensamento religioso é obrigatoriamente relativo aos deuses. Para identificar o comportamento religioso, de fato existente em qualquer sociedade e em qualquer tempo, não é necessário nem útil possuir uma definição de religião, (...) Religião existe sempre, concreta e identificável. (1966: 03)

De uma necessidade humana surgiram no passado diferentes manifestações de comunicação e expressão fundamentadas nas vivências íntimas mediante as relações com o meio e com o outro, o que em diferentes épocas passou por transformações e permitiu a evolução das mesmas áreas de conhecimento: ciência, religião, arte e dança. Aperfeiçoa-se o seu instrumento de exteriorização íntima e de relacionamento com o outro e com o mundo: o corpo, o movimento, o gesto e a expressão e por meio destes a comunicação.

Pode-se observar que tanto a dança quanto a religião se desenvolvem de diferentes formas e em diversos campos, vindo muitas vezes a se relacionar, podendo remeter a origem de uma à da outra. Temos em alguns povos tanto a religião quanto a dança com características similares e correlacionais, surgindo juntas e se desenvolvendo no contexto social, sendo expressão máxima na maioria das sociedades com grande relevância e contexto histórico, influenciando os diferentes povos, suas formas de vida em diferentes épocas.

Temos na frase de Maria-Gabriele Wosien², o relato desta interação da religiosidade e da dança:

A dança é o retrato dinâmico da história humana. Ela nos relata a experiência do entusiasmo, da presença plena e atemporal que une o ser humano com o divino. (1988: 07)

Esta interação trouxe influências em diferentes momentos da sociedade, transformando o comportamento do homem e suas relações com o meio, com o outro, com o eu e com o desconhecido. O que torna o tema relevante como objeto de pesquisa no campo das ciências, em específico da religião, arte e em particular da dança. Este conhecimento é norteador da forma de pensar e agir hoje da sociedade, das religiões e das artes, sendo essencial conhecer e refletir sobre as ações do passado para que no presente os trabalhadores do movimento de arte e dança Espírita não venham a repetir os mesmos erros e resgatem os verdadeiros objetivos da arte e da religião como necessidade da natureza humana.

2 Maria-Gabriele Wosien filha de Bernhard Wostien (pesquisadora e divulgadora das Danças circulares Sagradas).

Tratando da relação entre dança e religião, nos dias de hoje diferentes religiões trabalham com esta interação na qual a dança pode estar presente de diferentes formas: acompanhando coro e os instrumentos musicais, como atividades que priorizam a descontração e a alegria, que permitam e incentivem o louvor, que transmitam uma mensagem religiosa, que cultivam e desenvolvem a transformação moral, como trabalho social e de socialização entre outros; cada trabalho se caracteriza de acordo com o meio em que está inserido, a instituição religiosa a que pertence.

Importante ressaltar que a dança estabelece relações diferentes de uma crença para outra. Diferenças que estão interligadas ao entendimento do corpo, do movimento e da arte de acordo as referências textuais religiosas estudadas e seguidas; mesmo assim, algumas relações se assemelham, pois têm o corpo como referência, a dança como expressão e Deus como ponto em comum das intenções e sentimentos.

Busquei aprofundar a relação da Dança dentro do espiritismo tomando como base de referência, estudo e reflexão a própria Doutrina que tem sua prática e estudo alicerçado na ciência, filosofia e religião que são interligados e dependentes.

Para melhor compreender a relação entre dança e religião no espiritismo, torna-se necessário retomar alguns preceitos básicos desta doutrina. O espiritismo surgiu no final do século XIX, pelo trabalho de Allan Kardec, o codificador da Doutrina Espírita. Trouxe uma nova forma de fé baseada na razão, mediante a qual analisa todos os conceitos apresentados ao homem e pelo homem sob o prisma do tríplice aspecto ciência, filosofia, religião, aceitando somente aqueles que estão de acordo com a racionalidade.

A Doutrina Espírita possibilitou ao homem e à sociedade uma religião fora do dualismo cartesiano, ao contrário,

uma religião com bases holísticas que vê o homem como ser biopsicossocial e espiritual em constante evolução.

Tem-se uma Doutrina pautada na razão, diferente da maioria das religiões conhecidas no mundo ocidental, mas que mantém bases firmes com a religião por meio do Cristianismo que é resgatado de forma viva e racional pela organização do livro *O Evangelho Segundo o Espiritismo* que, somado a toda a Codificação traz os preceitos e orientações ao espírito sobre os processos de evolução e aperfeiçoamento do ser.

O espiritismo não é considerado uma religião constituída, mas tem indiscutivelmente consequências religiosas, mediante seus conceitos e índole nos quais não aceita nenhuma forma de culto material, nem cargos eclesiásticos. É visto como uma doutrina filosófica de efeitos religiosos. Como a maioria das religiões ocidentais, o espiritismo estuda e segue o cristianismo, buscando na moral cristã os conceitos norteadores para a vida em sociedade.

Conclui-se, então, que os adeptos do espiritismo, os espíritas, são aqueles que conscientemente aderem à Doutrina e, portanto, concordam com seus princípios, suas ideias formadoras e suas propostas de vida moral, social e espiritual.

O trabalho com a Dança Espírita encontra-se baseado também nesta tríade: ciência, filosofia e religião, na qual baseiam-se suas práticas, estudos e reflexões. Onde a relação de religião e dança, por meio da soma de seus atributos e recursos, influencia o comportamento do homem.

A arte não é apenas uma forma de expressão, mas acima de tudo uma forma de crescimento interior, de desenvolvimento das potências do homem e da alma tornando-se, então, um ótimo elemento de integração vertical entre o homem e o divino, auxiliando na elevação da sintonia do

mesmo, aproximando-o de Deus. Como aborda Wostien³ em seu livro *Um Caminho para Totalidade*:

A dança, por isso, não é apenas a transparência do divino, assim como uma janela aberta, uma vista para o divino. A dança também não é uma viva imagem remanescente – a dança é, em tempo e espaço, um signo, um acontecimento visível, uma forma cinética para o invisível. (2000: 27)

A arte, em específico a Dança, trata de desenvolver o ser humano integral, possibilitando o desabrochar de todos os potenciais do espírito, sejam intelectuais, afetivos ou morais. O que permite encarar a mesma como educadora, podendo ser considerada como um meio ou instrumento para ensinar e aprender a temática Espírita, uma forma de vivência prática da teoria doutrinária, uma modalidade que em sua essência carrega os princípios do sagrado integrando corpo, espírito e divino.

Claro que o trabalho com a Dança em diálogo com a religião dependerá do foco, dos objetivos, ideais e estruturas que caracterizem cada grupo e/ou instituição em que este trabalho se desenvolve.

Para distinguir a minha reflexão de agora em diante, irei fundamentar a abordagem de Dança Espírita seguindo os caminhos da educação ou evangelização de espíritos, tomando como referência o autor de vários livros na área da Educação Espírita, Walter Oliveira Alves: “Em síntese, a educação tem como objetivo auxiliar a evolução do espírito.” (2000: 28)

Para mim, Dança Espírita trata do ‘evangelizar-se’ por meio dos diferentes elementos da dança em diálogo com

3 Bernhard Wostien, pesquisador e divulgador das Danças circulares Sagradas.

o espiritismo; evangelização que ocorre no aprendizado teórico e prático da dança sob as luzes do esclarecimento da Doutrina Espírita. Considerando a arte e a dança, em específico a Dança Espírita, como instrumento indispensável à verdadeira educação do homem, com o objetivo de desenvolver todas as potencialidades físicas, racionais e emocionais mediante um olhar holístico.

Como nos diz Walter de Oliveira:

Arte é criatividade, é beleza, é expressão, é investigação, é comunicação, é uma linguagem natural que pode ser compreendida por todos. Em essência, a arte é uma linguagem universal. (2000: 194)

Pode-se trabalhar a Doutrina Espírita como uma ‘filosofia’ de vida na qual a Dança Espírita atua como instrumento para o autoconhecimento e para o bem-estar do homem, possibilitando o equilíbrio de suas energias. Pois o espírita vê o corpo como um instrumento material para seu aprimoramento espiritual, assim como um espelho através do qual pode observar as manifestações de suas necessidades intrínsecas, de suas tendências – instrumento a ser lapidado e aprimorado para que o espírito possa atingir a perfeição.

Conforme a questão 22 de *O Livro dos Espíritos*: “Que definição podeis dar da Matéria?” Onde os espíritos nos respondem que: “A matéria é o laço que prende o Espírito; é o instrumento de que ele se serve e sobre o qual, ao mesmo tempo, exerce sua ação.”

Definições e temas semelhantes a estes caracterizam e diferenciam a Doutrina Espírita das demais religiões. Caracterizando a Dança Espírita com uma distinção entre as demais danças religiosas, seus conceitos e conhecimento, assim como sua forma de entender o corpo, o espírito, o

pensamento e as vibrações, agrega valores diferentes ao trabalho com as artes, em específico a dança. Estes conhecimentos em prática somente terão resultado distinto dos demais grupos de dança observados na sociedade, de acordo com a prática desenvolvida por cada grupo de Dança Espírita – que deve tomar como referências os conhecimentos espíritas e o cristianismo.

Alguns conceitos pertinentes à filosofia Espírita e de relevância também ao trabalho com a Dança: lei de causa e efeito ou ação e reação, reencarnação, vidas sucessivas, imortalidade da alma, pluralidade das existências, dentre outros. Conceitos que permeiam a relação entre dança e religião na Doutrina Espírita, que por meio de atividades específicas devem ser direcionadas e abordadas pela da racionalidade e religiosidade.

Dançando, o homem transcende o ser físico adentrando na harmonia com o ser espiritual que há em si mesmo e exterioriza esse ser espiritual em vibrações harmônicas nos movimentos de seu corpo. (ALVES, 2000: 204)

A dança atua como instrumento para a edificação do homem como um todo, interferindo na estrutura e construção do indivíduo e do grupo, no campo físico, psíquico, social, espiritual e emocional.

Segue abaixo um relato pessoal por meio do qual espero seja possível contextualizar um pouco da atuação da dança e da religião dentro do processo de evangelização e educação do espírito no contexto social. Assim, espero colaborar um pouco para a reflexão sobre as relações da dança e da religião dentro da Doutrina Espírita.

O meu primeiro contato com a Doutrina Espírita foi em um projeto social que além dos aspectos sociais,

atuava com uma abordagem doutrinária por meio de aulas de evangelização. O projeto em seu desenrolar, além de conhecimentos técnicos que preparavam os jovens para o trabalho, atuava mediante uma formação cultural abrangente, visando um equilíbrio das necessidades do espírito encarnado.

Um trabalho que atuou de forma global, no plano material e imaterial, onde os jovens são influenciados pelo social, coletivo, econômico, por meio das diferentes mudanças da cultura, da tecnologia e da mídia; estes diferentes proponentes atuam sobre os processos de vivência espiritual, vicissitudes e virtudes que se manifestam, onde a evangelização foi um forte colaborador para o amadurecimento espiritual.

Tive, então, no social e espiritual meu primeiro contato com a arte da dança, por meio de um projeto realizado por uma instituição espírita que visava preparar crianças e jovens para o trabalho e para o futuro. Onde eram fornecidos conhecimentos gerais e específicos que colaborassem para a construção de uma identidade.

Dentre as atividades oferecidas, estavam inclusos estudos das bases doutrinárias espíritas, além de conhecimento sobre o desenvolvimento biológico do homem, desde sua gestação até a idade adulta, as alterações físicas, psicológicas e emocionais do mesmo, conhecimentos técnicos para atuar no mercado de trabalho.

Foram oferecidas aulas de evangelização teóricas e práticas, possibilitando uma diversidade de conhecimentos do ensino religioso da Doutrina Espírita, com palestras, aulas em grupo, debates, discussões, leituras de textos das obras basilares da doutrina, o que, segundo Walter Oliveira Alves (2000), é essencial ao espírito para compreensão do processo evolutivo que vivenciou, possibilitando nesta encarnação

mediante estes conhecimentos maior compreensão de suas tendências, auxiliando nos processos de autonomia e aprimoramento moral.

O conhecimento doutrinário levará o Espírito a compreender o mecanismo da evolução, as leis divinas que regem os mundos e os seres, auxiliando-o a atingir a autonomia moral e intelectual, como ser que pensa, sente e age. (ALVES, 2000: 35)

Todas essas atividades eram intercaladas e correlacionais em seus temas, estudos e práticas, sendo oferecidas durante a semana com carga horária de 4 horas por dia, em turmas separadas por faixa etária e por centro de interesse dos alunos em relação aos cursos técnicos. Trabalho realizado por professores com conhecimentos específicos nas diferentes áreas, na sua maioria simpatizantes ou praticantes da Doutrina Espírita.

As atividades de Artes estavam entre as que mais despertavam o interesse dos alunos, pela sua característica de lazer e descontração; também por ser de difícil acesso devido à condição social dos estudantes, o que possibilitava uma realização pessoal ao atingir determinados objetivos propostos pelas atividades, fossem a finalização de uma pintura, o aprendizado de uma música ou partitura, a apresentação de uma peça teatral ou coreografia em algum evento.

Todas essas atividades eram oferecidas visando o aprendizado técnico artístico específico de cada área, mas, também, auxiliando no relacionamento e socialização dos alunos em grupo, desenvolvendo amizade, disciplina, respeito, cooperação, criatividade, espontaneidade, expressividade, atenção, senso estético, autoimagem dentre outras características que o ensino e as práticas destas Artes oferecem.

Atividades pautadas nos conceitos e conteúdos da Doutrina Espírita, explicitamente nos objetivos e nos temas dos trabalhos artísticos, ou implicitamente na estruturação das atividades e conteúdos ministrados pelos professores, por meio dos ideais e conceitos Espíritas em que acreditavam.

Neste mesmo projeto tive meu primeiro contato com a dança, com exceção das vivências de entretenimento social no cotidiano e nas festas familiares e apreciadas pelos meios de comunicação.

Proponho então as seguintes questões: Por que a Dança? Como se desenvolve as relações entre a dança e a religião na Doutrina Espírita?

A dança, como as outras artes, trabalha com o potencial intrínseco do ser humano, permitindo a este externar seus sentimentos e canalizá-los por meio do movimento e da arte para o belo. Segundo Wostien:

O objeto da meditação é, para o bailarino, o seu corpo. Este é para ele, ao mesmo tempo, moradia e instrumento. Durante o exercício, durante a dança, ele deve apropriar-se inteiramente dele, preencher todos os seus recantos. (...) calor, circulação e suor produzem um despertar interior, flexibilidade e solução. A inspiração e a expiração são mais profundas, a tensão e o relaxamento são mais intensos, a correção do equilíbrio interno e externo é repetidamente treinada. O aumento do suor leva a uma eliminação de resíduos. No todo, este processo é, a cada vez, um passo para a autodescoberta. (2000: 28)

A Dança possui características para autodisciplina por meio do ensino de diferentes técnicas e estilos, despertando o interesse e atenção; trabalha com a socialização mediante

os trabalhos em dupla e em grupo, aumentando o respeito pelos outros integrantes, pelo próximo. Suas práticas atuam de forma integrada com corpo e mente permitindo aos alunos superar limites. Além da dança permitir e ampliar o contato com o sagrado do indivíduo que ao ser externalizado soma e entra em contato com a energia e vibração dos outros integrantes, essencial na adolescência, fase de autoafirmação e formação da identidade.

A dança atuando no desenvolvimento da criança e do jovem auxilia como instrumento capacitador deste para a vida em sociedade, pois atua sobre a motricidade e expressividade que reflete sobre as sensações, sentimentos e afetividade do indivíduo e do grupo. Pela utilização da música amplia-se a sensibilidade, auxilia a expressão/comunicação do espírito por meio do corpo no qual tendências, virtudes e vicissitudes se defrontam e podem ser externalizadas e trabalhadas sob a ótica da Doutrina Espírita. Possibilita ao homem recursos para distinguir e refletir sobre suas emoções, ampliando e qualificando a sua afetividade em direção ao bem.

Percebe-se que a prática da dança somada ao ensino religioso tem uma infindável colaboração para o desenvolvimento integral do homem, aproximando este de Deus, na expressão de sentimentos e na absorção das vibrações contidas no ambiente. Possibilitando centralizar o processo de aprendizagem e lapidação íntima no próprio educando, considerando que todo espírito encarnado encontra-se em fase de transformação íntima em busca da autonomia espiritual. Como informa Walter Alves:

Todo o processo educativo, pois, deve ser centrado no estímulo à vontade do educando, para que este queira aprender, queira melhorar-se, empreendendo

assim sua ação no bem. O Espírito deve receber os estímulos adequados à sua ação, desafios proporcionais à sua bagagem interior para que ele possa agir, utilizando sua bagagem do passado para a construção do seu futuro. (2000: 96)

Em muitos momentos a dança pode atuar para os bailarinos como uma válvula de escape. Um meio físico, sinestésico, expressivo e canalizador para os problemas, sentimentos e sensações que são acumulados no íntimo do espírito encarnado, podendo se caracterizar também como meio para realização de sonhos, ideais e expectativas do bailarino. Sonhos que se efetivam em cima do palco diante do público, ao vestir o figurino e maquiar-se, ao ouvir os aplausos do público e sentir o frio da barriga, na energia que emana, vibra e contagia.

A dança atua diminuindo a distância do homem em relação a si mesmo por meio do contato íntimo com o corpo, auxilia a consciência corporal/emocional/espiritual permitindo a este valorizar-se como espírito encarnado que tem o corpo como instrumento de aprendizagem que merece atenção e cuidados com a saúde, possibilitando também o prazer, a expressão de sensações, ideias e sentimentos. O mesmo propunha Klauss Vianna em suas aulas, como expresso no livro *A Dança*:

Todas as ansiedades, questionamentos, e dúvidas têm origem e resposta em mim e isso determina minha postura diante do mundo exterior. (...) minhas angústias e tensões estão presentes em meu corpo, em meus gestos. Durante a aula é impossível camuflar, (...) em vez de reprimir esses sentimentos é possível trabalhá-los, dimensionando-os de forma mais equilibrada. (2005: 75)

Experiências que são vivenciadas por meio da dança, do movimento, dos exercícios repetitivos, dos jogos de

criatividade, da livre expressão corporal, da externalização física e emocional na improvisação, da união do corpo em movimento com a música em diferentes harmonias e ritmos, colaborando para a comunicação e expressão. Da prática das aulas de dança para todas as manifestações da vida – uma conquista que afeta todas as posturas e ações do homem.

O espírito se conecta mais intimamente com seu corpo, com suas necessidades, suas possibilidades, ampliando as possibilidades de diálogo, comunicação e expressividade nas relações com o meio em que está inserido, material e espiritual.

O ato de dançar, de construir-se em cada gesto e movimento, se fazer bailarino a cada dia! Para contextualizar este processo, utilizo um trecho poético do bailarino e pesquisador de Dança Circular, Wostien:

Este processo é comparável a um trabalho de lapidação, que permite ao diamante bruto tornar-se numa pedra preciosa lapidada, brilhante e reluzente. (2000: 28)

Trabalho que tem uma finalização momentânea na apresentação final das coreografias ou espetáculo, que tem nos aplausos uma nova sensação, permitindo às crianças e aos jovens a elevação do estado pessoal, social, íntimo, psicológico e emocional, pois o aprendido permanece como uma bagagem, experiência e conhecimento que pode e é acessado pelo espírito consciente ou inconscientemente, trazendo uma relação contínua entre as vivências em dança e o processo evolutivo do espírito. Então nunca a apresentação de uma coreografia torna-se o final de um trabalho, mas um perene espiritualizar-se por meio de cada experiência, como aponta Klauss Vianna ao falar de seus processos coreográficos:

(...) sei que esse trabalho não está pronto nem ficará pronto nunca: são observações, reflexões, sensações que se modificam e ampliam-se no dia a dia, (...) (2005: 69)

O que permite fechar meu relato pessoal a respeito do primeiro contato com a dança e a Doutrina Espírita. Houve uma forte relação entre o aprendizado e a vivência da dança e religião, que veio colaborar para as diferentes experiências de vida que enfrentei e com que todo espírito encarnado se depara durante a fase de transição da infância, da adolescência, da juventude e da fase adulta no plano terrestre. As transformações físicas, psíquicas, emocionais e espirituais são relevantes no processo evolutivo de aperfeiçoamento do espírito, a dança em diálogo e ou integrada com a religião é instrumento salutar nesta etapa de desenvolvimento e aprendizagem no equilíbrio e na formação da identidade do espírito em evolução.

Neste momento trarei algumas informações sobre o GEDE, do qual fiz parte, acreditando que alguns relatos sobre esta experiência possibilitarão dar continuidade à reflexão sobre as relações entre dança e religião.

Como primeiro aspecto, abordo os objetivos do GEDE que foram constituídos a partir da estruturação do grupo e que foram aprimorados a partir do crescimento e amadurecimento do grupo, vindo a constituir um estatuto com normas, regras e objetivos.

Este estatuto foi constituído pelos integrantes do grupo, sob a orientação da coordenação do mesmo e baseado no estatuto do grupo de Artes e do Estatuto da Casa Espírita da qual fazia parte, o Instituto de Difusão Espírita (IDE).

Após estudos, reflexões e pesquisas alguns pontos principais foram definidos, dentre eles os objetivos do grupo: reforma íntima, busca constante do aprimoramento

moral dos participantes, aprendizagem técnica artística em dança, diferentes modalidades que colaborassem para a expressão e comunicação por meio da dança e, finalmente, levar, por meio das coreografias, uma mensagem pautada no conhecimento Espírita.

Um trabalho que soma o estudo, a teoria e a prática, a emoção, a razão e a reflexão, onde o Espírita deve estar por inteiro, aprimorar em equilíbrio todas as suas potencialidades, semelhante ao que nos orienta Klaus Vianna: “A dança se faz não apenas dançando, mas também pensando e sentindo: dançar é estar inteiro.” (2005: 32)

O estatuto foi elaborado de formar a enfatizar sempre o estudo teórico da Doutrina Espírita e sua vivência prática. Em suas atividades, processos artísticos e apresentações, o GEDE buscou e desenvolveu um trabalho sério, muitas vezes integrado aos demais departamentos e setores da instituição espírita, com igual valor e importância dos departamentos assistencial, espiritual, doutrinário, mediúnico, social, de divulgação e evangelização.

Considere-se que o trabalho de um Grupo de Dança Espírita em suas características e configurações mediante seus estudos e prática atua em todos os segmentos dos demais departamentos e setores citados acima: pelos estudos doutrinários para composição coreográfica; com a mediunidade, na sintonia com os planos superiores para criação coreográfica e para as apresentações artísticas; na evangelização dos próprios bailarinos, do público e dos espíritos que acompanham o grupo, os bailarinos e assistem às apresentações artísticas; no assistencial, por meio da própria mediunidade e evangelização de espíritos, dentre outros setores como divulgação da doutrina em que podemos observar as relações possíveis entre dança e religião.

Estas atuações devem ser programadas e estudadas para que sejam realizadas com a mesma seriedade e verdade que são realizadas nos demais setores de uma instituição Espírita. 'Disciplina, disciplina e disciplina' um dos primeiros passos para que um grupo de Dança Espírita seja respeitado com um trabalho dentro do meio Espírita, recordando dos preconceitos sociais existentes em relação à dança.

Um grupo de Dança Espírita deve se caracterizar pela verdade de suas coreografias ou de sua dança, possibilitando que a verdade vivenciada pelo grupo seja transmitida ao público. Onde os conteúdos técnicos, textuais, estéticos e artísticos apresentados ao expectador sejam sempre pautados num princípio moralizante que seja resultado do esforço dos bailarinos, não apenas pelo aprendizado da técnica, como, também, do esforço moral pelo seu aprimoramento constante na dança, na religião, nas relações sociais, espirituais e em especial seus processos íntimos de aprimoramento e de construção evolutiva.

Toda experiência no campo da dança, da religião, da vida pessoal, familiar, social e espiritual colaboram para a construção evolutiva, possibilitando ampliar as relações do espírito encarnado com o mundo social e espiritual, auxiliando na identificação das tendências íntimas que se externam, permitindo trabalhar, conduzir, transformar, educar e lapidar as vicissitudes na busca de aprimoramento das virtudes e por atingir a angelitude.

Sendo fundamental o trabalho de educação do espírito pela evangelização que, somado e integrado aos estudos teóricos e vivências práticas da Dança Espírita, possibilita o desenvolvimento do processo de educação e transformação moral, característica intrínseca da arte, da dança e da religião separadamente, mas que juntos e integrados auxiliam e

aceleram este processo que é fundamental hoje perante a realidade social na qual se encontra o mundo. Sem estudo e sem prática não existe dança, sem trabalho no Bem e pelo Bem não existe aprimoramento e transformação moral.

Este estudo pretendeu analisar um pouco do processo de relação entre dança e religião, em específico na Dança Espírita, pontuando um pouco desta relação na história da sociedade, se aprofundando nas relações existentes dentro do processo de educação através de um relato pessoal de um projeto social que atuou com estas relações, cotejando com fundamentos e experiências verídicas de um grupo espírita de dança, onde espero que tenha sido possível observar como estes processos podem contribuir para o processo de educação e evolução espiritual que é finalidade única e inevitável, conforme Walter de Oliveira: “Em síntese, a educação tem como objetivo auxiliar a evolução do espírito.” (2000: 28)

Nós (artistas e bailarinos Espíritas) devemos desenvolver bases fortes e seguras para que no futuro a Dança Espírita continue a se desenvolver sem se deixar influenciar por segmentos de modismo que tanto influenciam a sociedade, possibilitando ao bailarino de amanhã encontrar maiores recursos para conseguir, por meio da Dança Espírita, desenvolver-se espiritualmente, encontrando cada vez mais no público, maior senso crítico que rejeite as manifestações artísticas vazias de mensagem ou baseadas no apego e culto a matéria.

Cabe aos bailarinos Espíritas essa formação de público crítico pela qualidade de suas produções artísticas em dança. Com este objetivo, surge a necessidade de trabalhos e de Grupos de Dança Espírita que pautem suas pesquisas, vivências e coreografias no estudo da Doutrina, assim como no estudo da arte, não apenas sob o caráter Espírita, mas em

seu sentido e na influência que tiveram em todas as épocas na sociedade, possibilitando melhor compreensão do papel do artista na sociedade hoje e no futuro. Possibilitando que as relações entre dança e religião, que em sua origem foi integrada e indivisível, torne-se cada vez mais forte e presente para o homem. Relações estas que vem retratando diversas facetas da vida, retirando o véu da materialidade que dificulta ao homem a aproximar-se de Deus. A dança pode aproximar o homem da espiritualidade por meio de coreografias que abordam temas que esclarecem e inspiram, que fortalecem e impelem à reflexão para que assim o Espírito continue nesta jornada, transitória, mas essencial à lapidação íntima e ascensão espiritual.

(...) Ensina que antes de exprimir na matéria a sua experiência existencial, o homem a traduz com a ajuda do próprio corpo. Alegria, dor, amor, terror, nascimento, morte, tudo, para o verdadeiro bailarino, é motivo de ocasião de dançar. Por meio dos movimentos da dança aprofunda-se cada experiência e realiza-se o milagre da comunicação. (VIANNA, 2005: 19)

Referências bibliográficas

ALVES, Walter Oliveira. *Introdução ao estudo da pedagogia espírita: teoria e prática*. Araras/São Paulo: IDE, 2000.

_____. *Educação do espírito: introdução à pedagogia espírita*. Araras/São Paulo: IDE, 1997.

BLACKHAM, H. J. *A religião numa sociedade moderna*. (Religion in a modern society) trad. de Rodolfo Konde. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1967.

BOUCIER, Paul. *História da dança no ocidente*. (Histoire de La danse en occident). Trad. de Marina Appenzeller. 3ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

DENIS, Léon. *O Espiritismo na Arte* (Le Spiritisme dans l'Art). Trad. de Márcia Jotha. 2ª ed. Niterói: Publicações Lachâtre, 1994.

GIL, Antônio Carlos. *Métodos e técnicas de pesquisa social*. 5ª ed. São Paulo: Atlas, 1999.

KARDEC, Allan. *O evangelho segundo o espiritismo*. (L'Évangile Selon le Spiritisme). Salvador Gentile. 182ª ed. Araras/São Paulo: Instituto de Difusão Espírita, 1978.

_____. *O livro dos espíritos*. (Le livre des esprits). Trad. de Salvador Gentile 113ª Ed. Araras/São Paulo: IDE, 1997.

_____. *Obras póstumas*. (Euvres Posthumes). Salvador Gentile. 3ª ed. Araras/São Paulo: IDE, 1995.

LEX, Ary. *Pureza doutrinária*. 2ª. Ed. São Paulo: FEESP, 1990.

READ, Herbert. *As origens da forma na arte*. (The origins of form in art). Trad. de Waltensir Dutra. 2ª ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

VIANNA, Klauss. *A dança*. 3ª ed. São Paulo: Summus, 2005.

WOSIWN, Marie Gabriele. *Dança sagrada, deuses, mitos e ciclos*. (Sakraler Tunz – de Reigem im Jahreskreis). Trad. de Raphael de Haro e Maria Leonor Rodenbach. Rio de Janeiro: Triom, 2002.

WOSTIEN, Bernhard. “Entre Deus e o mundo”. In: _____. *A dança: Um caminho para totalidade*. (Der Weg des Tanzers – Selbsterfahrung Bewegung). Trad. de Raphael de Haro e Maria Leonor Rodenbach. Rio de Janeiro: Triom, 2000.



A DANÇA COMO EXPRESSÃO DO ESPÍRITO

Eneida Gomes Nalini de Oliveira

E que seja perdido o dia que não se dançou uma única vez...

Nietzsche

Esse texto tem por finalidade demonstrar de maneira sucinta como a dança tem representado, através dos tempos, sua importância dentro do contexto espiritual, seja por meio de ritos em alguma religião ou crença, seja pelo simples ato de celebrar.

No espiritismo, a dança vem ganhando terreno como disciplinadora de ações e sentimentos por ser uma das expressões artísticas que pode trabalhar o corpo visando o bem estar do ser em sua essência.

A dança, além de sua importância por si só, pode auxiliar às outras artes, tornando o artista mais completo, pois desenvolve a consciência corporal, nos fornecendo dimensões maiores para expressar nossos sentimentos.

A pesquisa deste trabalho se fez mediante sites da Internet e livros relacionados à dança e ao espiritismo. Alguns filmes também serviram de suporte. O trabalho da **Mostra de Dança Espírita** da cidade de Araras que está na sua 7ª edição (em 2008¹), também vem servindo como material de pesquisa de campo para que possamos teorizar e investigar a respeito da dança com temática espírita.

Sendo “a música mediadora entre a vida material e a vida espiritual” (ARMIN, *in* OLIVEIRA, 1995: 52) podendo ser usada para a dança acontecer, então, podemos afirmar que a dança também fica entre o material e o espiritual. Quando se abstém da música, ficam então os sons refletidos pelas imagens que a dança pode proporcionar.

Quando o homem começou a dançar?

Acredita-se que o homem pré-histórico tenha desenhado momentos de dança nas paredes das cavernas. Movimentos que, se unificados, nos lembram uma coreografia fotografada. A arqueologia não deixa de indicar a existência da dança como parte integrante das cerimônias religiosas. Alguns teóricos afirmam que a dança nasceu como uma necessidade de expressão.

Os primeiros registros de atividades dançantes datam do Paleolítico Superior, quando os homens viviam em pequenas hordas isoladas, cultivando um primitivo individualismo, apenas ocupados em coletar alimentos. Não há indicação de que cultuassem alguma divindade ou acreditassem na vida após a morte, nem que possuíssem um pensamento lógico. Ao contrário, dominados pelo pensamento mágico, pareciam acreditar ser possível, através de representação pictórica, alcançar determinados objetivos: abater um animal, por exemplo. Nesse sentido é que se poderia interpretar as pinturas e desenhos

1 A **Mostra de Dança Espírita de Araras** acontece todos os anos na cidade de Araras (SP); oficinas, estudos e mostra com temática espírita são enfatizados durante o encontro. Maiores informações: <http://mostraespiritadedanca.wordpress.com/>

encontrados nas paredes e tetos (...) a representação de figuras humanas disfarçadas de animais, numa atitude de executantes de danças mágicas destinadas a alcançar aquele intento. (MENDES, 1987: 9).

O homem demonstra, através dos tempos, como a dança vem auxiliando seu autoconhecimento e suas variadas necessidades de se expressar. A dança muda de caráter e vestimenta através de diferentes momentos históricos, atendendo de uma maneira, talvez sutil, àquelas necessidades. As técnicas aparecem e, algum tempo depois, a negação delas. Os movimentos contemporâneos e os diferentes estilos nos dão possibilidade de um estudo abrangente sobre as diferenças apresentadas e refletidas em cada momento histórico. No entanto, não cabe a nós fazê-lo neste momento.

As atividades com expressão corporal e coreografias têm sua relevância dentro de diferentes grupos sociais como, por exemplo, a escola, a comunidade e os grupos artísticos independentes.

Nos grupos espíritas, a dança vem sendo desenvolvida como parte do trabalho espiritual no qual o grupo se insere. Muitas vezes, em várias discussões acerca do trabalho espírita, os coordenadores de trabalho ainda não sabem como definir esta arte que começa a se destacar em nosso meio. Alguns grupos trabalham a temática, observando e cuidando das letras das músicas coreografadas, outros grupos tentam passar uma mensagem que tenha como base os princípios da doutrina.

A dança desenvolve ricos mecanismos de evolução do pensamento e do sentimento, pois disciplina atos e ajuda na construção de novos pensamentos e desejos. Ela pode promover no espírito um estado de alegria, afastando depressões e tristezas, quando bem direcionada.

Renova seus quadros de memória de maneira prazerosa e disciplinada. Eleva o pensamento do espírito, sendo às vezes até caracterizada como uma atividade mediúnica.

Além de todos os fatores mencionados acima, ela também modifica a vontade, pois ajuda na educação de nossos atos, quando bem direcionada; reflete uma maneira de sentir; disciplina os sentimentos; ajuda a identificar as necessidades espirituais do ser e seus conflitos; é um processo educativo; processa identificação e limpeza nos quadros da memória e explora o pensamento e as emoções.

Acreditamos que a dança, como disciplinadora de sentimentos e conduta, deveria controlar a vaidade, dar consciência do espaço (você no espaço X espaço trabalhado), proporcionar cuidados com o corpo e a mente, com os processos mentais e com as ações como reprodução dos pensamentos.

O trabalho com crianças pode abrir uma oportunidade de vivência e convivência, disciplinando atos e abrangendo sua consciência quanto às possibilidades do corpo, sistematizando condutas.

Com adolescentes a dança disciplina e organiza ATOS, conscientiza a mente, abrange possibilidades do uso do corpo, disciplinando a sexualidade e a libido, ajuda a tratar o corpo como um instrumento do qual se faz uso, pois na doutrina sabemos que é o envoltório do qual nos utilizamos para o cumprimento das nossas tarefas (provas e expiações) no plano material.

Nos adultos percebemos uma reenergização, uma nova educação de postura e respiração e abertura de novas possibilidades de trabalho com o corpo.

O trabalho social cria oportunidades de crescimento nas áreas de teatro, expressão, coreografias e criações artísticas variadas, há valorização e entendimento do corpo,

facilitando relações que estabeleçam o respeito como meta, notando-se uma preocupação maior com a saúde e também a multiplicação das tarefas pensadas no grupo de arte.

Através dos tempos, essas atividades relacionadas ao movimento corporal vêm reforçando sua importância no contexto espiritual. Percebemos sempre a mensagem embutida nas danças com temática espírita: danças que permitem a reflexão de valores morais, éticos e espirituais.

Podemos concluir com este texto que a dança é, para *alguns* artistas espíritas, uma das expressões máximas do espírito, pois o artista se expõe por inteiro usando somente o corpo para sua execução.

A dança é uma aliada das artes, pois nos possibilita praticar nossa consciência corporal nos dando flexibilidade de ações. Ela é a expressão em si, pois seus movimentos podem relatar o que vai no íntimo do artista. Sendo bem trabalhada, com princípios e metas ordenadas dentro de objetivos que atendam à educação postural, moral e de consciência, a dança pode ser uma aliada no crescimento do ser humano, visto como integral, atendendo também às necessidades do espírito. Entende-se por dança, nesta dissertação, os movimentos corporais que podem ou não atender a técnicas. Movimentos que podem representar diferentes estilos e maneiras de se expressar, tendo como ferramenta o próprio corpo, trabalhado para a educação do espírito.

Sabemos que o Espiritismo contém um corpo de ideias todas elas confluentes para a edificação do ser humano em face da vida, no aqui e no agora existencial. Apesar de não ser 'moralista' como muitos de seus adeptos o apresentam, é moralizante em todos os sentidos, porque parte do pressuposto de que só poderemos cumprir nosso destino evolutivo orientando as ações por uma ética fundamentada no amor fraterno, aquele ensinado no Evangelho de Jesus, sejamos claro. (TOURINHO, 1991: 15)

Observando a questão 127² do livro *O Consolador*, notamos que há uma questão de reforma íntima nos preceitos da pergunta sobre atividade artística. Cabe então, ao coreógrafo, trabalhar simultaneamente o que deve ser esta expressão por meio da dança. Além disso, a dança desenvolve a confiança, o respeito e a responsabilidade do trabalho em grupo, facilitando, assim, nossa reforma íntima.

Como escreveu Bédart

(...) o homem está só diante do Incompreensível: angústia, medo, atração, mistério. As palavras de nada servem (...) o que é preciso é entrar em *contacto*. O que o homem busca para além da compreensão, é a comunicação. A dança nasce dessa necessidade de dizer o indizível, de conhecer o desconhecido, de estar em relação com o outro (...), e é claro, na relação máxima consigo mesmo. (in GARAUDY, 1973: 8)

Referências bibliográficas

GARAUDY, Roger. *Dançar a vida* (Danser sa vie). Trad. de Antônio Guimarães Filho e Glória Mariani. 4ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1973.

MENDES, Miriam Garcia. *a dança*. 2ª ed. São Paulo: Ática, 1987.

OLIVEIRA, Weimar Muniz. *Renascimento da arte, à luz da terceira revelação*. Goiânia: Feego, 1995.

TOURINHO, Nazareno. *A dramaturgia espírita*. Rio de Janeiro: FEB, 1991.

XAVIER, Francisco Cândido. *O Consolador*. Pelo espírito Emmanuel. 8ª ed. Rio de Janeiro: FEB, 1940.

2 127 – O preceito “corpo são, mentalidade sadia” poderá ser observado tão-somente pelo hábito dos esportes e labores atléticos?

No que se refere ao “corpo são”, o atletismo tem papel importante e seria de ação das mais edificantes no problema da saúde física, se o homem na sua vaidade e egoísmo não houvesse viciado, também, a fonte da ginástica e do esporte, transformando-a em tablado de entronização da violência, do abastardamento moral da mocidade, iludida com a força bruta e enganada pelos imperativos da chamada eugenia (...)

Bastará essa observação para compreendermos que a “mentalidade sadia” somente constituirá uma realidade quando houver um perfeito equilíbrio entre os movimentos do mundo e as conquistas interiores da alma. (1940: 81)

DANÇA É ARTE?

Mariângela Damiani Gonçalves

Desde a origem das sociedades uma das formas do homem se afirmar como membro de uma comunidade que o transcende é através da dança. A história nos mostra que o homem dançou em diversos momentos da sua existência, em diferentes comemorações. No nascimento e na morte, na guerra e na paz, na sementeira e na colheita...

Esteticamente a dança pode ser dita como a arte mais antiga, expressando as emoções sem usar a palavra. Bastava a própria dança para revelar tudo que queria.

A dança torna visível o invisível.

Paul Klee¹

Na Bíblia, mais precisamente no Antigo Testamento, encontramos inúmeras citações sobre a dança como expressão de louvor ao Senhor. Em Samuel podemos observar David

¹ Paul Klee (1879-1940), pintor e poeta suíço naturalizado alemão. O seu estilo individual, foi influenciado por várias tendências artísticas diferentes incluindo o expressionismo, cubismo e surrealismo. (pt.wikipedia.org/wiki/Paul_klee)

dançando e cantando alegremente na chegada da Arca a Jerusalém. A dança sempre mostra um Deus presente, tornando o homem mais forte, mais feliz.

Observamos então que nas diversas formas de comemoração e adoração a dança se faz presente, porém sofreu e ainda sofre preconceitos estabelecidos em outra época. Qual será o motivo? Vamos voltar um pouco no tempo e acompanhar os fatos...

O filósofo Platão (428-346 a.C.) na sua crença, na sua ideia dualista, criou dois mundos. O Topus Uranus ou o mundo das ideias perfeitas, o céu, o mundo espiritual, habitado apenas pelo **SER**. Criou também o Mundo dos Fenômenos ou das cópias imperfeitas, a Terra, a cópia do Tópus Uranus, habitado pelo **NÃO-SER**.

Dentro deste pensamento filosófico, Platão diz que a música é a única arte que não copia, a mais soberana de todas as artes. A música, como é algo imaterial, está mais próxima à alma, ao **SER**, à perfeição. No corpo dão-se equívocos, erros, problemas estando próximo ao **NÃO-SER**. A dança, portanto, sendo um fazer corporal, está classificada como a **não-verdade**, ligada ao equívoco, ao **NÃO-SER**.

No livro *A Dança*, Mirian Mendes nos explica um pouco as ideias de Platão, quando comenta:

Platão (428-347 a. C.), em suas Leis, distinguia a dança popular da que denominava “dança nobre”, e apenas a esta concedia sua aprovação. Considerava não adequada aos cidadãos as danças de natureza báquica e de caráter lascivo. Não reputava como arte as danças de caráter guerreiro, venatório, propiciatório de chuvas, fertilidade etc., pois achava que a arte precisava conter um elemento de imitação que não se limitasse a copiar um fato, mas sim induzir o espectador a uma experiência; era preciso reproduzir, representar uma emoção. (1985: 14)

Já Aristóteles, discípulo de Platão, mesmo conservando as propostas do mestre e o mundo dos fenômenos, traz as ideias perfeitas para dentro de nós. Considerava os diferentes meios de criação artística produzida pelo homem além de que, se o artista tiver como inspiração o “Belo”, ele o trará para suas obras. Na arte aristotélica o corpo era tão idealizado que não existia em lugar nenhum.

Observando os primeiros séculos do Cristianismo, a dança, figurando na sua liturgia como forma “nobre”, teve grande importância para os cristãos nas celebrações e ainda podemos ver os resquícios dançantes nas missas romanas. Já as danças populares foram combatidas pelo seu conteúdo pagão desde o século II.

“O Cristianismo é um Platonismo para o povo.”

Friedrich Nietzsche²

Mais tarde, o Cristianismo então funda a “Escolástica Medieval”, uma linha filosófica que atendia às necessidades da fé fazendo que o corpo passasse por privações, dores, anulando todo e qualquer prazer, tendo seu aporte nos pensamentos platônicos: “Todo fazer corporal é sempre o lugar da não-verdade, do falso, do equívoco.”

Sendo assim, a dança que no início estava presente em seus rituais agora é banida para não alterar o estado de consciência; afinal, a dança é prazer do corpo e apenas a dor corporal é o passaporte para a sublimação. Muitos séculos se passaram, vieram diversos movimentos artísticos, o Renascimento, o Romantismo, o Expressionismo, dentre outros, e a dança sempre esteve oscilando, ora com poder, ora não. Cresce e recai...

2 Friedrich Nietzsche (1844 – 1900), filólogo e filósofo alemão do século XIX.

Trazemos marcas dentro de nós que não se apagam em algumas reencarnações. Embora muitos séculos tenham se passado, muitos movimentos de arte tenham surgido, ainda temos as chagas abertas de uma época onde a dança era sinônimo de pecado, de prostituição sofisticada, de divertimento da burguesia, onde dançarinos viviam miseravelmente fugindo da Igreja que os condenava, que não via a dança como arte.

Pesquisando sobre este assunto, os argumentos atacando ou defendendo a dança como arte se alternam e o mais interessante é que encontramos muitos universitários de dança leigos no assunto, que nem sabem direito o que é dança ou o que arte. Não os condeno. O assunto é polêmico mesmo e, infelizmente, não existe preparo adequado na área... basta ver quando buscamos na Internet o título *dança* associado com *arte*, as imagens e vídeos que aparecem... será que isso é arte? Será que também estamos agindo de forma preconceituosa?

Como dançarinos, bailarinos e educadores da dança, vivemos muito nesta busca, pelo reconhecimento de nossa “arte”, ainda que não seja reconhecida por todos, mesmo que muitas vezes tenhamos dúvidas... sentimos esse prazer que a dança nos proporciona e sabemos o que ela significa para cada um de nós, afinal, lutamos para chegar até aqui, lutamos por um mesmo ideal e tendo a certeza de que fizemos a escolha certa; prefiro ficar com Nietzsche, citado em Garaudy, quando diz:

(...) a dança é a única arte em que o próprio artista se torna obra de arte e seu papel mais importante: desenvolver uma atividade que não é outra senão a própria vida, porém mais intensa, mais despojada, mais significativa. (1980: 52)

A dança produz a poética, isto é o que a diferencia de um simples movimento do corpo, isto é o prazer estético

e todo homem tem necessidade de experiência estética. Podemos aprender a gostar, aprender a ter a relação com a experiência estética, mas sem a necessidade de hierarquizar. O problema da estética é pretender possuir um modo próprio de sentir. Estética é a natureza do prazer, está ligada à cultura e a cultura está ligada à arte.

Para finalizar gostaria que cada um refletisse o que é arte e de que forma considera a dança como arte. Será que toda dança é arte? Como entender e como explicar isso aos nossos alunos e companheiros de dança? Pensemos a respeito.

Fechemos então com as palavras de Garaudy: “A arte não existe para ser ‘compreendida’, isto é, reduzida a conceitos e palavras, mas para ser vivida.” (1980:92)

E ainda no mesmo autor encontramos as belíssimas palavras de Ruth Saint-Denis quando se voltou para o Oriente: “A maior função da dança é a de ajudar o homem a formar um conceito mais nobre de si próprio.” (1980: 75)

Que Jesus possa nos iluminar diante deste trabalho para que possamos desenvolver uma maior conscientização daqueles que se propuserem a fazer parte dele, educando e reeducando seus hábitos corporais de forma prazerosa, mediante a linguagem da dança, buscando novos caminhos de expressão, prevalecendo a liberdade do autoconhecimento, rompendo o dualismo corpo/mente e se fortalecendo como ser humano mais feliz e consciente.

Referências bibliográficas:

GARAUDY, Roger. *Dançar a vida* (Danser sa vie). Trad.: Antônio Guimarães Filho e Glória Mariani. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

MENDES, Mirian Garcia. *A dança*. São Paulo: Ática, 1985.



COMO NASCEM AS COREOGRAFIAS?

Denize de Lucena

Ó verdadeiros adeptos do Espiritismo!... sois os escolhidos de Deus! Ide e pregai a palavra divina. É chegada a hora em que deveis sacrificar à sua propagação os vossos hábitos, os vossos trabalhos, as vossas ocupações fúteis. Ide e pregai. Convosco estão os espíritos elevados. (...)

(...) Parti, então, cheios de coragem, para removerdes essa montanha de iniquidades que as futuras gerações só deverão conhecer como lenda, do mesmo modo que vós, que só muito imperfeitamente conheceis os tempos que antecederam a civilização pagã.

(...)

Arme-se a vossa falange de decisão e coragem! Mãos à obra! O arado está pronto; a terra espera; arai! (KARDEC, 2003: 312-4)

Muito bem.

A mobilização para criação de um grupo de dança na casa espírita deu certo e já há um bom número de participantes interessados. Há um espaço grande e arejado,

autorizado pelos dirigentes que também permitiram o uso do equipamento de som. Foram definidos dia e horário dos encontros e até foi sugerida uma primeira apresentação (se tudo der certo) na abertura da Semana Espírita da Instituição.

Agora, é só pôr mãos à obra...

E aí vem a pergunta crucial: Por onde começar?

É realmente empolgante ver a possibilidade de um sonho acalentado por longo tempo se tornar real. Mas também é comum um instante do “E agora?! O que fazer?!”

(...) “O senhor poderia me dizer, por favor, qual o caminho que devo tomar para sair daqui?” “Isso depende muito de para onde você quer ir”, respondeu o Gato. “Não me importo muito para onde...”, retrucou Alice. “Então não importa o caminho que você escolha”, disse o Gato. “...contanto que dê em algum lugar”, Alice completou. “Oh, você pode ter certeza que vai chegar”, disse o Gato, “se você caminhar bastante.” Alice sentiu que isso não deveria ser negado (...). (CAROLL, 2002)

Vamos pensar um pouco: Se está acontecendo agora é porque chegou a hora. Então, nada de desesperos.

O trabalho com a dança exige tempo, responsabilidade e comprometimento, como qualquer outro trabalho, aliás, que se pretende sério e duradouro. Uma conversa franca com o grupo é um bom começo.

É necessário não perder de vista que um grupo de dança espírita deve ter como uma das metas principais o crescimento espiritual de seus participantes. O desejo de dançar pelo simples prazer ou para se apresentar pode ser realizado sem esforços em muitos outros lugares.

Quando escolhemos fazer parte de um grupo de dança espírita, é imprescindível compreender que estamos abraçando o binômio Dança-Doutrina Espírita. O que quer dizer

que o sentimento de cooperação, a busca pela harmonia, a manutenção e aprofundamento do estudo doutrinário, o respeito mútuo e o sentimento de pertencer e de cuidado de uns para com os outros são pontos que jamais poderão ser relevados.

Ao escolhermos a linguagem da dança como atividade artística, optamos também pelo seu instrumental: o corpo.

Nosso corpo é formado de ossos, músculos, articulações e líquidos. Ele é relativamente maleável, mas necessita de tempo para conseguir responder às exigências de um trabalho mais técnico e virtuoso.

Existe um bom número de técnicas corporais que podem ser utilizadas para este momento anterior à composição coreográfica. Eugênio Barba¹, teórico do teatro, define este instante de preparação corporal como “pré-expressividade”. É a parte que permanece durante os ensaios e antes das apresentações, que visa preparar o corpo dos atores-bailarinos para uma melhor execução dos movimentos e desempenho de seus papéis. Os profissionais de educação física e atletas chamam este instante de “aquecimento” que, segundo BATISTA

(...) é a primeira parte da atividade física e tem como objetivo preparar o indivíduo tanto fisiologicamente como psicologicamente para a atividade física. A realização do aquecimento visa obter o estado ideal psíquico e físico, prevenir lesões e criar alterações no organismo para suportar um treinamento, uma competição ou um lazer, onde o mais importante é o aumento da temperatura corporal. (2003)

1 Diretor teatral, fundador e teórico da Antropologia Teatral, fundador e diretor do Odin Teatret, na Noruega. Suas idéias estão registradas nos seus livros *Terra de cinzas e diamantes*. SP: Perspectiva, 2006; *Além das Ilhas Flutuantes*. SP: Hucitec, 1991; *A Arte Secreta do Ator*. SP: Hucitec, 1995 edição com Nicola Savarese e *A Canoa de Papel*. SP: Hucitec, 1994.

O aquecimento deve ser proporcional ao grau de exigência que será solicitado ao corpo, a depender do tipo de atividade física que se pretende fazer. Vamos sugerir uma sequência básica que acreditamos ser um bom começo e que se mostra adequado ao trabalho de dança com um grau médio de exigência técnica.

Lubrificação das articulações – As articulações² ou juntas são conexões que unem nossos ossos e/ou cartilagens e permitem mobilidade ao nosso esqueleto. Sem elas, seríamos um conjunto compacto, sem possibilidade de movimentação ou deslocamento. São classificadas em fibrosas, cartilaginosas e sinoviais, conforme sua estrutura, função e grau de mobilidade.

- Iniciar em pé, braços ao longo do corpo, pés paralelos (com distância de um pé). Começando de cima para baixo: girar a cabeça, lentamente, para um lado (08 vezes), para o outro, tendo o cuidado de deixar ombros, pescoço, boca e face relaxados.
- Erguer os ombros (como se fosse encostá-los nas orelhas), deixando os braços ao longo do corpo, por 04 segundos e soltá-los, relaxando. (repetir 08 vezes).
- Girar os ombros para trás (08 vezes) e para frente (08 vezes). Cuidado para não incluir o tronco no movimento.
- Seguir fazendo o mesmo movimento circular com as articulações dos cotovelos, dos pulsos, dos dedos das mãos (estes, ao mesmo tempo, abrindo e fechando como se estivesse fazendo mágica), da cintura, do quadril, das pernas, dos joelhos, dos pés, dos dedos dos pés.

2 Vale à pena consultar o artigo **Sistema Articular** de Ezequiel Rubinstein e Márcio A. Cardoso, disponível em: http://www.icb.ufmg.br/mor/anatoenf/sistema_articular.htm

Esse trabalho auxiliará na “lubrificação” das articulações e evitará estalos e atritos no esqueleto, além de auxiliar na consciência corporal. Nosso corpo possui ampla mobilidade, mas muitas vezes nos esquecemos disso e deixamos de trabalhar as articulações, especialmente as da coluna. Nossa coluna é dividida em três grandes partes (cervical, dorsal e lombar) e cada uma destas partes é um conjunto de ossos (as vértebras) que são unidos por articulações que facilitam uma grande mobilidade para frente e um pouco menor (mas ainda o bastante) para os lados e para trás. Este trabalho com as articulações tem a mesma importância de pôr óleo ou graxa em uma máquina antes de utilizá-la. Não se descuide disto!

Alongamento muscular – Os ossos sustentam o nosso corpo, mas são os músculos os responsáveis pelos nossos movimentos. São capazes de se contrair como resposta aos diversos tipos de estímulos dados. É esta contração que executa o movimento. Os músculos ainda dão forma ao corpo e protegem os órgãos internos.

- Também iniciando de cima para baixo, incline a cabeça (orelha sobre o ombro) para a direita; lentamente, erga a mão direita e coloque sobre a cabeça, com a palma da mão sobre a orelha esquerda, fazendo leve pressão. Permaneça por 08 segundos; desça lentamente o braço e repita a sequência do outro lado.
- Vire a cabeça para a direita (sem inclinar), coloque a palma da mão direita sobre o queixo, mantendo o cotovelo à frente, erguido, faça leve pressão com a mão empurrando a cabeça para trás. Permaneça por 08 segundos, solte a mão e retorne a cabeça para o centro. Repita para o outro lado.
- Incline a cabeça para a frente (queixo encostado no peito), lentamente leve os dois braços à cima da

cabeça, entrelace os dedos, apoie as mãos no início da nuca e relaxe os braços, deixando pesar sobre a nuca. (08 segundos). Retire os braços e volte a cabeça à posição original.

- Com esta mesma sequência, busque alongar toda a musculatura do corpo, sempre lentamente, e nos sentidos possíveis (para cima, para baixo, para frente, para trás, para direita, para esquerda). Braços, antebraços, mãos, dedos das mãos, coluna dorsal, coluna lombar, quadril, coxas, pernas, pés e dedos dos pés. Não se esqueça de nenhum músculo!

Descubra quantas possibilidades tem o nosso corpo, onde os movimentos podem ser mais amplos ou mais restritos. Determine uma sequência para cada parte do corpo e faça-a sempre. O trabalho corporal necessita constância e repetição.

Improvisação coreográfica – Apesar de ser possível dançar no silêncio, geralmente acompanhamos uma melodia, um som que seja. Assim, preparar nosso corpo, física e mentalmente, para executar bem os movimentos é atividade imprescindível nos encontros do grupo.

Há muitas propostas de improvisação. Improvisar significa executar algo sem prévia preparação. Em dança, improvisar é coreografar e executar a coreografia simultaneamente. É um excelente exercício de avaliação e autoavaliação, pois ao improvisar, acionamos em nossa memória cerebral e corporal, movimentos, gestos e desenhos corporais que estão registrados em nós, muitas vezes inconscientemente, e preparamos nossa mente e nosso corpo para responder aos estímulos musicais.

- Iniciar um momento de escuta da música. De olhos fechados, deixe a imaginação livre para visualizar imagens, cores, movimentos que lhe auxiliarão na

execução da improvisação. Observe os sentimentos que a música desperta, seu ritmo, timbres melódicos e tudo o mais que lhe chamar a atenção.

- Coloque novamente a música e deixe seu corpo te guiar. Permita-se!

Composição coreográfica e ensaios – Embora improvisar seja importante e nos traga grande satisfação, geralmente dançamos peças coreografadas, ou seja, executamos movimentos pré-determinados e ensaiados para serem precisos.

Podemos começar a coreografar de várias maneiras. Uma das possibilidades é partirmos de uma palavra. Sim, uma simples palavra como *despertar*, este será nosso mote, nosso tema; buscaremos então uma música que se harmonize com esta ideia, buscaremos sinônimos e imagens que gostaríamos de passar com esta ideia.

Por exemplo, podemos estudar a passagem da estrada de Damasco, o despertar de Paulo de Tarso relatado em *Paulo e Estevão* (EMMANUEL, 1994:196-200), e o Capítulo XVII, “Sede Perfeitos”, de *O evangelho segundo o espiritismo* (KARDEC, 2003: 271-85).

Queremos falar do despertar para as verdades do espírito, então trazemos sentimentos como alegria, reconhecimento, gratidão, etc. Podemos pedir ao grupo que pesquise tudo o que tiver alguma relação com o tema, por exemplo, poemas, textos, imagens, cores, enfim, tudo que possa alimentar a nossa criatividade.

Escolhemos uma música instrumental, que nos dará maiores possibilidades de criação. Peguemos por exemplo, a música “Marc e Bella”, de Moacyr Camargo³, em sua versão instrumental.

3 CD *Marc e Bella num Sonho Azul*. (moacyrcamargo@uol.com.br)

Quando coreografamos uma música instrumental não temos palavras que nos guiem, mas os elementos presentes na música nos trazem muitas informações que não podemos ignorar: há um ritmo, um naipe de instrumentos com suas timbragens específicas, há momentos que se repetem e outros que variam; ouvir, ouvir e ouvir a música muitas e muitas vezes é o primeiro exercício a ser feito. Perceber sua pulsação, que imagens ela sugere, quais os sentimentos que desperta...

É importante que todo o grupo participe deste instante, pois assim a coreografia terá a riqueza da percepção de todos; cada um de nós capta as vibrações ao nosso redor de acordo com o nosso grau de adiantamento espiritual e os resultados das experiências vividas. Somos corpo físico, perispírito e espírito, que governa nossas ações. Somos luz, somos energia, emanamos energias, trocamos energias.

Para definirmos, de alguma sorte, o corpo espiritual, é preciso considerar, antes de tudo, que ele não é reflexo do corpo físico, porque, na realidade, é o corpo físico que o reflete, tanto quanto ele próprio, o corpo espiritual, retrata em si o corpo mental que lhe preside a formação. (XAVIER, 1987: 25)

Cada um de nós terá sentimentos, percepções e imagens diferentes ao ouvir uma mesma música e é bom lembrar que o nosso público também.

E se escolhermos trabalhar com uma música que tenha letra todo o processo de estudo e coreografia descrito anteriormente pode ser mantido; a grande diferença é que palavras são imagens, nosso cérebro tem armazenado imagens ligadas às palavras que ouvimos e aprendemos ao longo de nossas vidas, ele funciona por associação. Logo, ao ouvirmos uma palavra, ele nos traz imagens, pessoas,

acontecimentos, sentimentos, situações e tudo o mais que tenha associado àquela palavra.

Algumas palavras são do inconsciente coletivo e estão impressas em quase todo mundo de maneira mais ou menos parecida, mas ainda assim há grande possibilidade de variações. Então, quando escolhemos uma música cantada para coreografar, criamos uma dificuldade maior, pois o público já não estará apenas sentindo e percebendo, mas acionará um pensar devido às palavras. E se for uma música conhecida, aí arranjamos um problemão.

Bem, nada impede, contudo, que coreografemos uma música com letra. Vamos usar a mesma canção de Moacyr Camargo⁴.

Voar num sonho azul, voar
 Nos raios da lua azul, voarmos
 Estrelas brilham em nós, brilhamos
 Em suas mãos flores brilhantes
 Nossos corpos reluzem
 E em tanta luz, nos olhamos.
 Nos conhecemos longe
 Campos, beijos e flores
 Onde corremos livres e belos
 O belo azul em nós.
 Crianças, anjos, vozes celestes
 Cantam os sons soltos no universo
 Brincam no azul lindos risos
 Vale amar da Terra ao infinito azul

Do ponto de vista coreográfico, podemos dizer que a letra de Moacyr nos remete a movimentos amplos, contínuos, com vigor e alegria, provavelmente haverá desenhos

4 No CD *Marc e Bella* há as duas versões, uma instrumental e outra cantada.

circulares ocupando o espaço e adereços leves como lenços, fitas ou grandes leques poderão riscar desenhos no espaço, ampliando o corpo dos bailarinos. Saltos, carregas⁵, movimentos que usem o nível alto, com intenção para cima e para longe, também são pedidos pela letra e melodia desta música. Pode ser um *pas de deux*⁶, ou uma coreografia para corpo de baile; dificilmente será um solo, pois a música cresce ao longo de sua execução, parece preencher cada vez mais os espaços, sua vibração é contagiante.

A entrada do coro de crianças nos traz alegria, possibilitando movimentos que lembrem jogos e brincadeiras infantis. Nos traz um sentimento de liberdade que nos dá vontade de voar... voar no infinito, no infinito azul... Moacyr nos fala de estrelas, flores, luzes, risos e anjos. Nos alimenta a alegria de fazermos parte da Criação Divina e a possibilidade real da evolução. Salienta o amor como alavanca desta evolução e a presença divina ao nosso redor. Vem a nós a lembrança das palavras de Paulo de Tarso aos Coríntios:

Há corpos celestes e há corpos terrestres. O brilho dos celestes, porém, é diferente do brilho dos terrestres. Uma coisa é o brilho do sol, outra o brilho da lua, e outra o brilho das estrelas. E até de estrela para estrela há diferença de brilho.

(...) o corpo é semeado corruptível, mas ressuscita incorruptível; é semeado desprezível, mas ressuscita glorioso; é semeado na fraqueza, mas ressuscita cheio de força; é semeado corpo animal, mas ressuscita corpo espiritual. Se existe um corpo animal, também existe um corpo espiritual (...) (I Cor: 42-4)

5 Termo usado quando os bailarinos são suspensos por outros.

6 Do francês, passo de dois: termo usado no ballet clássico para designar coreografia executada por um casal de bailarinos. Peça obrigatória no ballet de repertório.

Estes são exemplos de como coreografar coletivamente, mesmo não possuindo muitos conhecimentos técnicos. Se houver alguém que tenha algum conhecimento de dança e que deseje conduzir a criação coreográfica poderá utilizar alguns recursos simples como:

Células coreográficas – Cria-se uma sequência pequena de movimentos que será a célula coreográfica. Como na biologia, esta dará origem a várias outras. Na prática, essa sequência criada é repetida com variações que podem ser de direção, de ritmo, de nível, de velocidade, de amplitude. Essas variações permitirão desenhos diferentes e criativos, que darão à coreografia o colorido necessário.

Seguindo a contagem – Esta é uma técnica que exigirá algum conhecimento de iniciação musical. Primeiro faz-se uma decomposição da música, parte a parte, dividindo-a na sua estrutura de composição (pulsção, ritmo, compasso, estrofes, refrões, tema, etc.). A seguir, monta-se a coreografia sobre esta divisão, seguindo seu desenho sonoro. Normalmente se monta as sequências de oito em oito tempos, mas isto dependerá da música escolhida.

A contagem é muito útil também no instante de transmitir os passos aos bailarinos, auxiliando a manter o sincronismo.

Em qualquer método de criação coreográfica, busque explorar os elementos básicos da dança: **Níveis** (alto, médio e baixo); **Direção** (laterais, trás, frente, diagonais); **Ritmo** (pulsção, compasso, variação, contratempo, pontuação); **Movimento** (contínuo, quebrado, brusco, vigoroso, suave); **Gestos** (estilização, ampliação, variação); **Percursos** (desenhos feitos pela trajetória do movimento ou do corpo do bailarino)

Outro momento muito importante é o **pós-criação**. Depois de pronta a coreografia, faz-se necessário fazer o que chamamos de limpeza dos movimentos, para corrigir

os detalhes e fazer com que todos executem o movimento igual, no mesmo tempo e da mesma maneira, pelo mesmo percurso. Esse é um instante um pouco cansativo, mas imprescindível para garantir a plasticidade e sincronismo necessários.

E aí vai um conselho: é preferível que todos os bailarinos levantem as pernas em 45^o graus com as pontas dos pés esticados a cada um levantar em uma altura diferente, sem definição do movimento.

Dedique o tempo que for necessário para este trabalho. Ainda que o corpo de baile não execute simultaneamente o mesmo movimento, a coreografia será mais bela tanto quanto seus integrantes tenham os passos definidos com precisão dentro da contagem da música, entendendo de onde partem, onde terminam e o percurso traçado.

Outra dica: brincar com subgrupos dentro da coreografia, agrega valor e beleza à mesma. Em uma coreografia com quatro bailarinos, por exemplo, ora está um sozinho e os três juntos executando outra sequência; daí a pouco subdividem-se em duplas; mais um pouco, a música cresce e estão todos juntos, sincronizados nos mesmos movimentos, e finalizam executando movimentos individuais.

Uma coreografia onde todos fazem o mesmo movimento o tempo todo, torna-se visualmente cansativa. Uma simples mudança de direção pode dar o toque especial: um executa a sequência de frente enquanto dois fazem a mesma sequência em diagonal para o público e o último executa os movimentos ora para frente, ora de costas para a plateia. Em determinado momento, estão novamente todos juntos, sincronizados.

Uma variação de tempo também pode dar esse toque diferente na coreografia. Dois começam a sequência, os outros dois só iniciam oito tempos depois dos primeiros. De

repente, um dos primeiros para, e espera os outros dois para seguir com estes. E assim por diante.

Explore ritmo, direção e movimento fazendo a coreografia ficar bela e interessante. Não tenha limites, solte a criatividade!

Já temos uma coreografia (ou mais de uma). Agora podemos pensar na apresentação, que é, talvez, a melhor parte de todo este processo. Vou deixar isto com vocês, afinal sei que podem dar conta. Antes, porém de me despedir, gostaria de fechar nossa sequência sugerida, com mais dois tópicos:

Exercícios localizados – Durante o processo de ensaios, também são importantes exercício que possibilitem um melhor desempenho do nosso corpo. Podemos classificar as atividades físicas como aeróbicas (aquelas que aumentam a capacidade cárdio-pulmonar, ou seja, o fôlego), de flexibilidade (exercícios de alongamento estão aqui incluídos), de força (pouca repetição e muito peso) e de resistência (muita repetição e pouco peso). Existem outros, mas estes são básicos e compreendem um bom circuito de treinamento.

Relaxamento – Outro ponto muito importante é lembrarmos de agradecer ao nosso corpo pelo esforço que exigimos dele. Sendo o instrumento primordial para o bailarino, necessita de grande atenção. Uma boa alimentação, repouso e higiene são itens que não devem ser ignorados, assim como instantes de relaxamento, automassagem e meditação.

Veza por outra, dedique um encontro para esta atividade, mas ela deve estar presente em todos os ensaios para desfazer a tensão muscular provocada pelas coreografias. Dedique pelo menos quinze minutos finais para esse trabalho. Pode ser simplesmente se deitando no chão e ouvindo uma música agradável ou executando um relaxamento dirigido

(a sequência de lubrificação das articulações pode ser repetida neste momento mais livremente), ou ainda realizando uma automassagem, exercícios respiratórios, visualizações, etc. Nunca saia do ensaio com o corpo tenso e exausto. Se for de dia, ele exigirá descanso e lhe deixará pesado durante as demais atividades; se for à noite, estará tão cansado que talvez não consiga dormir bem.

É um trabalho árduo este de dançar, não é? Mas é também muito prazeroso e engrandecedor. E quando se está entre amigos, fazendo o que se gosta, não há peso nem obrigação. Então, é só seguir e esperar o dia de dividir todo este trabalho com uma plateia que, esperamos, possa captar tudo o que aprendemos e somar ao nosso trabalho, em uma troca fraternal de energias.

E, por favor, não se esqueça de me convidar para a estreia. Adorarei estar lá para aplaudir.

Referências bibliográficas

BATISTA, Djalma. "A importância do aquecimento na atividade física". *Revista virtual EFArtigos*. Natal/RN. Vol. 01, nº 06, jul. 2003. Disponível em: <http://efartigos.atspace.org/otemas/artigo8.html>. Arquivo consultado em 12 de julho de 2008.

BÍBLIA SAGRADA. São Paulo: Paulus, 1993.

CARROLL, Lewis. *Alice no País das Maravilhas*. (Alice in Wonderland). Trad. de Clélia Regina Ramos. Editorial Arara Azul, 2002. Versão para eBook disponível em: <http://www.ebooksbrasil.org/eLibris/alicep.html>

KARDEC, Allan. *O evangelho segundo o espiritismo*. (L'Évangile Selon le Spiritisme). Trad. de Guillon Ribeiro. 121ª ed. Rio de Janeiro: FEB, 2003.

XAVIER, Francisco Cândido e VIEIRA, Waldo. *Evolução em dois mundos*. Pelo espírito André Luiz. 10ª ed. Rio de Janeiro: FEB, 1987.

TÉCNICA E MENSAGEM NA DANÇA ESPÍRITA: A BUSCA DO EQUILÍBRIO PERFEITO

Daniela L. Pereira Soares

“A arte não pertence a país algum, veio do Céu.”

Miguel Ângelo

Antes de iniciar nossa reflexão, é importante conversar sobre alguns termos que serão usados ao longo do texto, evitando assim, alguns equívocos acerca do entendimento dos mesmos. O próprio termo “dança espírita”, para algumas pessoas não soa bem, preferem usar “dança com temática espírita”, outras ainda, preferem usar apenas “dança”. Diferentes pontos de vista que, caso postos em questão, todos teriam sua parcela de razão. Aqui será usado o termo “dança espírita”, pois em poucas palavras ele se aplica a uma parcela restrita de pessoas que fazem esse tipo de dança, em determinado local e com uma finalidade

específica. Aqui nos referimos a grupos de pessoas que entendemos são espíritas, ou seja, acreditam, vivenciam as ideias e crenças espíritas e estabelecem um diálogo desses conhecimentos com a dança. Já quando se fala “dança com temática espírita”, não se torna claro que esteja se referindo a um grupo espírita, pois como existem grupos teatrais que encenam peças, novelas, filmes que abordam temas espíritas sem serem necessariamente espíritas, nada impede que um grupo de dança como o Grupo Corpo¹ ou o Ballet Stagium² dance uma coreografia voltada a temas espíritas sem necessariamente serem espíritas. Isso também leva a pensar que ao se falar em “dança espírita” não se está referindo apenas à temática do ballet³ ou coreografia, mas aos objetivos e as finalidades que orientam o grupo de pessoas que o fazem.

Outro ponto a salientar é em relação ao pensamento de que um dia haverá uma “arte espírita”, como um dia houve a arte pagã e a arte cristã e dentro disto podemos inserir a dança. Neste contexto citamos alguns trechos do livro *Arte e Espiritismo* organizado por Renato Zanola, onde ele faz transcrições da *Revista Espírita* (1860), no qual baseamos nossa fala anterior:

A Pintura, a Escultura, a Arquitetura e a Poesia inspiraram-se sucessivamente nas ideias pagãs e nas cristãs. Podeis dizer se, depois da Arte cristã, haverá um dia, uma Arte espírita? O Espírito respondeu: - Fazei uma pergunta

-
- 1 Referência à companhia mineira de dança contemporânea de renome internacional, criada em 1975, em Belo Horizonte pelos irmãos Pederneiras. (<http://www.grupocorpo.com.br/pt/historico.php>)
 - 2 Referência a Companhia de balé brasileira, criada em 1970, em pleno regime militar, sediada em São Paulo. O Ballet Stagium é coordenado por Marika Gidali e Décio Otero e já conta em sua história com mais de 80 coreografias no decorrer desses mais de 30 anos. (http://pt.wikipedia.org/wiki/Ballet_Stagium)
 - 3 Conjunto de coreografias que versam sobre um tema ou contam uma história usando a dança como linguagem.

respondida por si mesma. O verme é verme; torna-se bicho da seda; depois, borboleta. Que há de mais aéreo, de mais gracioso do que uma borboleta? Então! A Arte pagã é o verme; a Arte cristã é casulo; a Arte espírita será a borboleta. (ZANOLA, 1997: 17)

Quando dizemos que a Arte espírita será um dia uma Arte nova, queremos dizer que as ideias e as crenças espíritas darão às produções do gênio um cunho particular, como ocorreu com as ideias e crenças cristãs e não que os assuntos cristãos caíam em descrédito; longe disto; mas, quando um campo está respigado, o ceifador vai colher alhures, e colherá abundantemente no campo do Espiritismo. E já o fez, sem dúvida, mas não de maneira tão especial quanto o fará mais tarde, quando for encorajado e excitado pelo assentimento geral. Quando estas ideias estiverem popularizadas, o que não pode tardar, pois os cegos da geração atual diariamente desaparecem da cena, por força das coisas, a geração nova terá menos preconceitos... Tempo virá em que elas farão surgir obras magistrais, e a Arte espírita terá os seus Rafael e seus Miguel Ângelo, como a Arte pagã teve os seus Apeles e os seus Fídias. (ZANOLA, 1997: 25)

Acredita-se que esse movimento de renovação nas artes já está começando e não é propriedade exclusiva dos espíritas. Colocando o foco estritamente na dança, nota-se ela despontando em diferentes linhas religiosas, independente da crença, do pensamento que os diferentes cultos lhe imprimem e se refletem na forma de fazer e pensar a dança, já se pode ver alguns pontos comuns entre elas, um deles chama a atenção: a reforma íntima.

Dança é dança, independente de ser feita numa academia, numa praça ou num centro espírita e não é propriedade de nenhum grupo étnico ou religioso, senão da própria humanidade. Apesar dos rótulos que se possa querer utilizar, nenhum deles modifica o que seja a dança, independente do estilo, do modo de se fazer ou se teorizá-la, no entanto, às

vezes eles se fazem necessários para que se possa delimitar um grupo com a finalidade de analisar suas práticas.

Eu não danço, eu sou a dança.

Klauss Vianna

Dentro da história da dança a partir do pensamento de BOUCIER (2001), é na Itália, no Quatrocentos, que pela primeira vez se pensou na necessidade da técnica em dança. A dança, que era uma expressão corporal realizada de modo relativamente livre até então, passa a tomar consciência das possibilidades de expressão estética do corpo humano e da utilidade das regras para explorá-lo.

Mas o que é técnica afinal? Segundo o dicionário virtual Wikipédia:

Técnica é o procedimento ou o conjunto de procedimentos que têm como objetivo obter um determinado resultado, seja no campo da Ciência, da Tecnologia, das Artes ou em outra atividade. A palavra se origina do grego *techné* cuja tradução é *arte*.⁴

Trazendo isso para o universo da dança, conforme DANTAS (1999), a técnica é uma maneira de realizar os movimentos, organizando-os segundo as intenções formativas de quem dança. Ela está presente tanto nos processos de criação coreográfica quanto nos processos de aprendizagem, passando a ser um modo de informar o corpo e, ao mesmo tempo, de facilitar o manifestar da dança no corpo, ou seja, tornar o corpo que dança ainda mais dançante. A técnica torna o bailarino apto a manifestar-se em determinado código.

⁴ <http://pt.wikipedia.org/wiki/T%C3%A9cnica>

Mas será que a técnica é realmente necessária em um grupo espírita de dança? A técnica não seria dispensável, já que os objetivos dos grupos não repousam na formação de bailarinos profissionais, nem na realização de exibições virtuosas?

Pensando a técnica como um fim em si mesma, como um treino mecânico que nos leva a girar, a saltar somente, seria fácil chegar à conclusão que ela não é tão necessária, no entanto, pensando a dança como uma linguagem e a técnica como uma forma de manifestação dessa linguagem, talvez seria algo a ser pensado.

Da mesma forma que o músico espírita faz uso das notas musicais, dos acordes, de técnicas específicas para compor suas canções, fazendo uso de um instrumento afinado para se expressar, o bailarino também carece de um repertório de movimentos e de um instrumento (corpo) capacitado para externá-los.

Como o poeta deve, cada vez mais, conhecer e dominar o seu idioma para ter maior capacidade de expressar as suas ideias sem restrições, o dançarino deve dominar a técnica do movimento para aumentar seu vocabulário corporal e o coreógrafo precisa conhecer os princípios do movimento para enriquecer seu material principal de trabalho – o movimento. Porém, sem deixar que esta classificação se torne inibidora da espontaneidade interpretativa e criativa. (ROBATTO, 1994: 110)

Quanto maior o aprimoramento do bailarino, mais natural a dança se torna em seu corpo, permitindo que a mensagem que ele queira transmitir por meio do movimento, flua livremente e atinja mais vivazmente o espectador. Dessa maneira, a técnica não entra como o ponto principal do fazer dança, mas sim como um meio facilitador à expressividade do movimento.

O conhecimento e aplicação da técnica da dança nos grupos espíritas, além de favorecer uma maior consciência corporal e do movimento, ampliando suas possibilidades de expressão coreográficas, ajuda na prevenção de possíveis lesões que a prática incorreta pode levar a termo. Oferecerá também base segura para que o coordenador do grupo ou o responsável pelo treinamento técnico possa realizar seu trabalho de maneira correta e honesta, respeitando o corpo em formação de crianças e adolescentes sob sua responsabilidade.

Assim como o evangelizador busca apoio no conhecimento científico para entender a educação e, dessa forma ampliar suas ações na seara espírita; nada há de errado em se buscar o conhecimento teórico e prático da dança, desde que, o trabalho no grupo espírita de arte não se encerre na técnica, mas que, alicerçado em Kardec e na vasta literatura espírita, descortine o que está além dela, e se desdobre em autoconhecimento, melhoria interior, caridade e esperança dentro e fora da casa espírita.

O espiritismo vem abrir para a arte novas perspectivas,
horizontes sem limites.

Léon Denis

O que caracteriza um grupo como “grupo espírita de dança” não é apenas a mensagem espírita expressa em suas coreografias, pois como se refletiu no início desse artigo, qualquer grupo profissional ou amador pode fazer isso, independente de ser espírita ou não. Todavia, cabe a nós o papel de fazê-lo implícita ou explicitamente, pois **se nós que somos bailarinos e coreógrafos espíritas não falarmos de temas espíritas em nossas coreografias, quem falará por nós?**

Essa frase, bastante conhecida entre os bailarinos espíritas, me tocou profundamente num momento crucial dentro do grupo espírita de dança em que eu atuava⁵. Naquele momento a dúvida me assombrava. Nosso grupo sempre se caracterizou pela criação de ballets onde a temática espírita era bem declarada e comecei a me questionar sobre esse nosso posicionamento. Será que o caminho que estávamos seguindo era correto? Será que precisávamos ser tão diretos?

Comentando essa questão com uma colega das lides espíritas, ela me disse essa frase, que me marcou pra vida toda. Essas palavras passaram a me conduzir com segurança dentro da dança espírita. Esta colega, nem sabe que é autora dessa frase, nem o quanto ela representou pra mim, nem para os grupos que posteriormente dirigi, mas ela me deu um caminho que ajudou traçar a história de vários grupos espíritas de dança.

Independente do caminho que cada grupo escolha para se guiar, o conteúdo espírita-cristão é compromisso intransferível, seja na vivência diária ou refletido nas coreografias que são criadas.

Sim, certamente, o Espiritismo abre à arte um campo novo, imenso e ainda inexplorado, e quando o artista reproduzir o mundo espírita com convicção, haurirá nessa fonte as mais sublimes inspirações, e o seu nome viverá nos séculos futuros, porque às preocupações materiais e efêmeras da vida presente, substituirá o estudo da vida futura e eterna da alma. (KARDEC, 1995: 157)

Os artistas da Terra deverão inspirar-se nesses modelos sobre-humanos que os ensinamentos espíritas lhes

5 Referência ao Grupo Espírita de Dança Evolução (GEDE), criado em 1995 em Araras/São Paulo e atuante até hoje.

tornarão familiares. A Educação estética humana comporta concepções cada vez mais elevadas a fim de que o sentimento do belo penetre e desenvolva-se em todas as almas. Uma evolução já se produz nesse sentido, e ela se acentuará sob a influência do Além. (DENIS, 1994: 15)

Vale ressaltar a responsabilidade perante tarefa tão importante e delicada: a de transmitir o conteúdo sem mácula. A fidelidade quanto ao conteúdo doutrinário deverá ser alicerçada no estudo e na vivência do Evangelho do Cristo. Como asseverou-nos o Espírito de Verdade no Capítulo VI de *O Evangelho segundo o Espiritismo*: “Espíritas! Amai-vos, eis o primeiro ensinamento; instruí-vos, eis o segundo”.

Não há como transformar em dança um conteúdo que se desconhece. O estudo da doutrina espírita é parte essencial da criação coreográfica, na dança espírita, sem o qual ela corre o risco de tornar-se vazia e perde seu papel transformador.

O Espírito não pode se identificar senão com aquilo que sabe, ou que crê ser uma verdade, essa verdade, mesmo moral, torna-se para ele uma realidade que exprime tanto melhor quanto a sente melhor; e então, se à inteligência ele junta a flexibilidade do talento, faz passar as suas próprias impressões nas almas dos outros; quais impressões, contudo, pode provocar aquele que não as tem? (KARDEC, 1995: 153)

Voltando o olhar para o processo de criação coreográfica no qual a mensagem torna-se peça central, vemo-la muitas vezes perdida em meio a movimentos mecânicos e desprovidos de significado, muitas vezes, sem que aqueles que o fazem tenham consciência disso. Isso acontece no âmbito da dança em geral, pela própria formação técnica a que o bailarino é submetido, numa perspectiva dualista

que insiste em separar corpo e mente, cujas raízes filosóficas remontam a Idade Média.⁶

ROBATTO (1994) afirma que tradicionalmente o bailarino só é trabalhado no seu aspecto técnico-corporal, ficando geralmente relegada a um segundo plano sua formação técnica no que se refere à expressividade do movimento e à interpretação coreográfica. Isso acontece porque os exercícios técnicos de condicionamento físico, por vezes, são tão massacrantes que não levam em consideração a expressividade. Porém, não se pode trabalhar o próprio corpo, depositário de toda uma vivência espiritual, mental, afetiva, sensorial, etc., considerando-se apenas os objetivos técnicos quantitativos, dirigidos para se tentar alcançar novos recordes de capacidade física. É preciso saber lidar com a indispensável disciplina técnica, sem bloquear a sensibilidade e a imaginação do bailarino.

Vale lembrar que o papel do coreógrafo é fundamental no sentido de transmitir aos bailarinos a intenção do movimento ou buscar junto com os mesmos, mediante uma vivência mais significativa, movimentos que expressem melhor o pensamento coreográfico; pensamento este, embasado no estudo e nas reflexões de todo o grupo envolvido na montagem.

Toda obra artística é passível de diferentes interpretações, no entanto, é importante tornar clara a mensagem que se queira transmitir. Neste aspecto, a autocrítica e o olhar de outras pessoas antes da finalização da obra é fundamental para que ela seja repensada e para que a melhoria

6 Ao final da Idade Média, de acordo com KATZ (1998), fazia-se necessário acreditar no dualismo corpo-mente, pois só assim seria permitido estudar o corpo anatomicamente, sem ir de encontro às normas religiosas da época. O corpo passa, então, a ser visto como um objeto de observação e de estudo, separado da alma – pura e intacta aos pecados deste corpo. A possibilidade do homem tornar-se um observador do mundo, separado dele, motor do nascimento da perspectiva linear, gesta a ciência clássica.

seja buscada. Nada tão desanimador, quanto ouvir ao final de uma apresentação: O que você quis dizer com aquela coreografia?

A mensagem espírita na dança é compromisso sério que exige estudo, comprometimento e criatividade do artista espírita. Que ela esteja presente em nossas coreografias com a seriedade e o respeito que merece, mas que antes disso, brilhe em nossos atos e atitudes, através das coreografias que criamos em nossa vivência diária e que oferecemos ao Pai cotidianamente.

A mensagem espírita é um dos aspectos que caracteriza um grupo espírita de dança, principalmente aquela que é que vivenciada e transmitida pelo exemplo. Nas coreografias, a técnica conferirá material adequado para que ela se construa, o estudo das obras básicas será o alicerce, mas somente a sintonia com as esferas superiores, por meio do esforço por melhorar-se é que produzirá a vibração que arrebatará quem assiste.

O sentimento é foco gerador de energia emuladora, que, qual dínamo gerador de vibrações superiores, atingirá o coração, o sentimento, estimulando as qualidades superiores dos que estão em seu raio de influência, levando-os a seguir o exemplo, a imitar, não mecanicamente, mas atraído pela força emuladora que emana do próprio coração. (ALVES, 1997: 155)

Daí o compromisso maior do fazer dança espírita: acender a luz que nos é própria para que a Luz do Cristo resplandeça em nossas obras.

Eu sou a videira verdadeira, e meu Pai é o lavrador. Estai em mim, e eu em vós: como a vara de mim mesma não pode dar fruto, se não estiver na videira, assim também vós, se não estiverdes em mim.

Eu sou a videira, vós as varas: quem está em mim, e eu nele, esse dá muito fruto; porque sem mim nada podeis fazer.

Se guardardes os meus mandamentos, permanecereis no meu amor; do mesmo modo que eu tenho guardado os mandamentos de meu Pai, e permaneço no seu amor. (JOÃO, 15:4, 5-10)

Segundo ALVES (2000), a arte não é apenas uma forma de expressão, mas acima de tudo, uma forma de crescimento interior, de desenvolvimento das potências da alma. Quando direcionada aos canais superiores da vida, auxilia o Espírito a vibrar em sintonia mais elevada, afinando seus sentimentos estéticos com vibrações sutis, com o amor que se amplia e se expande ao infinito.

A reforma íntima se reveste de caráter fundamental num grupo espírita de dança, pois que forças, que luzes, que consolações, que esperanças podemos passar às outras almas se não temos em nós próprios senão obscuridade, dúvida, incerteza e fraqueza? Será também nosso elemento de ligação com a espiritualidade maior, atraindo a companhia dos bons espíritos, fazendo-nos crescer e dando às nossas criações um caráter que ultrapassa o visível, o palpável, o sensorial, mas antes de tudo, um misterioso encanto, que atrai e convida à transformação de dentro pra fora.

A arte se reveste de nuances sensíveis e profundas, que em sua maioria ainda não conseguimos apreender, à medida que vamos evoluindo, crescendo espiritualmente, vamos tomando contato gradual com a fonte da qual ela emana.

A arte é tarefa importante na casa espírita e se reveste da mesma importância que as demais atividades. O estudo, o trabalho sério e desejo sincero por querer melhorar-se são a base segura para que o trabalho se desenvolva com êxito.

Concluindo as reflexões acerca da técnica e da mensagem na dança espírita, penso que a mensagem espírita é

o tesouro que se oferece quando se dança, mas a sua força maior não está no roteiro coreográfico que se prega, nem no virtuosismo técnico adquirido, e sim repousa sem dúvida na transformação moral que já se alcançou.

Que as criações coreográficas que são feitas nos grupos espíritas de dança se sedimentem não apenas na boa vontade de fazer e servir, mas que busquem apoio no estudo da doutrina, nas técnicas da dança e na vivência do amor e da caridade. Com toda a certeza a mensagem ficará comprometida se houver carência técnica, o mesmo podemos asseverar da falta de conhecimento doutrinário, mas a ausência do ideal superior comprometerá ainda mais, pois será como uma música que toca por um instante e depois desaparece sem produzir eco algum nos recônditos da alma.

Referências bibliográficas

ALVES, Walter Oliveira. *Educação do espírito: introdução à pedagogia espírita*. Araras/São Paulo: IDE, 1997.

_____. *Introdução ao estudo da pedagogia espírita: teoria e prática*. Araras/São Paulo: IDE, 2000.

BOUCIER, Paul. *História da dança no ocidente*. (Histoire de La danse en occident). Trad. de Marina Appenzeller. 3ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

DANTAS, M. *Dança: o enigma do movimento*. Porto Alegre: Editora UniverCidade/UFRGS, 1999.

DENIS, Leon. *O Espiritismo na Arte* (Le Spiritisme dans l'Art). Trad. de Márcia Jotha. 2 ed. Niterói: Publicações Lachâtre, 1994.

KARDEC, Allan. *Obras póstumas*. (Euvres Posthumes). Trad. de Salvador Gentile. 3ª ed. Araras/São Paulo: IDE, 1995.

_____. *O evangelho segundo o espiritismo*. (L'Évangile Selon le Spiritisme). Trad. de Salvador Gentile. 182ª ed. Araras/São Paulo: IDE, 1978.

KATZ, H. "Entre a heresia e a superstição". In: SECRETARIA MUNICIPAL DE CULTURA, CENTRO CULTURAL SÃO PAULO. *Navegar é preciso: Portugal – Brasil: problemas estruturais e similaridades conceituais na dança de Brasil e Portugal*. São Paulo, 1998, p. 7-16

ROBATTO, L. *Dança em processo: a linguagem do indizível*. Salvador: Centro Editorial e Didático da UFBA, 1994.

ROCHA, Ruth. *Minidicionário*. São Paulo: Scipione, 1995.

VIANNA, Klauss. *A dança*. 2ª ed. São Paulo: Siciliano, 1990.

ZANOLA, Renato. *Arte e espiritismo: textos de Allan Kardec, André Luiz e outros autores*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Edições CELD, 1997.



A DANÇA NA CASA ESPÍRITA: BUSCANDO CAMINHOS POSSÍVEIS

Daniela L. Pereira Soares

O lugar da dança é nas casas, nas ruas, na vida.

Maurice Béjart

Há um tempo, falar em dança na casa espírita com certeza provocaria certa estranheza. Hoje em dia, sua presença está se tornando gradativamente mais comum e penso, particularmente, que num futuro não muito distante, nossos textos fazendo referência ao preconceito e às dificuldades iniciais na sua difusão dentro da casa espírita é que causarão certo espanto nos confrades espíritas.

Atualmente, a dança aparece nos cenários espíritas junto a *performances* teatrais ou musicais ou em grupos

constituídos especificamente para trabalharem com essa linguagem artística – os chamados grupos espíritas de dança¹.

Dentre os grupos que conhecemos, muitos já contam com um pouco mais de uma década, mas a grande maioria vem de iniciativas recentes. Dessa forma, a base teórica e filosófica que sustenta o trabalho dos grupos ainda está sendo construída e refletida pelos mesmos. Embora saibamos que, independente de termos consciência ou não, o nosso trabalho sempre reflete uma ideologia, uma maneira de pensar e que a dança espírita não foge disso, acreditamos que suas bases ainda estão criando raízes, através da troca de experiências entre os grupos e das reflexões buscadas nos grupos de discussão, bem como nos encontros voltados ao estudo da arte espírita e nas mostras espíritas de dança.

A finalidade do presente artigo é refletir sobre os objetivos da dança na casa espírita e os diferentes papéis possíveis de serem exercidos por ela no seio da comunidade espírita. Faremos isso por meio de um estudo de caso, tendo por companhia autores da Doutrina Espírita. Usaremos como material de análise as experiências vivenciadas no Grupo Espírita de Dança Evolução (GEDE)² no período de 1995 a 2004, período em que estivemos na coordenação do grupo.

Não temos a pretensão de lançar definições, apenas levantar pontos a serem refletidos, baseados na nossa experiência particular. Acreditamos que a reflexão sobre a prática vivenciada nos grupos, alicerçada no estudo da doutrina

-
- 1 Entendemos aqui, por grupo espírita de dança, um conjunto de pessoas, sejam jovens, adultos ou crianças que se reúnem regularmente para aprimorarem técnicas de dança, estudarem e montarem coreografias à luz do espiritismo, bem como realizarem apresentações.
 - 2 O GEDE desenvolveu um trabalho de dança à luz do Espiritismo envolvendo crianças, jovens, adultos, idosos e portadores de necessidades educativas especiais. Seu trabalho culminou com a criação da I Mostra Espírita de Dança “Oficina do Espírito” em Outubro de 2001. O grupo atua até hoje.

espírita, deve ser uma constante para que o trabalho não se perca na práxis, mas se traduza num pensar, agir e sentir coerentes.

O GEDE foi criado em dezembro de 1995 no Instituto de Difusão Espírita (IDE), quando um grupo de jovens da mocidade, atendendo a um pedido do coordenador da Evangelização Espírita Infantil, se uniu para criar uma coreografia sobre o tema “Evolução”. Até então, nenhum dos jovens havia tido contato com a dança nem dentro nem fora da casa espírita, somente uma jovem tinha formação em dança e posteriormente passou a coordenar o grupo. Com a apresentação dessa primeira coreografia, o grupo se constituiu como grupo espírita de dança e nunca mais parou. É aí que começa uma história, pano de fundo para nossa análise, construída desde a base por cada um de seus integrantes.

No início, a ideia que tínhamos sobre os objetivos da dança na casa espírita pairava sobre a divulgação do espiritismo. Com o tempo, passamos a participar de encontros de arte espírita, voltados ao estudo e a reflexão e fomos construindo uma nova visão de arte. Somado a isso, o Departamento de Evangelização do Instituto de Difusão Espírita, oferecia anualmente um Curso de Formação de Evangelizadores³, no qual o papel da arte era muito valorizado e se fundamentava na melhoria interior e na interação com a espiritualidade maior. Isso contribuiu para que constantemente nos questionássemos sobre a finalidade da dança na casa espírita e fôssemos buscar respostas.

3 O Curso de Evangelizadores é oferecido anualmente no Instituto de Difusão Espírita – Araras/SP no período do carnaval e conta com oficinas artísticas de dança, música, teatro, artes plásticas e literatura.

(...) A arte não é apenas uma forma de expressão, mas, acima de tudo, uma forma de crescimento interior, de desenvolvimento das potências da alma. Pode-se tornar um ótimo elemento de integração vertical, auxiliando o Espírito a vibrar em sintonia mais elevada, afinando seus sentimentos estéticos e sintonizando com as esferas elevadas da vida, com vibrações sutis, com o amor que se amplia e se expande ao infinito. (ALVES, 2000: 192)

Essas experiências foram fundamentais, para que posteriormente viéssemos a definir com clareza os objetivos do nosso grupo. Mas o que é objetivo?

Procurando auxílio no dicionário, encontramos as seguintes definições:

Objetivo: Fim. Objeto que se quer atingir.

Objeto: Coisa. Motivo. Finalidade.

Finalidade: fim a que se destina uma coisa; objetivo; alvo.

O objetivo é a bússola norteadora de qualquer trabalho, como vimos acima, o alvo que se quer atingir. Se não sabemos claramente aonde queremos chegar, não chegaremos a lugar algum ou andaremos qual barco sem rumo ora se dirigindo a uma direção, ora a outra, seguindo a livre vontade do vento.

Como disse anteriormente, a partir de várias vivências que nos fizeram refletir sobre os objetivos da dança na casa espírita e estudando obras da codificação referente à arte, elegemos como objetivo primeiro do grupo a reforma íntima:

O objetivo essencial da arte, já dissemos, é a busca e a realização da beleza; é ao mesmo tempo, a busca de Deus, uma vez que Deus é a fonte primeira e a realização perfeita da beleza física e moral. Quanto mais a inteligência se purifica, se aperfeiçoa e se eleva, mais se impregna da ideia

do belo. O objetivo essencial da evolução será, portanto, a busca e a conquista da beleza, a fim de realizá-la no ser e em suas obras. Tal é a regra da alma em sua ascensão infinita. (DENIS, 1994: 9)

A interpretação pessoal que fazemos do trecho acima, do livro *O Espiritismo na Arte*, de Léon Denis, é que o objetivo essencial da arte repousa na melhoria íntima. Quando ele afirma que “o objetivo essencial da evolução será, portanto, a busca e a conquista da beleza, a fim de realizá-la no ser e em suas obras”, entendemos que a realização da beleza no ser não pode estar senão voltada para a melhoria interior, para a reforma íntima, visto que o corpo físico é perecível e só o espírito é eterno. Da mesma forma quando se refere à realização da beleza “em suas obras”. Nossas obras são o reflexo do que somos, e só refletirão a beleza à medida que esta cumprir-se em nós.

Isto porque, para conceber, para produzir obras geniais, capazes de elevar as inteligências até o máximo do pensamento, até o ideal de beleza perfeita, é necessário primeiramente criar-se a si mesmo, edificar sua própria personalidade e torná-la suscetível de provar, de compreender os esplendores da vida superior e a harmonia eterna do mundo. Que forças, que luzes, que consolações, que esperanças podemos passar às outras almas se não temos em nós próprios senão obscuridade, dúvida, incerteza e fraqueza? (DENIS, 1994: 87)

O trabalho do Grupo Espírita de Dança Evolução se desdobrava em vários núcleos divididos por faixa etária para facilitar o trabalho com a técnica de dança e os interesses e necessidades de cada idade. Nesta época, o grupo já contava com vários integrantes-professores, que ministravam aulas de dança nestes núcleos. A existência de um objetivo comum, claro para todos os integrantes, possibilitava um

trabalho em uníssono, sem notas dissonantes aqui ou acolá. Também servia de alerta constante para que buscássemos em nossas coreografias o reflexo desse ideal, nos afastando do culto à vaidade e ao orgulho ainda tão presentes em nós.

Acreditamos que a “reforma íntima” resume em si muitos dos objetivos que possamos traçar para a arte na casa espírita. À medida que nos esforçamos em nossa melhoria interior, vamos gradualmente sintonizando com vibrações de teor mais elevado, despertando o potencial divino latente em nós. Segundo ALVES, o sentimento corresponde a estado vibratório que se amplia e se desenvolve. Na medida em que se emitem vibrações, sintoniza-se com vibrações de teor semelhante e mais se desenvolve. Além disso, afirma que

Existem estados vibratórios ou sentimentos que o intelecto apenas, por si só, não atinge. Energias espirituais superiores vibram em nível superior e para senti-las é preciso entrar em sintonia. Apenas com a razão, com o intelecto, não conseguiremos elevar nosso padrão vibratório para sentir tais vibrações sutis. A arte, contudo, nos permite atingir esses estados superiores, elevando nossa vibração. (ALVES, 2000: 193)

Tendo a reforma íntima por finalidade do grupo espírita de dança, o objetivo da apresentação coreográfica passa a ser o “doar-se”. A apresentação ganha um novo sentido que vai além da demonstração técnica, da divulgação da doutrina, mas atinge o campo da vibração, a ação sem palavras, o diálogo de alma para alma.

Isso que nos moveu a realizar uma apresentação na Clínica Psiquiátrica Antônio Luiz Sayão, em Araras/SP. Todos estávamos cientes de que os espíritos encarnados que ali se encontravam em corpos mutilados, desequilibrados mentalmente, não receberiam nossa mensagem pelos sentidos

comuns, mas pela energia, pela vibração, pelo contato espírito a espírito que a arte ali estabelecerá.

A transmissão do conteúdo espírita-cristão também é elemento importante, mas não um fim em si mesmo. A maior propaganda que podemos fazer da Doutrina Espírita é nossa própria modificação. De que adianta nos aplicarmos fervorosamente na difusão do espiritismo por meio da arte, se não nos aplicarmos a vivenciá-lo em nós mesmos? É claro que a Doutrina Espírita estará presente como temática central nas coreografias dos grupos espíritas de dança, mas, como já afirmamos em textos anteriores, sua força pousará na transformação moral já alcançada. Fácil é ludibriarmos sobre nossa verdadeira moradia espiritual pelas aparências da carne, mas difícil é escondermos a vibração que emanamos, campo em que as máscaras caem e as transparências revelam.

Nenhum caminho é igual a outro não há rima perfeita nem em versos alexandrinos, mas todos os sonhos são voláteis às seis da manhã. (SIMÃO DE MIRANDA)

A dança na casa espírita se desdobra em inúmeras possibilidades, como as demais linguagens artísticas – música, teatro, literatura, artes plásticas. Da criança ao idoso, ela propicia uma gama de vivências significativas nos aspectos educativo, terapêutico, social e espiritual, sem contar os benefícios físicos e psíquicos proporcionados por ela.

Segundo NANNI (1995), na Grécia a dança constituía parte fundamental da educação; realizada de várias formas, era empregada a partir de cinco anos até o limiar da velhice.

Entre as civilizações primitivas, vemo-la ligada aos rituais, ao êxtase, como elemento de ligação com o divino. Em diferentes períodos da humanidade podemos ver essa relação

que ela estabelece com a religiosidade, ora intensificando-a, ora se desligando quase por completo, refletindo o pensar, o sentir, o querer de um povo, de uma época.

Iluminada pelo conhecimento espírita, mostra-se como elemento de ligação com Deus, de sensibilização, de estímulo à capacidade criativa, de elevação de padrões vibratórios, dentre tantos outros.

A dança, a arte de forma geral, é sem dúvida elemento valioso dentro da casa espírita, que se utilizado eficazmente canalizará energias para o bem e belo, propiciando elevação e renovação.

Não há dúvida de que a arte produz fortes estímulos a fortalecer e impulsionar nossas energias para o bem e para o belo, despertando nossas energias superiores, trabalhando nossa vontade, nosso querer para o melhor, para o belo, para o nobre, para o superior. Ao mesmo tempo a arte permite oferecer oportunidade de experiências variadas atendendo às tendências e aptidões individuais. A música, a dança, o teatro, as artes plásticas, a literatura, formam ambiente de nível superior a tonificar o Espírito, alimentando suas tendências para o melhor e estimulando as regiões superiores da alma, o germe da perfeição, a essência divina que se desenvolve gradativamente em todos nós. (ALVES, 2000: 47)

No campo da evangelização espírita infantil direcionará a vontade a ideais superiores, será veículo de educação do sentimento, despertará o potencial criativo. A dança vem ao encontro da necessidade de movimento e expressão da criança; educativa por excelência, poderá estar presente como estratégia metodológica para se aprender um conteúdo de forma ativa e construtiva ou como oficina em um horário à parte da evangelização, propiciando vivências estéticas que se refletirão em toda a vida da criança.

Deixai que as crianças bebam nas fontes mais puras da Arte terrestre... Que elas possam exercitar a sua sensibilidade, ouvindo as melodias mais doces jamais feitas; olhando as cores e as luzes mais sutis já tecidas; declamando os poemas mais elevados jamais compostos; sentindo as produções mais próximas da divindade que o homem já atingiu. Fazei isso com todas elas e se não tiverdes no futuro todos os homens literalmente artistas, tê-lo-eis moralmente melhores e mais criativos. (INCONTRI, 1997: 215)

Dentro da experiência vivenciada no GEDE, a oficina de dança era realizada em um horário à parte do horário da evangelização, embora também estivesse presente nas aulas e em comemorações realizadas pelos evangelizadores, reunindo crianças que tinham interesse pela dança⁴. O trabalho da oficina de dança, que ocorria semanalmente e em horários pré-estabelecidos, consistia no aprendizado de técnicas específicas de dança e vivências de improvisação e criação livre, que também abrangiam temas que as crianças estavam estudando na evangelização. O ápice do processo ocorria na criação e apresentação de coreografias a partir dos temas estudados, o que também servia de estímulo ao trabalho do grupo, que se submetia a treinos e ensaios que exigiam muita disciplina, persistência e força de vontade.

Além do campo da evangelização infantil e da mocidade espírita, a dança oferece ao adulto e ao idoso as mesmas oportunidades de expressão e crescimento, alcançando também, níveis terapêuticos. María Fux, bailarina argentina e criadora da dançaterapia⁵ nos diz que a neces-

4 O Departamento de Evangelização do Instituto de Difusão Espírita oferecia várias oficinas artísticas (dança, música, teatro, artes plásticas e literatura) em horários à parte da evangelização. As crianças tinham liberdade de optar pela oficina que mais lhe despertasse o interesse. Muitas crianças faziam mais de uma oficina.

5 Dançaterapia é uma abordagem corporal voltada ao conhecimento pessoal que estimula o movimento criativo e a espontaneidade do corpo, motivando a comunicação e a integração entre as pessoas, procurando oferecer-lhes confiança para transformar o *Eu não posso* por uma

cidade do adulto expressar-se através de seu corpo é uma necessidade imperiosa, pois com o passar dos anos, o adulto, especialmente, restringe seus limites corporais e psicológicos. Afirma ainda que somente arrancando e desenvolvendo as possibilidades internas e físicas que temos, é que podemos equilibrar-nos.

Creio que a dança e o movimento, encarado no criativo que todos temos, ajudam a uma profilaxia terapêutica que deveríamos realizar diariamente.

O movimento e a possibilidade de estimulá-lo com a música, a palavra ou o silêncio, revela no espaço a psicologia profunda do indivíduo. Isto se obtém melhorando as possibilidades existentes, desenvolvendo outras e, fundamentalmente, fazendo sentir ao grupo a possibilidade criadora que há dentro de cada um de seus integrantes: deste modo é possível desenvolver não só a parte física, mas também a psíquica, estimulando-os a um reencontro que produz descarga e alegria. (FUX, 1983: 115)

A primeira experiência com adultos e idosos no Grupo Espírita de Dança Evolução, surgiu da necessidade de envolvermos mais a casa espírita e os pais dos integrantes do grupo na vivência artística, no nosso caso, a dança.

O trabalho do grupo era intenso, ensaios em finais de semana e feriados, muitas apresentações e viagens, enfim, uma proposta que exigia muita dedicação e envolvimento, nem sempre compreendida por aqueles que olhavam de fora. Embora o apoio que recebíamos da casa espírita que nos acolhia, sentíamos a necessidade da arte ser vista com a mesma dimensão das outras atividades da casa. Então,

nova atitude do corpo que diz *Sim, eu Sou Capaz*. Fundamentada na metodologia criada pela bailarina argentina María Fux e na transpessoalidade, a Dançaterapia busca utilizar os recursos artísticos, educacionais e terapêuticos da dança para encontrar as pessoas e auxiliá-las a descobrir caminhos, superar os desafios e viver mais felizes. (“O que é Dançaterapia”, disponível em <http://www.dancaterapia.com.br>)

partindo da premissa de que se a dança nos trazia tantos benefícios físicos como espirituais, também o faria aos demais companheiros da casa, não importando a idade cronológica, iniciamos o grupo adulto.

As aulas eram realizadas semanalmente e em horário pré-estabelecido e, como nos núcleos citados anteriormente, compreendiam também vivências de diferentes técnicas de dança e improvisação. O pequeno grupo formado inicialmente chamou a atenção de outros trabalhadores da casa e mais companheiros vieram espontaneamente se juntar à nova experiência. Ao propormos uma apresentação como resultado do trabalho e das vivências do grupo, num primeiro momento mostraram-se resistentes, mas a resistência inicial foi cedendo lugar à alegria, ao entusiasmo e a um envolvimento cada vez maior.

Para exemplo e admiração de todos, uma das senhoras mais idosas da casa foi uma das primeiras a integrar o grupo, ensinando-nos a todos que os limites estão mais na mente que no corpo e que a dança, vivenciada em sua totalidade, não impõe limites, senão aqueles que nós próprios nos impomos.

Nossas limitações ainda não nos permitem divisar toda a dimensão da dança na vida humana e além dela. Aqui, apresentamos um pouco da nossa experiência e das nossas reflexões particulares no campo da dança na casa espírita.

Os caminhos são muitos. Cada experiência é única e muito particular. Não existe caminho certo nem receitas a serem seguidas. A experiência se constrói dentro do contexto em que está inserida e das relações que estabelece com cada indivíduo envolvido, em determinada época e lugar. Com toda a certeza, as experiências vivenciadas no Grupo Espírita de Dança Evolução, no período de 1995 a 2004, serão diferentes das atuais e estas diferentes das

porvindouras. Cada experiência é singular, sem parâmetros para comparações, mas significativa e transformadora para cada um, dentro do seu universo particular.

Desejamos que o nosso relato contribua de alguma forma com o trabalho dos diferentes grupos, não como modelo a ser seguido, mas como pequenina semente que, levada pelo vento, dê origem a novas vivências de transformação e alegria.

Referências bibliográficas

ALVES, Walter Oliveira. *Introdução ao estudo da pedagogia espírita: teoria e prática*. Araras/São Paulo: IDE, 2000.

_____. *Prática pedagógica na evangelização: conteúdo e metodologia*. Araras/São Paulo: Instituto de Difusão Espírita, 1998.

DENIS, Léon. *O Espiritismo na Arte (Le Spiritisme dans l'Art)*. Trad. de Márcia Jotha. 2ª ed. Niterói: Publicações Lachâtre, 1994.

FUX, María. *Dança, experiência de vida*. (Danza, experiencia de vida). Trad. de Norberto Abreu e Silva Neto. 3ª ed. São Paulo: Summus, 1983.

INCONTRI, Dora. *A educação segundo o espiritismo*. São Paulo: FEESP, 1997.

NANNI, Dionísia. *Dança educação: pré-escola à universidade*. Rio de Janeiro: Sprint, 1995.

ROCHA, Ruth. *Minidicionário*. São Paulo: Scipione, 1995.

ARTE NA CASA ESPÍRITA: EDUCAÇÃO DO ESPÍRITO

Denize de Lucena

Quando se pensa em Arte na casa espírita, vem de imediato a ideia de divulgação. Esse ponto já é aceito pela grande maioria das casas. Especialmente a música e o teatro têm ocupado estes espaços.

Uma vez que o desenho, a escultura e a pintura entraram na casa espírita por via mediúnica, em geral aparecem neste formato e, talvez por isso, com menor frequência.

Geralmente ligada à evangelização e, em alguns casos, a eventos confraternizantes, a Arte aqui e ali aparece no ambiente espírita sem que necessariamente faça parte de suas atividades permanentes, com louváveis exceções de algumas casas que descobriram o grande potencial que a Arte carrega e sua atuação direta na educação do espírito.

A Arte pura é a mais elevada contemplação espiritual por parte das criaturas. Ela significa a mais profunda exteriorização do ideal, a divina manifestação do “mais-além” que polariza as esperanças da alma.

O artista verdadeiro é sempre o 'médium das belezas eternas' e o seu trabalho, em todos os tempos, foi tanger as cordas mais vibráteis do sentimento humano, alçando-o da Terra para o infinito e abrindo, em todos os caminhos, a ânsia dos corações para Deus, nas suas manifestações supremas de beleza, de sabedoria, de paz e de amor. (XAVIER, 1940: 100)¹

Fora do ambiente espírita, diversas áreas do conhecimento humano têm destacado o poder que a Arte tem em si mesma. Não como veículo, não como meio. No campo da Educação, conquistaram-se instrumentos legais que asseguram a Arte como área do conhecimento humano e indispensável no conjunto de saberes acumulados pela humanidade que devem ser ofertados às novas gerações.

Não mais se pretende desenvolver apenas uma vaga sensibilidade nos alunos por meio da Arte, mas também se aspira influir positivamente no desenvolvimento cultural dos estudantes pelo ensino/aprendizagem da Arte. Não podemos entender a Cultura de um país sem conhecer sua Arte. A Arte como uma linguagem aguçadora dos sentidos transmite significados que não podem ser transmitidos por intermédio de nenhum outro tipo de linguagem, tais como a discursiva e a científica. (BARBOSA, 2008: 17)

A Arte possui potencial em si; é o fazer a Arte pela Arte, pelo que ela pode oferecer. Porque é capaz de chegar a níveis aos quais nenhuma outra área chega, alcançando além do cognitivo níveis psicossociais, psicoemocionais e, também ao nível do perispírito, acordando lembranças que não detemos no consciente, mas que nos emocionam profundamente porque encravadas no âmago do nosso ser. É o que nos faz emocionar porque quem está em cena

1 O *Consolador*, pergunta 161.

está emocionado e manda energias através da vibração que chega em nós despertando os sentimentos adormecidos de outras experiências.

(...) agora, reconhecia que toda arte elevada é sublime na Terra, porque traduz visões gloriosas do homem na luz dos planos superiores. (XAVIER, 1944: 91)

Quando o grupo está no palco, uma energia é gerada por ele, pelas emoções, pelas cenas que ali são representadas. Essa energia rompe o espaço cênico e avança para a plateia e a envolve, captando também dela de retorno ao palco.

Todos os artistas sabemos disto.

Essa verdade se amplia quando temos a consciência de que palco e plateia são também habitados por espíritos desencarnados que participam desta troca.

O grande debate na questão da Arte e, no caso, da Dança Espírita, é a eterna questão do rótulo. Por que Dança Espírita se não há uma proposta nova, se não há uma técnica, um método ou uma série de movimentos novos?

Todo movimento artístico foi definido pela posteridade. Estamos em pleno florescer da era das Artes e, mergulhados como estamos, difícil é divisar o que fazemos. Até porque, outra grande questão é tomar a parte pelo todo. Vivemos em um país de dimensões continentais, no entanto nos referimos a questões espíritas como se fossem uma única, falamos que a casa espírita é assim, que a evangelização é desta forma, que os médiuns agem de maneira tal e que a Arte Espírita possui tal e tal intenção.

O olhar um pouquinho mais apurado e com um grama de humildade nos faz perceber que como quase tudo neste país, o movimento espírita também é plural. O fato de conhecermos alguns grupos de artes não nos habilita a dizer que a Arte Espírita está neste ou naquele caminho.

Seu advento (o Espiritismo) transformará a Arte, depurando-a. Sua origem é divina, sua força o levará a toda parte onde haja homens para amar, para elevar-se e para compreender. Ele se tornará o ideal e o objetivo dos artistas. Pintores, escultores, compositores, poetas irão buscar nele suas inspirações e ele lhas fornecerá, porque é rico, é inesgotável. (KARDEC, 1987 [1890]: 185)

Então há ou não uma Arte Espírita?

Se vamos buscar elementos que nos credenciem a rótulos, continuaremos numa discussão infrutífera.

Eu diria que há uma Arte Espírita porque há artistas que, sendo espíritas, agregam à sua Arte os conhecimentos, pensamentos e princípios da Doutrina que abraçam. Assim sendo, chamaríamos de Arte Espírita aquela que é pensada e realizada sobre as bases da Doutrina Espírita.

(...) pois que este atributo, o Belo, é tão necessário às almas em progresso quanto o Amor, visto tratar-se também de um dos atributo do Criador de Todas as Coisas, e que, sendo o Universo uma expressão da Beleza Divina, e sendo o homem destinado a se tornar imagem e semelhança de Deus, deverá igualmente comungar com o Belo, a fim de poder compreender o Universo e com ele vibrar em toda a sua arrebatadora, feérica e harmoniosa beleza. (PEREIRA, 80-1)

Muitas vezes, porém, nos atemos a falar sobre temas doutrinários em nossas coreografias e sinalizamos assim que fazemos uma Dança Espírita.

A Doutrina nos informa que somos espíritos, estamos encarnados em exercício de evolução, mantemos relação com o plano espiritual de onde nos originamos e para onde retornaremos em cada fechar de nossas existências a fim de contabilizar nosso progresso.

Em nossa estada, mantemos contato com espíritos que habitam os dois planos da vida e estes nos influenciam e são influenciados por nós.

Da mesma maneira que não somos médiuns apenas quando estamos na reunião mediúnica, não podemos lembrar dos fundamentos doutrinários apenas quando estamos nas reuniões do centro.

Assistimos uma noite à representação da ópera Oberon, (...) por detrás dos atores muitos espíritos, de humor jovial, se divertiam em arremedá-los, imitando-lhes os gestos de modo grotesco; outros, mais sérios, pareciam inspirar os cantores e fazer esforços por lhes dar energia. (...) Foi visto, (o espírito Weber, autor da ópera) daí a nada, no palco, pairando acima dos atores. Partindo dele, um como eflúvio se derramava sobre os intérpretes. (KARDEC, 1990 [1861]: 204-5)

Tomando as quatro principais linguagens artísticas podemos fazer uma espécie de subdivisão destas. O teatro por usar das palavras e as artes visuais, das formas, convidam-nos a um exercício que passa pela razão, nos provoca, embora emocione, num diálogo, um embate de ideias. Não à toa foram os principais representantes da arte grega, civilização berço da filosofia.

A música e a dança modelam seus discursos em níveis mais profundos, usam do simbólico, do abstrato, da impressão e por isso atravessam a fronteira da razão mergulhando nas misteriosas camadas do ser.

O trabalho com a dança, que se processa diretamente no corpo físico, reflete e sente refletir os arcanos do perispírito, que nos faz acordar sensações e experiências anteriores. Ao trabalharmos com a dança espírita não devemos nos furtar do amparo espiritual por meio da prece, do estudo e do bom senso.

Ele (o perispírito) vibra aos menores impulsos do espírito e transmite ao corpo físico as vibrações forçosamente reduzidas. (...) A correlação entre os dois envoltórios: físico e perispiritual, diz respeito a uma lei única, a das vibrações. (DENIS, 1994: 96-7)

Já mais de uma vez iniciei longas defesas ao uso da música espírita em nossas coreografias. Insisto que nada possuo de contrário ao cancionário popular e mesmo erudito que possuímos. Contudo, nossos conhecimentos devem ser mais profundos quando escolhemos uma música que não é espírita. Devemos investigar sua origem, seu autor, a situação na qual e para qual foi composta, a que se vincula.

As trilhas do cinema, por exemplo, costumam ser obras maravilhosas do ponto de vista musical. Geralmente orquestradas com timbres variados e compostas por quem entende do assunto. Há músicas mesmo dignas de aplausos. Sabemos, no entanto, que basta ouvirmos alguém cantarolar uma melodia conhecida e logo reconhecemos a música, pescamos na memória a letra, onde a ouvimos, uma situação por que passamos, etc. “Nossos pensamentos plasmam imagens, criam formas-pensamento que nos envolvem” já nos disse André Luiz. Nós, espíritas, entendemos muito bem este fenômeno.

O cérebro humano é apenas um instrumento do espírito, um elo entre o perispírito e o corpo físico. É aquele que guarda todas as informações vividas, todas as experiências e sensações. Nossa mente, como um mecanismo de busca, vasculha pontos de contato e é extremamente imagética. Não guardamos palavras, mas seus símbolos, seu significado.

Quando ouvimos a trilha sonora de um filme a que assistimos, imediatamente nossa mente entra em ação e nos apresenta as imagens do filme em questão. Ao escolhermos uma música de filme para dançar, precisamos então atentar para a conveniência de despertar estas imagens na plateia.

A mesma situação se dá quando escolhemos músicas populares para dançar. Se a música é conhecida, logo toda a plateia estará plasmando imagens no ambiente. A consciência deste fato nos leva ao cuidado redobrado na escolha do que dançar.

Formas coloridas de pessoas com seus instrumentos dançavam no ar, nesse palco fenomenal, executando a mais linda melodia que meus ouvidos já ouviram.

Quando ela, deslizando, aproximou-se da plateia curvando-se em saudação graciosa, as longas e lindas mãos estendidas, eu delirei. Aquilo não era real. A beleza era tanta que senti vontade de rezar.

Ela começou a dançar e dela emanavam luzes coloridas enquanto seu corpo tomava lindas e expressivas formas, desaparecendo e reaparecendo, expressando sentimentos de luz e beleza tão elevados que energias coloridas e luminosas nos atingiam e emocionavam sensibilizando-nos a alma.

E eu fiquei ali, mudo, enquanto durou aquele espetáculo inesquecível, esquecido de tudo, deixando as lágrimas correrem livremente pelo meu rosto, numa felicidade intraduzível.

Quando terminou e ela curvando-se acenou adeus, da plateia silenciosa e extasiada saiu uma energia de um rosa brilhante misturada ao lilás suave, que a abraçou com carinho. E eu, que estava na primeira fila, pude ver que dos olhos dela, brilhantes de emoção, duas lágrimas rolaram qual pérolas de gratidão e de amor. (GASPARETTO, 2002: 96-7)

Mesma regra serve para as músicas que levamos às nossas crianças e jovens.

O cancionero espírita é grandioso, vasto e diverso. Há uma infinidade de artistas de variados estilos, precisamos conhecer e prestigiar mais a música espírita. Além do que, por ser espírita, há grandes chances de já estar em sintonia

com o que queremos transmitir com nossas coreografias. Há músicas espíritas para todos os momentos e todos os gostos. Certamente acharemos uma que se encaixe no que queremos. Uma breve busca na net e mais uma vez uma infinidade de arquivos com cifras, letras e mp3 para ser baixados, são facilmente encontrados.

O movimento de arte espírita tem crescido sobremaneira. Especialmente na última década. Na área da dança podemos destacar o importante papel do Instituto de Difusão Espírita de Araras que vem promovendo anualmente a Mostra Espírita de Dança – Oficina do Espírito, evento pioneiro nesta modalidade no país.

A Pintura, a Escultura, a Arquitetura, a Poesia foram, uma a uma, influenciadas pelas idéias pagãs e cristãs. Podeis dizer se, depois da Arte pagã e cristã, haverá, um dia, a Arte espírita?

Fazeis uma pergunta que se responde por si mesma: o verme é o verme; torna-se bicho-da-seda; depois, borboleta. Que há de mais aéreo, de mais gracioso que uma borboleta? Então! A Arte pagã é o verme; a Arte cristã, o casulo; a Arte espírita será a borboleta. (KARDEC, s/d [1860]: 404)

Em outubro de 2009 a Mostra abrigou ainda o I Curso para Coreógrafos Espíritas: Dançando com a alma – O trabalho do coreógrafo no grupo espírita, numa parceria do IDE com a Abrarte.

A ideia de se fazer um curso para coreógrafos nasceu na Mostra de 2008. Os artistas presentes sinalizaram a necessidade de se unir para fortalecer e ampliar o evento e de qualificar os grupos e artistas ligados à dança espírita. O representante da Abrarte que estava presente e os participantes elaboraram a **Carta de Araras**, na qual descrevem a necessidade de que aqueles que estão à frente

ou desejam estar à frente dos grupos de Dança Espírita conheçam um pouco mais sobre esta linguagem e conheçam as proximidades, as intercessões entre esta e a Doutrina Espírita (pelo menos o que já se sabe a respeito).

Refletindo sobre a expressão da dança em nosso movimento, identificamos necessidades e caminhos a seguir, baseados nos ideais da Doutrina Espírita e capitaneados pelo desejo de expressar-se artisticamente na busca do aperfeiçoamento moral e da divulgação da Doutrina Espírita através da arte.

Reunidos em espírito de colaboração e franco debate, nós, artistas espíritas, registramos neste documento, o extrato de nossos debates, com sugestões e solicitações à Abrarte, na crença de que a reunião de ideias contribui na construção de um caminho de crescimento e aprimoramento do movimento artístico de dança.

Percebemos que as ações ligadas à dança de caráter espírita passam ainda pela necessidade de divulgação de seus princípios e de seus eventos além da qualificação de seus fazedores, necessidade inerente a todo o movimento artístico espírita.²

Desta ação, a Abrarte reuniu um grupo de seis artistas ligados à dança para formatar o curso e ministrá-lo na edição de 2009. Assim foi feito. O curso aconteceu nos três dias da Mostra, mobilizando artistas de diversas cidades do país e potencializando os conhecimentos sobre Dança e Doutrina Espírita.

Durante a Mostra, além do curso para coreógrafos e das apresentações dos grupos, há várias oficinas, painéis e atividades voltadas para a temática, reunindo um grupo de mais de uma centena de pessoas.

² Carta de Araras, 17 de agosto de 2008 (trecho).

Reunindo dois conjuntos de apóstolos, os participantes do I Curso para Coreógrafos Espíritas foram convidados a uma maratona de estudos e práticas para um processo de metamorfose. Do casulo do salão, saíram vinte e quatro borboletas com a certeza de poder colaborar na sementeira do Mestre Jesus. Finalmente reunidos no auditório, mais de uma centena de bailarinos presentes, deu-se início às apresentações. As luzes fugiram da plateia para reacenderem-se na Terra, em um lindo globo azul, protegido, erguido e evoluindo nas mãos de seres angelicais que ao ocuparem os espaços do palco nos ensinaram que a FRATERNIDADE das cores é um passo a ser dado pela Humanidade para esse novo momento. Na dobra do tempo/espço onde passado e presente perderam suas fronteiras, visitamos épocas já vividas e pudemos vislumbrar o que nos espera.

(...)

De repente, como uma torneira que se abrisse, a vibração da Arte do Movimento não cabia mais em nós, as lágrimas teimaram em cair como se se tivessem rompido os diques da alma, e identificamos que nossos sentimentos careciam chegar muito além dos limites de Araras.³

O Curso teve sua segunda edição em 2010, ampliando ainda mais o número de pessoas envolvidas e comprometidas com a Dança Espírita. Atualmente, estamos na campanha pela irradiação. Os grupos presentes nas edições do Curso foram convidados a criar blogs, a postar seus vídeos no youtube e a participarem dos eventos de Arte Espírita, em especial os realizados pela Associação Brasileira de Artistas Espíritas que vem se firmando como representando da área, inclusive junto à FEB já tendo participado de reuniões do CFN e sendo membro da comissão que preparou o documento de orientação aos espíritas sobre a Arte.

3 Borboletas revoaram em Araras, artigo disponível em <http://www.arteespirita.com.br>

Por todo país novos grupos se formam e se solidificam, e bailarinos se multiplicam. Podemos citar alguns deles que participaram das Mostras e que podem ser encontrados na net, nos blogs e/ou no youtube, lista que sempre está a crescer carente de atualização.⁴

A arte espírita tem buscado principalmente o diálogo e o intercâmbio entre os grupos e uma maior visibilidade junto às casas espíritas, estimulando também o nascimento de novos grupos.

Uma investigação despreziosa num site de buscas na web com o verbete Dança Espírita e/ou Arte Espírita pode reforçar nossa fala.

O Portal de Artes da Abrarte (www.arteespirita.com.br) tem sido, juntamente com os de outros grupos, um polo de união de informações, produtos e notícias do movimento de Arte Espírita no país, materializando um ideal que se mantinha adormecido qual semente e que agora brota possibilitando a espiritualização da Arte.

Hoje, além da Mostra de Araras, já é uma realidade o Projeto de Capacitação - Dança na Casa Espírita, em sua segunda edição em 2012, em Minas Gerais, e a 1ª Mostra de Dança Espírita do Rio de Janeiro, em setembro do mesmo ano.

O crescimento no número de grupos e a necessidade de troca de experiências e aprofundamento no estudo dialogado entre Dança e Espiritismo, gerou a ideia de uma Mostra Nacional. O planejamento de um evento nacional exigiu a reunião de várias pessoas e instituições que, atuando em formato de coordenações movem energia fraterna

4 No portal de arte espírita da Abrarte pode ser encontrado um material no qual estão listados alguns grupos com contatos dos mesmos: http://www.arteespirita.com.br/images/stories/conteudo/a_visao_espirita_da_danca.pdf

para a realização do evento, sempre que possível com a participação dos dançarinos espíritas, reunidos por meio da lista de e-mails chamada “Sapatilha”. O evento prevê momentos de estudos e vivências sobre a dança espírita, além de apresentações abertas ao público de Vitória, no Espírito Santo, onde será realizado, em novembro do ano de 2012. A expectativa é que ele possa se tornar um evento bienal, intercalado com as Mostras locais, abrindo assim oportunidade para que todo o país possa estar em pelo menos um evento ao longo do ano.

Aprendizes da Criação, os artistas sintonizados com o Mestre Nazareno, arrancam do lodo e da podridão as ovelhas perdidas de Deus e as alavancam rumo a Este, pelo encantamento, pela vibração na alma, pelo arroubo do diapasão em seus corações.

Para este concerto, foram reunidos muitos instrumentistas e técnicos de diversas áreas, e artistas que outrora não souberam utilizar seu talento a serviço do planeta. Uns e outros se somaram para esta missão, alguns da crosta e outros do invisível, de lá e de cá para que o ciclo se feche e o elo se fortaleça. Boa parte dos que deveriam laborar na terra, entre os encarnados, já iniciaram suas atividades ou se preparam para fazê-lo. Poucos ainda aguardam no plano espiritual para reencarnar nos próximos anos. Em poucas décadas já se poderá reconhecê-los entre os que mourejam nas lides espíritas, e em outras áreas, para que não falte a ninguém o convite.

O Plano de Deus é muito amplo e superior à nossa compreensão, mas, pela Sua imensa piedade, escolheu Jesus a beleza para ser o instrumento de transformação e evolução do planeta que não casualmente fez AZUL e que azul permanecerá, mas acrescido de raro brilho e encantamento.

CARIDADE ATRAVÉS DA ARTE E DA BELEZA.

Será assim a nossa renovação e todos somos responsáveis em tornar realidade a vontade de Deus. E poderia Deus ter vontade mais bela para nós?!

BENTO (Espírito)⁵

Referências bibliográficas

BARBOSA, Ana Mae. *Inquietações e mudanças no ensino da arte*. 5ª ed. São Paulo: Cortez Editora. 2008.

DENIS, Léon. *O Espiritismo na Arte (Le Spiritisme dans l'Art)*. Trad. de Márcia Jotha. 2 ed. Niterói: Publicações Lachâtre, 1994.

GASPARETTO, Zíbia. *Pare de sofrer. Pelo espírito Silveira Sampaio*. 12ª ed. São Paulo: Vida e Consciência, 2002.

KARDEC, Allan. "Arte Pagã, Arte Cristã, Arte Espírita". In.: *Revista Espírita (Revue Spirite)*./[s.l.]: EDICEL, s/d [1860].

_____. *O livro dos médiuns (Le Livre des Médiuns)*. Trad. De Guillon Ribeiro. 57ª ed. Rio de Janeiro: FEB, 1990.

_____. *Obras Póstumas (Euvres Posthumes)*. Trad. de Guillon Ribeiro. 22ª ed. Rio de Janeiro: FEB, 1987.

PEREIRA, Yvonne Amaral. *Devassando o invisível*. Pelo espírito Charles. 7ª ed. Rio de Janeiro: FEB, 1987

XAVIER, Francisco Cândido. *O Consolador*. Pelo espírito Emmanuel. 14ª ed. Rio de Janeiro: FEB, 1940.

_____. *Os Mensageiros*. Pelo espírito André Luiz. 29ª ed. Rio de Janeiro: FEB, 1944.

5 Acervo da Comunidade Arte e Paz. Disponível em <http://dancaespirita.wordpress.com/2009/08/07/caridade-arte-e-beleza/>



A SENSIBILIZAÇÃO DOS SENTIDOS

Mariângela Damiani Gonçalves

O gesto em si nada significa, seu valor reside no sentimento que o inspira, e a dança jamais terá validade, se não tiver calcada em movimentos e emoções humanas". (FAHLBUSCH, 1990: 35).

Estar constantemente sendo estimulados pelo meio e sofrendo alterações no equilíbrio global, faz com que essa inter-relação do sujeito com o espaço em que vive, exija uma autoavaliação de seu estado físico e emocional, sendo assim como propõe as questões citadas por Angel Vianna e Jacyan Castilho. (GARCIA, 2002: 17-8)

Responda sinceramente: qual é a primeira coisa que você faz quando chega a casa, após um dia de trabalho (ou mesmo de lazer)? Tira os sapatos e os joga num canto? Desabotoa a fivela do cinto? Troca a roupa suada? Corre pra

tomar um gole d'água? Ou deixa a bolsa/pasta num canto, liga a TV e se atira no sofá? Ou ainda lava as mãos e o rosto, quem sabe?

É bem provável que você, mesmo que não perceba, cumpra algum desses rituais ou outro qualquer. Seja o que for, pode apostar: a cada vez que você volta para casa, faz alguma coisa para se pôr à vontade, para estar em casa. Ou alguém fica de terno e gravata num domingo?!

Pois saiba, caso você nunca tenha pensado nisso, que a sua primeira casa, a que você tem desde que nasceu, muito antes de morar em qualquer outro lugar, é o seu corpo. Uma casa que é só sua, ocupada só por você, da maneira que você bem entende (ou pode). Você se sente à vontade no seu corpo-casa?

Observa-se que a conscientização corporal, numa relação menos formal e mais livre do movimento, interage e permite que a pessoa renove suas energias já para um maior equilíbrio emocional, além de manter uma harmonia com todo seu entorno.

Em *Teatro do Movimento*, Lenora Lobo faz uma reflexão sobre o corpo e nos diz:

No corpo circula um fluxo energético responsável pela presença de algo que transcende a sua materialidade e que chamamos de energia vital. Quando um fluxo energético, por qualquer que seja o motivo, fica estagnado em determinados pontos do corpo, prejudica o bom funcionamento do todo, gerando queda de energia, bloqueios emocionais e tensões físicas que provocam limites nas habilidades corporais e posteriormente causando doenças. (2003: 61)

Sabe-se também que a tensão não é de todo um problema, pois necessitamos dela para nos mantermos em movimento. Porém, o acúmulo de tensão em determinada parte

ou articulação do corpo é que vai interromper a fluência da energia, limitando a flexibilidade das articulações, tornando os músculos mais rígidos e criando anéis de tensão. Para BERTAZZO:

(...) o conceito de organização motora pede distribuição do tônus, e não relaxamento. Para ficarmos em pé é necessária uma justa organização muscular. (1998: 15)

A própria palavra Dança em todas as línguas européias – danza, dance, tanz – deriva da raiz *tan* que, em sânscrito, significa “tensão”. Para GARAUDY:

Dançar é vivenciar e exprimir, com o máximo de intensidade, a relação do homem com a natureza, com a sociedade, com o futuro e com seus deuses. (1980: 14)

Complementando o que vem sendo abordado, pode-se afirmar que o corpo é o veículo pelo qual nos expressamos e é por meio do movimento corporal que as pessoas se comunicam, interagem, sentem tudo que está a sua volta e essas sensações são percebidas.

Vivemos numa sociedade em que o movimento corporal expressivo não faz parte dos padrões educacionais, assim como FUX chama a atenção para o fato de que

Quando somos crianças necessitamos mover-nos porque movendo-nos expressamos nossa vontade de rir, de chorar ou de brincar. À medida que crescemos nosso corpo passa pelos tabus de uma civilização que corrompe nossa necessidade de expressão, perde cada vez mais o desejo de mobilização. (1983: 93)

Grande parte dos problemas vivenciados no dia a dia é interiorizado deixando registros no nosso corpo. Não só o corpo é afetado, como também o processo emocional, intelectual e os reflexos sofrem esta pressão. Inclusive os bloqueios emocionais acabam interferindo até mesmo na respiração, sem que se percebam os movimentos do cotidiano quase que compulsivamente numa espécie de automatização gestual. Alguns movimentos como pegar um objeto, se abaixar ou mesmo levantar da cama necessitam de uma organização muscular que precisa ser respeitada. BERTAZZO nos diz que

(...) devemos respeitar os biótipos, a reconhecer que determinações genéticas, ação do meio ambiente, educação, influências socioculturais, atitudes de trabalho, traumas de percurso etc., interferem na construção e funcionamento do nosso corpo. (1998: 16)

Nesse sentido, pode-se dizer que cada pessoa é formada de acordo com os estímulos que recebe ao longo de sua existência. Vivências prazerosas contribuem para novas descobertas gerando impulsos positivos que leva o sujeito a autopercepção.

A partir dessa consciência interna do movimento que poderemos então conceitualizar o espaço exterior e estabelecer relação com ele e com objetos e seres que nos rodeiam (BERTAZZO, 1998: 23).

Desta forma trabalha-se com diversas formas de experimentação, estimulando os sentidos gerando sensações que fortalecem o indivíduo em sua aceitação dentro de uma sociedade produtora de estereótipos físico-corporais em que os valores externos se sobrepõem aos valores morais e éticos.

É importante trabalhar a aceitação do sujeito em relação a seu próprio corpo e a toda sua capacidade criativa, respeitando as relações interpessoais. É neste momento que a dança assume uma importância benéfica no resgate da autoestima para desenvolver uma maior relação com o seu meio. É muito comum a pessoa rejeitar tocar e ser tocada numa aula ou atividade corporal, onde o expressar-se coletivo exige uma maior relação interpessoal. Então, torna-se necessário ampliar os sentidos do corpo, proporcionando maior qualidade nas explorações sensoriais.

Experimentar o prazer do movimento criativo com sensibilidade proporciona benefícios de forma global ao indivíduo. Desta forma, percebe-se que cada atividade pragmática adquire uma nova qualidade na sua forma de manifestação, como no dormir, no acordar e nas demais tarefas do dia a dia. Inclusive, LABAN reforça a possibilidade de trabalhar com a pessoa, acreditando na sua predisposição evolutiva em relação ao movimento corporal, quando diz que

O homem tem a capacidade de compreender a natureza das qualidades e de reconhecer os ritmos e as estruturas de suas sequências. Tem a possibilidade e a vantagem do treinamento consciente, que lhe permite alterar e enriquecer seus hábitos de esforço até mesmo sob condições externas desfavoráveis. (1978: 38)

Utilizamos primeiramente como estímulos de nossas aulas de conscientização corporal as dinâmicas de grupo e podemos observar nessas atividades que os alunos se libertam do seu individualismo, relacionando-se uns com os outros, proporcionando desta forma a integração do grupo e maior desenvolvimento nos trabalhos que serão propostos.

Segundo FRITZEN:

Exercícios procuram despertar nas pessoas o sentido da solidariedade, adormecidos pelo individualismo e pelo egoísmo. Outros, ainda, buscam mais diretamente uma colaboração efetiva, afastando a frieza, o indiferentismo, a agressividade, o desejo de dominação, o tratamento da pessoa como objeto. Aparecem ainda exercícios que provocam um “insight” pessoal. Apresentam a pessoa como ela é realmente, com suas limitações, deficiências, habilidades, tendências positivas e negativas. Há, enfim, jogos que demonstram maturidade grupal, o grau de abertura de harmonia, e o ambiente de amizade, de sinceridade, de confiança e colaboração. (2000: 08)

Para complementar, consideramos importante o enfoque dado por MIRANDA, valorizando a dinâmica de grupo na descoberta de si mesmo e do outro, proporcionando uma ação motivadora dentro da educação:

A dinâmica de grupos proporciona aprendizagens diversas aos membros do grupo, tanto no sentido da vivência pessoal (autoconhecimento), como na interpessoal (percepção do outro). (...) A educação com John Dewey, que vislumbrou o preparo dos alunos para a vida social, rompendo com a absoluta tradição de transmissão de conhecimentos e fundando a concepção de professor como líder de um grupo, que influi na aprendizagem, não apenas pelo domínio teórico, mas também pela habilidade de motivar os alunos, estimular a participação e criar entusiasmo. (2000: 13-4)

É desta forma que se constrói uma identidade consciente de suas ações diante do mundo, em relação com o outro para uma melhor qualidade de vida dentro da sociedade atual.

Referências bibliográficas

BERTAZZO,IVALDO. *Cidadão corpo: identidade e autonomia do movimento*. São Paulo: Summus, 1998.

FAHLBUSCH, Hannelore. *Dança moderna e contemporânea*. Rio de Janeiro: Sprint, 1990.

FRITZEN, SILVINO JOSÉ. *Exercícios práticos de dinâmica de grupo*. Petrópolis: Ed. Vozes, 2000.

FUX, MARIA. *Dança, experiência de vida*. São Paulo: Summus, 1983.

GARAUDY, ROGER. *Dançar a vida (Danser sa vie)*. Trad. de Antônio Guimarães Filho e Glória Mariani. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

GARCIA, REGINA LEITE (org). *O corpo que fala dentro e fora da escola*. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

LABAN, RUDOLF. *Dança educativa moderna. (Modern educational dance)*. Trad. de Maria da Conceição Parahyba Campos. São Paulo: Ícone, 1990.

_____. *Domínio do movimento. (The mastery of movement)*. Trad. de Anna Maria Barros de Vecchi e Maria Sílvia Moura Netto. São Paulo: Summus, 1978.

LOBO, LENORA. *Teatro do movimento: um método para um intérprete criador*. Brasília: LGE, 2003.

MIRANDA, SIMÃO DE. *Oficina de dinâmica de grupos para empresas, escolas e grupos comunitários*. Campinas: Papirus, 2000.

APÊNDICE

SOBRE OS AUTORES

Daniela Luciana P. Soares

Natural de Araras/SP. Técnica em Ballet Clássico, com formações complementares em jazz e dança contemporânea. Graduada em Pedagogia – UNESP/Rio Claro; Especialista em Educação Musical e Pedagogia do Movimento para o Ensino da Dança pela UFMG/Belo Horizonte. Professora com experiência na educação infantil, fundamental, especial, ensino médio e ensino superior. Coordenadora do Grupo Espírita de Dança Evolução de 1995 a 2004; Co-Fundadora do Grupo Reforma Íntima de Vitória/ES em 2006; Coordenadora do Grupo Espírita de Dança Iluminar de 2008 a 2010 em Ribeirão das Neves/MG. Idealizadora da I Mostra Espírita de Dança “Oficina do Espírito”, atuando como coordenadora de 2001 a 2004. Coordenadora da I Mostra Espírita de Dança “Novos Horizontes” – 2011 em Belo Horizonte. Idealizadora e coordenadora do Projeto de Capacitação – “Dança na Casa Espírita” iniciado em 2011 e que está em sua segunda edição - 2012. Atualmente é professora temporária do Departamento de Fotografia, Teatro e Cinema da Escola de Belas Artes da UFMG, na faculdade de Dança 2012/2013. Criadora e coordenadora do “Trans-Forma” Cia Espírita de Dança em Belo Horizonte, Junho de 2012. **Contato** – almanova@ig.com.br

Denize Moura Dias de Lucena

Técnica em Recreação Coreográfica e Bailarino para corpo de Baile pela FUNCEB – BA, Licenciada em Artes Cênicas pela UFBA - BA, espírita desde 1995, é sócia-fundadora da Comunidade Arte e Paz – BA, tendo feito parte de sua diretoria e diversos outros setores. Compõe desde 2010 a Coordenadoria de Dança Espírita da Abrarte, sendo também sócia-fundadora desta associação. Atualmente reside em Curitiba/PR, trabalhando profissionalmente com Artes, Dança e Teatro. **Contato:** denizedelucena@gmail.com

Eneida Gomes Nalini de Oliveira

Professora de Literatura e Língua Inglesa (metodologia e prática) graduada pela Universidade de Franca (Unifran). Especialista em Língua Inglesa e Literaturas, coordenadora dos cursos de Letras na modalidade EAD, mestre e doutoranda na área de linguística. Participante ativa do Instituto Arte & Vida, da cidade de Franca-SP, desde a sua fundação como atriz, diretora, monitora e coordenadora de trabalhos desenvolvidos no Instituto, inclusive na área de dança. Formada em curso profissionalizante de ballet clássico pelo Instituto Musical Ars Nova, da cidade de Franca. Estudiosa na área de dança e suas diversas modalidades. **Contato:** eneidanalini@yahoo.com

Mariângela Damiani Gonçalves

Licenciada em Artes Visuais pela Universidade Metodista do Rio, formada em ballet clássico, dança moderna, jazz dance, danças afrobrasileiras e dança flamenca, é bailarina profissional desde 1980. Pós-graduada em dança/educação na Universidade Castelo Branco. Leciona Artes Visuais e dança em escolas. Espírita desde 1987, é evangelizadora de jovens e atua como coordenadora e coreógrafa do Grupo de Dança Espírita Crisálida. **Contato:** marigoncales@yahoo.com.br

Paula Salles

Especialista em Estudos Contemporâneos em Dança, pela UFBA – BA, Bacharel e Licenciada em Dança pelo Instituto de Artes da Universidade Estadual de Campinas/SP, atua como intérprete criadora de dança contemporânea com temática espírita desde 2002, quando passou a frequentar a Casa de Oração Fé e Amor, em Campinas e, posteriormente, integrar seu grupo de teatro Eurípedes Barsanulfo. **Contato:** pauletesalles@ig.com.br

Paulo César Silva

Iniciou na casa espírita através do Grupo Espírita de Dança Evolução – GEDE, no Instituto de Difusão Espírita – IDE, na cidade de Araras/SP, atuando como bailarino e junto à coordenação da Mostra Espírita de Dança. Bacharel e Licenciado em Dança pela Universidade Federal de Viçosa, trabalha profissionalmente com o Grupo Êxtase de Dança Contemporânea, naquela cidade. **Contato:** pcdanca@yahoo.com.br / rehebueno@yahoo.com (Renata Bueno)



Impressão e acabamento:
Gráfica Itapuã

Dentro de sua proposta institucional de fomentar o desenvolvimento da Arte Espírita, é com alegria que a Abrarte apresenta ao leitor a presente obra.

Trata-se de uma coletânea de artigos de companheiros há muito tempo comprometidos com o desenvolvimento da atividade artística, mais especificamente a Dança, perante o saber espírita.

Dançando com a Alma não traz fórmulas prontas, nem pretende dar a palavra final sobre o assunto. Antes, propõe-se a trazer reflexões sobre esta importante manifestação cultural da humanidade – tão antiga quanto as demais expressões artísticas – sob as luzes do Consolador prometido pelo Cristo.

ISBN 978-85-65641-01-2



9 788565 641012